

HARUKI MURAKAMI



**Sul da fronteira,
oeste do sol**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a Obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.com](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



HARUKI MURAKAMI

**Sul da
fronteira,
oeste
do sol**

Tradução e posfácio de Rita Kohl



ALFAGUARA


Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

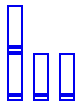
13

14

15

Posfácio

Créditos





Eu nasci no dia 4 de janeiro de 1951. Na primeira semana do primeiro mês do primeiro ano da segunda metade do século xx. Pode-se dizer que é uma data digna de comemoração. Por isso, recebi o nome Hajime, que significa começo. De resto, não há nada notável em relação ao meu nascimento. Meu pai trabalhava em uma grande empresa de corretagem e minha mãe era uma dona de casa comum. Meu pai foi recrutado para o serviço militar quando estudante e enviado para Singapura, e depois da guerra passou um tempo em um campo de prisioneiros. A casa da minha mãe foi atingida pelas bombas de um B-29 e destruída pelo fogo, em 1945. Ambos pertenciam à geração marcada pela longa guerra.

Mas, quando eu nasci, os ecos desse período já estavam muito fracos. Onde eu morava não havia ruínas de incêndios nem forças de ocupação. Vivíamos numa cidadezinha tranquila, em um imóvel fornecido pela empresa de meu pai. Uma casa construída antes da guerra, um pouco velha, mas bem espaçosa. O jardim tinha grandes pinheiros, lanternas de pedra e até um pequeno lago.

Morávamos em um subúrbio metropolitano de classe média incrivelmente comum. Todos os colegas de quem fui próximo nesse período viviam em casas relativamente bonitas. O tamanho podia variar um pouco, mas todas tinham halls de entrada e jardins, e nesses jardins cresciam árvores. A maior parte dos pais dos meus colegas trabalhavam em escritórios ou eram profissionais especializados. Famílias nas quais a mãe também trabalhava eram raríssimas. Quase todas as casas tinham um cão ou gato de estimação. Eu não conhecia ninguém que morasse em um apartamento, grande ou pequeno. Mais tarde, me mudei para outro lugar próximo dali, onde a vida era praticamente idêntica. Então, até entrar na faculdade e me mudar

para Tóquio, eu achava que todas as pessoas normais iam para o escritório de terno todos os dias, viviam em casas com quintal e tinham ou um gato, ou um cachorro. Eu não conseguia imaginar, pelo menos não concretamente, outro tipo de vida.

As casas costumavam ter duas ou três crianças. No mundo em que eu vivia, esse era o número médio de filhos que um casal tinha. As famílias de todos amigos de quem consigo me lembrar, desde a infância até a adolescência, se encaixavam nesses padrões. Se não fossem dois filhos, eram três. Se não fossem três, eram dois. Famílias com seis ou sete filhos eram raras, mas famílias com um só filho eram ainda mais incomuns.

Entretanto, eu não tinha irmãos. Era filho único. E, ao longo de toda a juventude, isso me causou um tipo de complexo. Eu era uma criatura anômala naquele mundo, a quem faltava algo que todos consideravam natural.

Quando criança eu odiava essa expressão: “filho único”. Ela parecia reforçar aquilo que eu não tinha. Me apontavam o dedo. *Você é incompleto, cara!*

Naquele mundo, reinava inabalável a crença de que filhos únicos são crianças mimadas pelos pais, franzinas e terrivelmente egoístas. Isso era visto como um fato da natureza, da mesma forma que a pressão do ar é menor no alto das montanhas ou que as vacas dão leite. Por isso, eu odiava quando alguém me perguntava quantos irmãos eu tinha. Bastava eu responder que não tinha irmãos para meu interlocutor pensar: “Ah, então esse aí é mimado, franzino e egoísta”. Essa visão estereotipada me irritava e me feria. Mas o que me irritava e me feria mais profundamente naquela época é que essa era a mais pura verdade. Eu era mesmo um menino mimado, franzino e terrivelmente egoísta.

Na minha escola, filhos únicos eram criaturas raríssimas. Durante os seis anos do primário, só conheci uma criança além de mim que não tinha irmãos. Só uma. Eu me lembro muito bem dela (era uma menina). Ficamos amigos e conversávamos muito. Posso dizer que realmente nos conectamos. Penso que cheguei a amá-la.

Seu sobrenome era Shimamoto. E mancava da perna esquerda, pois tivera poliomielite ainda bebê. Para completar, ela tinha sido transferida para a nossa escola no meio do curso (no final do quinto ano). Então, eu diria que ela carregava um fardo emocional muito mais pesado do que o meu. Mas esse fardo fizera dela uma filha única muito mais resiliente do que eu, com muito mais autocontrole. Ela nunca se lamentava. Não apenas não manifestava seu desagrado em palavras, como também não o deixava transparecer em suas expressões. Sorria sempre, mesmo quando acontecia algo ruim. Chego a pensar que, quanto mais desagradável fosse a situação em que se encontrava, mais ela sorria. Era um sorriso incrível, que muitas vezes me serviu de consolo e incentivo. “Tudo bem”, parecia dizer. “Tá tudo bem. É só você aguentar um pouquinho mais, e isto também vai passar.” Por isso, sempre que me lembro do rosto de Shimamoto, é esse sorriso que me vem à mente.

Shimamoto tirava boas notas e era, de maneira geral, justa e gentil com todos. Ela era uma figura bastante respeitada dentro da sala. Nesse sentido, ela era bem diferente de mim, apesar de também ser filha única. No entanto, eu não diria que os colegas tinham um apreço incondicional por ela. Ninguém a maltratava ou zombava dela, mas ela não tinha nenhum amigo de verdade, além de mim.

Acho que ela devia ser tranquila demais, controlada demais para eles, o que poderia ser visto como frieza e arrogância. Mas eu conseguia sentir que, por trás daquela fachada, se escondia algo terno e sensível. Estava escondido bem no fundo dela mas, como uma criancinha brincando de esconde-esconde, esperava ser descoberto algum dia. Essa sombra despontava, volta e meia, nas suas palavras e no seu rosto.

Shimamoto já havia mudado de escola muitas vezes, por causa do trabalho do pai. Não lembro direito o que ele fazia. Ela me explicou em detalhes uma vez mas, assim como a maioria das crianças, eu não ligava muito para a profissão dos pais dos

meus amigos. Sei que era um trabalho especializado, algo a ver com bancos, ou a receita federal, algo assim. A casa para a qual ela se mudou também pertencia à empresa do pai, mas era bem grande, em estilo ocidental, cercada por um belo muro de pedra que batia na altura do quadril. Acima desse muro crescia uma cerca viva de vegetação perene, por cujas frestas dava para espiar o gramado no interior.

Shimamoto era uma menina de feições marcantes e constituição grande. Tinha praticamente a minha altura. Mais tarde, provavelmente, se tornaria o tipo de beldade que atrainha olhares aonde for. Mas, quando eu a conheci, ela ainda não tinha uma aparência que fizesse jus à sua personalidade. Havia nela certa desarmonia que fazia com que a maioria das pessoas não a considerasse bonita. Acho que talvez fosse porque coexistiam dentro dela partes que já eram apropriadas para uma mulher adulta e partes que queriam continuar sendo criança, e ambas não se conectavam muito bem. Às vezes, esse tipo de desarmonia deixa as pessoas aflitas.

Morávamos muito perto um do outro (a casa dela ficava literalmente em frente à minha), e talvez por isso, durante seu primeiro mês na nova escola, os professores a fizeram sentar ao meu lado. Expliquei a ela todos os detalhes necessários para o dia a dia na escola. Falei sobre os livros didáticos, as provas semanais, o material usado em cada aula, onde estávamos em cada matéria, como funcionava o revezamento para limpar a sala e servir as refeições, esse tipo de coisa. Era costume na minha escola que os alunos novos fossem orientados por alguém que morasse próximo deles. No caso de Shimamoto, o professor me chamou e pediu que eu a tratasse com atenção especial, por causa de sua perna ruim.

Nos primeiros dias, ficamos desconfortáveis e acanhados, como qualquer criança de onze ou doze anos diante de um desconhecido do sexo oposto. Mas, quando descobrimos que éramos ambos filhos únicos, nossas conversas se tornaram muito mais animadas e íntimas. Era a primeira vez que conhecíamos outro filho único. Passamos a discutir, com grande

fervor, como era não ter irmãos. Tínhamos muito a dizer sobre o assunto. Também voltávamos juntos da escola — não todo dia, mas quando calhava de nos encontrarmos na saída. Nesses dias falávamos sobre muitos assuntos, caminhando devagar (tinha de ser devagar, por causa da perna dela) por cerca de um quilômetro. Descobrimos que havia muito em comum entre nós. Gostávamos de ler. Gostávamos de ouvir música. De gatos. Éramos ruins em explicar nossos sentimentos para as pessoas. A lista de alimentos que não comíamos era bastante longa. Estudar assuntos que nos interessavam não era nenhum sofrimento, mas estudar para as matérias de que não gostávamos era terrível. A grande diferença entre nós era que ela fazia um esforço consciente para proteger a si mesma. Dedicava-se inclusive às matérias de que não gostava e tirava notas muito boas. Eu, não. Quando serviam no almoço da escola alguma comida que não era do seu agrado, ela comia mesmo assim. Eu, não. Em outras palavras, a muralha que ela construía como autodefesa era muito mais alta e resistente do que a minha. Mas o que havia no interior dessa muralha era surpreendentemente parecido comigo.

Eu logo me habituei a estar sozinho com Shimamoto. Essa era uma experiência nova para mim. Quando estava com ela eu não sentia a mesma inquietação nervosa de quando estava com outras meninas. Gostava de acompanhá-la até em casa. Shimamoto caminhava arrastando um pouco a perna esquerda. Às vezes, se sentava no banco de um parque para descansar. Mas isso nunca me incomodou. Pelo contrário, eu até me alegrava em demorar um pouco mais.

Assim, nós dois estávamos sempre juntos, mas não tenho memória dos colegas zombarem de nós por causa disso. Na época isso nem passou pela minha cabeça, mas hoje acho um pouco surpreendente que não tenha acontecido. Afinal, crianças dessa idade costumam reparar e fazer alarde quando um menino e uma menina ficam mais próximos. Acredito que, se não faziam isso, era devido à personalidade de Shimamoto. Havia algo nela que deixava as pessoas ao redor um pouco tensas. Tinha uma

aura que avisava: “Melhor não falar bobagem pra essa menina”. Até os professores às vezes pareciam um pouco nervosos ao falar com ela. Talvez isso tivesse a ver com sua perna ruim. Seja como for, todos pareciam achar que não seria apropriado zombar dela, o que, indiretamente, foi uma sorte para mim.

Por causa de sua perna, Shimamoto não participava das aulas de educação física. Também faltava nas excursões ou trilhas nas montanhas, ou em coisas como o acampamento de natação durante o verão. Nos dias de gincana, parecia deslocada. Mas, de resto, ela levava uma vida normal de estudante de escola primária. Raramente mencionava a perna. Eu não me lembro de nenhuma vez em que tenha falado dela. Quando voltávamos juntos da escola ela não pedia desculpas por andar devagar nem dava a entender que se sentia mal por isso. Mas eu sabia que a perna a incomodava e que era justamente por isso que ela não tocava no assunto. Não gostava de ir   casa de outras pessoas, pois tinha que descal ar os sapatos na entrada. Seus sapatos tinham formato e altura um pouco diferentes entre si e ela não queria que as pessoas reparassem. Deviam ser feitos sob medida. Percebi isso porque, ao chegar em casa, a primeira coisa que ela fazia era guardar os sapatos na sapateira que ficava na entrada.

Na sala de sua casa havia um aparelho de som estéreo de último modelo, e eu ia l  bastante para ouvir música. Era um aparelho excelente. A coleção de discos do pai de Shimamoto, no entanto, não era tão boa assim, devia ter no máximo uns cinquenta volumes. A maior parte era música clássica light, para iniciantes. Escutamos esses cinquenta LPs incontáveis vezes. Até hoje, me recordo exatamente de cada nota deles.

Era Shimamoto quem mexia nos discos. Ela tirava o LP da capa, usava as duas mãos para colocá-lo sobre o prato da vitrola, atenta para não encostar os dedos nas ranhuras, depois limpava a poeira do cartucho com um pequeno pincel e baixava, devagar, a agulha. Quando o vinil chegava ao fim, ela passava um spray antipoeira no disco e o secava com um feltro. Então o guardava de volta na capa e devolvia para o lugar original na

estante. Fazia todos esses passos, que devia ter aprendido com o pai, com uma expressão tremendamente séria. Estreitava os olhos e chegava até a conter a respiração. Sentado no sofá, eu assistia a seus movimentos. Só depois de recolocar o disco em seu lugar, ela me olhava e dava seu pequeno sorriso de sempre. E todas as vezes eu pensava que o que ela estava manuseando não devia ser apenas um disco, mas um vidro contendo a alma delicada de alguém.

Na minha casa não havia vitrola nem discos. Meus pais não ligavam muito para música. Então eu vivia no meu quarto grudado a um radiozinho AM de plástico, ouvindo música. Costumava ouvir rock ou coisas do gênero. Mas logo aprendi a gostar da música clássica que ouvia na casa de Shimamoto. Aquela música pertencia a outro mundo, e talvez o que mais me atraísse nesse mundo era o fato de Shimamoto fazer parte dele. Uma ou duas vezes por semana eu sentava no seu sofá e, tomando o chá preto que a mãe dela nos servia, passava a tarde escutando aberturas de Rossini, a *Pastoral* de Beethoven, *Peer Gynt*. Sua mãe gostava quando eu a visitava. Ela parecia contente por ver que a filha tinha feito um amigo na nova escola em tão pouco tempo, e também devia ficar satisfeita por eu ser um menino comportado e estar sempre arrumadinho. No entanto, para falar a verdade, eu não conseguia simpatizar com ela. Ela nunca fez nada concreto que me desagradasse, sempre me tratou com gentileza. Mas sua voz tinha algo de irritadiço que às vezes me deixava desconfortável.

O disco que eu mais gostava na coleção do pai de Shimamoto era de concertos para piano de Liszt. O lado A tinha o *Concerto nº 1* e o lado B, o *Concerto nº 2*. Eu gostava dele por duas razões. Primeiro porque a capa do disco era muito bonita, e segundo porque eu não conhecia ninguém — fora Shimamoto, é claro — que conhecesse os concertos para piano de Liszt. Essa ideia me causava certa empolgação. Era um mundo que ninguém ao meu redor conhecia, só eu. Como um jardim secreto no qual só eu podia entrar. Para mim, ouvir esses concertos de Liszt

significava nada menos do que me alçar a um novo patamar da vida.

E, além disso, eram músicas muito bonitas. No começo, me pareceram composições exageradas, técnicas demais, meio erráticas. Mas, depois de escutá-las várias vezes, elas foram tomando forma na minha mente, como uma imagem turva que vai, pouco a pouco, ganhando foco. Quando escutava concentrado, de olhos fechados, enxergava vários redemoinhos girando naquelas composições. Um redemoinho surgia e, a partir dele, brotava mais um, que depois se conectava a mais outro. Hoje em dia, percebo que esses redemoinhos eram algo conceitual, abstrato. Eu queria contar a Shimamoto sobre eles, mas não era o tipo de coisa que eu poderia explicar usando as palavras comuns do dia a dia. E eu também não sabia se valia a pena tentar explicar para outra pessoa essas coisas que eu sentia.

Infelizmente, não me lembro do nome do pianista que tocava essas composições de Liszt. Só me lembro da capa colorida e bonita e do peso do disco. Era tão espesso e pesado que chegava a ter um ar de mistério.



Além da música clássica, havia na coleção da casa de Shimamoto um disco de Nat King Cole e um de Bing Crosby. Ouvimos esses dois discos inúmeras vezes. O de Crosby era uma coletânea de músicas natalinas, mas nós a escutávamos em qualquer estação. Hoje, acho incrível a gente não ter enjoado deles.

Certo dia, perto do Natal, eu e Shimamoto estávamos na sala da casa dela. Sentados no sofá, como sempre, ouvindo música. A mãe tinha saído para fazer alguma coisa e estávamos sozinhos em casa. Era uma tarde escura e nublada de inverno. Depois de ultrapassar, com esforço, a camada de nuvens pesadas e baixas, a luz do sol parecia ter sido reduzida a pó. Todas as coisas tinham uma aparência embotada e sem vida. O pôr do sol já se aproximava e o interior da sala estava escuro como se fosse noite. Acho que a luz não estava acesa. Só o brilho avermelhado do aquecedor a gás reluzia nas paredes. Nat King Cole cantava “Pretend”. Não entendíamos nada da letra em inglês, é claro. As palavras soavam como um encantamento. Mas gostávamos daquela música e, de tanto escutá-la, conseguíamos imitar a pronúncia das primeiras frases:

*Pretend you're happy when you're blue
It isn't very hard to do...*

Hoje em dia eu entendo o que elas querem dizer, é claro: “Finja estar feliz quando estiver triste. Não é tão difícil assim”. Uma canção como o sorriso charmoso que Shimamoto mantinha todo o tempo. É uma forma de pensar, sem dúvida. Mas, às vezes, pode ser difícilimo.

Shimamoto vestia um suéter azul de gola redonda. Ela tinha vários suéteres azuis, acho que devia gostar dessa cor. Ou, quem sabe, era porque combinavam com o casaco azul-marinho que ela sempre usava na escola. A gola de sua camisa branca aparecia sob o suéter. Usava também uma saia xadrez e meias de algodão brancas. O suéter era justo e o tecido macio me

permitia vislumbrar o volume discreto em seu peito. Ela estava sentada no sofá com as duas pernas dobradas sob o corpo. Ouvia a música e tinha um dos cotovelos apoiado sobre o encosto e o olhar de quem contempla uma paisagem distante.

— Ei — disse ela. — Você acha que é verdade que os pais que só têm um filho não se dão muito bem?

Pensei um pouco a respeito, mas não entendi muito bem a relação entre as duas coisas.

— Onde você ouviu isso?

— Alguém me falou, já faz tempo. Que quando um casal só tem um filho, é porque eles não se gostam muito. Achei triste...

— Hum...

— Seu pai e sua mãe se dão bem?

Não consegui responder na hora. Nunca tinha pensado no assunto.

— No meu caso, foi porque a saúde da minha mãe não é muito boa — falei. — Não entendo muito bem, mas parece que ter um bebê exige muito do corpo.

— Às vezes você pensa como seria se tivesse irmãos?

— Não.

— Não? Por que não?

Peguei a capa do disco que estava sobre a mesa e a examinei. Estava escuro demais para ler as letras impressas. Devolvi-a para a mesa e cocei os olhos com os punhos. Minha mãe já tinha me feito a mesma pergunta. E a resposta que dei não a deixou nem feliz, nem triste. Ao ouvi-la, ela só olhou para mim um pouco confusa. Mas era a resposta mais verdadeira e sincera que eu poderia ter dado.

Foi uma resposta bem longa, pois eu não consegui expressar meus pensamentos concisamente. Mas o que eu queria dizer, no fim das contas, era o seguinte: “Eu, do jeito que existo hoje, cresci sem irmãos. Se eu tivesse irmãos, teria me tornado alguém diferente de quem sou hoje. Então, não faz sentido tentar pensar como seria se eu, como existo hoje, tivesse tido irmãos”. Por isso, a pergunta feita pela minha mãe era incoerente.

Dei a mesma resposta para Shimamoto. Ela ficou me olhando. Sua expressão tinha algo que atraía as pessoas. Era uma sensação sensual — foi o que pensei tempos depois —, como se ela fosse retirando delicadamente, uma a uma, as camadas que envolviam o coração de seu interlocutor. Ainda hoje me lembro bem de como seus lábios finos se moviam sutilmente com cada expressão, e do brilho vago que se escondia no fundo de seus olhos. Como a chama de uma pequena vela, no fundo de um quarto estreito e comprido.

— Acho que entendo o que você quer dizer — disse ela, num tom contido e adulto.

— Entende?

— Sim — disse Shimamoto. — Acho que nesse mundo tem coisas que se pode remediar e coisas que não se pode remediar. E a passagem do tempo é irreparável. Agora que você já chegou até aqui, não dá mais pra voltar atrás. Não acha?

Eu concordei.

— As coisas vão endurecendo conforme o tempo passa, como cimento dentro de um balde. E, quando isso acontece, não tem como voltar. O que você quer dizer, resumindo, é que o cimento que te formou já está totalmente seco, e agora não existe mais nenhum você que não seja este. Não é isso?

— É, acho que sim — respondi, um pouco em dúvida.

Shimamoto encarou as próprias mãos.

— Sabe, às vezes fico pensando sobre quando eu crescer e me casar... Como vai ser minha casa, o que vou fazer. E penso também em quantos filhos vou ter.

— Puxa — falei.

— Você não pensa nisso?

Eu balancei a cabeça. Um menino de doze anos não pensaria nesse tipo de coisa.

— E quantos filhos você quer ter?

Ela tirou a mão do encosto do sofá e a pousou sobre os joelhos. Fiquei acompanhando o movimento de seu dedo, que traçava devagar as linhas do xadrez da saia. Havia algo de místico naquela ação. Como se um fio delicado saísse de seu

dedo e fiasse um novo tempo. Fechei os olhos e vi os redemoinhos se formando na escuridão. Muitos deles surgiam e desapareciam sem ruído. A voz de Nat King Cole me alcançou de longe, cantando “South of the Border”. Ele se referia ao México, é claro, mas naquela época eu não sabia disso. Só achava que as palavras tinham uma sonoridade curiosa. Sempre que ouvia essa música, ficava pensando o que poderia haver ao sul da fronteira. Abri os olhos e Shimamoto continuava movendo o dedo sobre o tecido da saia. Senti uma pontada doce no interior do meu corpo.

— É estranho — disse ela. — Mas eu só consigo me imaginar tendo um filho. Eu até consigo imaginar como seria ter filhos. Imaginar que sou mãe, com um bebê nos braços. Mas não consigo imaginar irmãos para essa criança. Ela não tem nenhum. É filha única.

Sem dúvida Shimamoto era uma menina precoce, e sem dúvida gostava de mim como indivíduo do sexo oposto. E eu sentia o mesmo. Mas eu não sabia como lidar com isso. Acho que nem ela sabia. Andamos de mãos dadas uma única vez. Ela estava me levando para algum lugar e pegou minha mão, como quem diz “vamos logo, é aqui”. Provavelmente nos tocamos só por uns dez segundos, mas para mim pareceram trinta minutos. E, quando ela soltou, eu gostaria de ter continuado de mãos dadas. Ela tinha pegado minha mão com muita naturalidade, mas eu sabia que na verdade fizera isso de propósito, para ver como era.

Até hoje eu me lembro perfeitamente do toque da sua mão nesse dia. Foi uma sensação diferente de tudo o que eu conhecia. E diferente de tudo o que vim a conhecer mais tarde. Era só a mão pequena e morna de uma menina de doze anos. Mas aqueles cinco dedos e aquela palma continham, como uma amostra, tudo o que eu queria saber e tudo o que precisava saber aos doze anos. Ao me dar a mão, ela me ensinou: um lugar assim existe de verdade, no mundo real. Durante aqueles

dez segundos eu me senti um pequeno pássaro, perfeito. Voando pelos ares, em meio ao vento. Enxerguei, do alto, uma paisagem distante. Era longe demais para ver exatamente o que havia lá, mas vi que ela existia. E que um dia eu chegaria lá. Essa descoberta me deixou sem fôlego e me agitou o peito.

Quando voltei para casa, sentei diante da escrivaninha no meu quarto e fiquei encarando, por muito tempo, a mão que Shimamoto havia apertado. Eu estava muito feliz por ela ter feito isso. Essa sensação agradável aqueceu meu coração por vários dias. Mas, ao mesmo tempo, me deixou confuso, perdido, triste. Pois eu não sabia o que fazer com esse calor, para onde direcioná-lo.

Ao final do primário, eu e Shimamoto fomos para escolas diferentes. Várias coisas aconteceram e eu mudei da casa onde vivera até então para uma em outra cidade. Digo outra cidade, mas ficava a apenas duas estações de trem de distância, então ainda fui visitá-la algumas vezes. Devo ter ido três ou quatro vezes nos primeiros três meses depois de me mudar. Mas foi só isso. Acabei parando de ir. Nós dois estávamos tentando sobreviver a uma idade muito delicada. Para mim, o fato de estudarmos em escolas diferentes e morarmos a duas estações de distância já tornava nossos mundos completamente distintos. Tínhamos amigos diferentes, uniformes diferentes, livros diferentes. Até o meu corpo, minha voz e a forma como eu sentia as coisas estavam se transformando muito rápido e, conforme isso acontecia, a intimidade que antes existia entre nós foi ficando desajeitada. Quer dizer, ela parecia estar passando por transformações, físicas e psicológicas, ainda mais intensas do que as minhas. E isso me deixava um pouco desconfortável. Também senti que sua mãe me lançava olhares mais críticos. Pareciam dizer: “Por que esse menino continua vindo aqui em casa? Ele já não mora mais aqui, nem estuda na mesma escola...”. Talvez fosse só impressão minha, mas o fato é que, naquela época, seu olhar me incomodava.

Assim, fui me afastando cada vez mais de Shimamoto, até que parei de visitá-la. Mas isso, provavelmente (acho que só posso dizer “provavelmente”, pois não é meu papel, afinal, analisar a vastidão de memórias que chamamos de passado e julgar o que é certo ou não), foi um erro. Eu devia ter continuado bem próximo de Shimamoto. Eu precisava dela, e acho que ela também precisava de mim. Mas era inseguro demais, tinha muito medo de me machucar. Depois disso só voltei a vê-la muito mais tarde.

Mesmo depois que parei de encontrar Shimamoto, sempre pensei nela com muito carinho. Essa memória terna serviu de incentivo e conforto durante o período confuso e doloroso da adolescência. E acho que mantive, por muito tempo, um pedaço do meu coração vazio, destinado especialmente para ela. Como uma mesa tranquila, no fundo de um restaurante, com uma discreta placa de “reservado”. Mesmo acreditando que eu jamais a veria novamente.

Na época em que convivi com ela eu tinha apenas doze anos, ainda não sentia desejo sexual de verdade. Sentia um interesse indefinido pelo volume em seu peito e pelo que havia debaixo de sua saia. Mas eu não sabia, concretamente, qual era o sentido disso, nem para onde isso me levaria. Só escutava com atenção, de olhos fechados, e imaginava o que deveria haver lá. Era uma paisagem incompleta, claro. Tudo era vago, encoberto pela névoa, com contornos difusos e indistintos. Mas eu podia sentir que algo importantíssimo para mim se escondia naquela paisagem. E eu sabia: Shimamoto via a mesma cena.

Acho que nós dois éramos criaturas incompletas e pressentíamos que algo estava prestes a surgir à nossa frente, algo que ainda teríamos que alcançar e que preencheria nossa incompletude. Estávamos diante de uma nova porta. Só nós dois, parados sob a luz difusa e tênue, de mãos dadas por apenas dez segundos.



2

Durante o ensino médio, eu fui um adolescente normal. Essa foi a segunda etapa da minha vida: me tornar uma pessoa normal. Desistir de tentar ser uma pessoa especial e virar uma pessoa normal foi parte da minha evolução pessoal. É claro que um observador atento logo veria que eu tinha várias questões mal resolvidas. Mas também, que jovem de dezesseis anos *não* tem várias questões mal resolvidas? Nesse sentido, ao mesmo tempo em que me aproximei do mundo, ele também se aproximou de mim.

Em todo caso, aos dezesseis anos eu já não era mais o filho único franzino de antes. Quando mudei de escola, comecei a frequentar uma piscina perto de casa. Apreendi a técnica do crawl e passei a nadar com afinco, duas vezes por semana. Graças a isso, logo meus ombros e peito se avolumaram e meus músculos foram ganhando forma. Deixei de ser um menino que ficava com febre e caía de cama por qualquer coisa. Nessa época eu costumava ficar nu diante do espelho do banheiro, examinando longamente meu corpo. Ele se transformava a olhos vistos e eu gostava de acompanhar essa transformação. O que me alegrava não era o fato de eu estar me aproximando pouco a pouco da forma de um adulto. Mais do que o crescimento em si, o que me dava prazer era o fato de eu estar me transformando. Ficava feliz por não ser mais quem eu era antes.

Eu lia muito e escutava música o tempo todo. Sempre gostei de livros e de música, mas ambos os hábitos tinham sido incentivados e refinados pela convivência com Shimamoto. Comecei a frequentar uma biblioteca e lia tudo o que encontrava lá, um livro atrás do outro. Quando começava a ler, não conseguia mais parar. Era como uma droga. Lia durante as refeições, no trem, na cama até amanhecer, escondido durante as aulas. Em dado momento consegui comprar meu próprio toca-

discos e, sempre que podia, me enfiava no quarto e ficava ouvindo LPS de jazz. Mas eu não tinha vontade de conversar sobre meus gostos com ninguém. Pelo contrário, ficava tranquilo e satisfeito por saber que eu era eu e não nenhuma outra pessoa. Nesse sentido, eu era um menino terrivelmente solitário e arrogante. Detestava esportes em grupo. Também não gostava de competir com os colegas para ver quem tirava as melhores notas. Só gostava de nadar, sozinho.

Entretanto, eu não era totalmente solitário. Fiz alguns amigos próximos na escola, ainda que não fossem muitos. Sinceramente, nunca gostei da escola. Sentia constantemente que todos estavam tentando me esmagar e que eu precisava me defender. Se não fosse por esses amigos, minha adolescência teria sido muito mais difícil e teria deixado cicatrizes muito mais profundas.

Depois que comecei a me exercitar, a lista de coisas que eu não comia diminuiu bastante e eu também parei de enrubescer sem motivo sempre que falava com uma menina. Mesmo se o fato de eu não ter irmãos surgisse em alguma conversa, ninguém ligava muito. Eu parecia, pelo menos por fora, ter me libertado da maldição de ser filho único.

E arrumei uma namorada.

Não era uma menina particularmente linda. Quer dizer, não era o tipo de menina que sua mãe aponta ao ver uma foto da classe e diz, com um suspiro: “Como chama essa menina? Que linda!”. Mas eu a achei bonita desde a primeira vez que a vi. Ela tinha um jeito sincero e caloroso que atraía naturalmente as pessoas, o tipo de coisa que as fotografias não mostram. Não era uma beldade da qual eu pudesse me gabar por aí, mas, pensando bem, eu também não era um partido digno de nota.

Nós dois caímos na mesma turma no segundo ano e saímos várias vezes. Primeiro, em encontros com outros casais, depois só nós dois. Eu me sentia surpreendentemente à vontade quando estava com ela. Conseguia falar sobre qualquer assunto

e ela se mostrava interessada e parecia se divertir. Eu não dizia nada de mais, mas ela escutava com entusiasmo, como se eu estivesse falando de grandes descobertas que iriam mudar o mundo. Era a primeira vez, desde que eu deixara de encontrar Shimamoto, que uma menina me escutava com atenção. Ao mesmo tempo, eu queria saber tudo sobre ela, qualquer detalhe, por menor que fosse. O que ela comia todos os dias. Como era seu quarto. Qual era a vista da sua janela.

Ela se chamava Izumi, que quer dizer “nascente de água”. “Que nome lindo”, eu disse na primeira vez que conversamos. “Parece que, se você jogar um machado, vai aparecer uma fada”,* falei, e ela deu risada. Izumi tinha uma irmã três anos mais nova e um irmão cinco anos mais novo. O pai era dentista e, como não poderia deixar de ser, eles moravam em uma casa e tinham um cachorro, um pastor-alemão chamado Karl. O incrível é que o cachorro tinha esse nome por causa de Karl Marx. O pai de Izumi era membro do Partido Comunista Japonês. Há de haver certo número de dentistas comunistas no mundo. Juntando todos, deve dar para encher quatro ou cinco ônibus grandes. Mas o fato de o pai da minha namorada ser um deles era um pouco estranho. Os pais dela eram loucos por tênis e todos os domingos saíam de raquete embaixo do braço para jogar. A ideia de um comunista aficionado por tênis me soava esquisita, mas Izumi não parecia se importar. Ela não tinha nenhum interesse pelo Partido Comunista, mas gostava dos pais e frequentemente jogava tênis com eles. Ela chegou a sugerir que eu jogasse também, mas nunca consegui apreciar esse esporte.

Izumi tinha inveja de mim por eu ser filho único. Não gostava muito de seus irmãos. Achava-os insensíveis, uns idiotas sem salvação.

— Seria tão bom se eles sumissem! — dizia. — Deve ser maravilhoso não ter irmãos. Sempre sonhei em ser filha única... Poderia fazer o que eu quisesse, tranquilamente, sem ninguém pra me encher o saco.

No terceiro encontro, eu a beijei. Ela tinha ido me visitar em casa e em algum momento minha mãe saiu para fazer compras.

Nós ficamos sozinhos. Quando aproximei meu rosto e pousei os lábios nos dela, Izumi fechou os olhos, sem dizer nada. Eu havia preparado uma dúzia de justificativas para usar caso ela ficasse brava ou virasse a cara, mas no fim não precisei usar nenhuma. Ainda com os lábios sobre os seus, abracei-a e a puxei para perto. Era fim de verão e ela usava um vestido de tecido anarruga, com uma faixa na cintura que fazia um laço às suas costas e caía como uma cauda. Senti o fecho de seu sutiã contra a palma da minha mão. Sua respiração no meu pescoço. Meu coração batia tão forte que parecia prestes a saltar para fora do corpo. Meu pênis, explodindo de tão duro, roçou sua coxa e ela moveu o corpo um pouco para o lado. Mas só isso. Não pareceu achar estranho, nem desagradável.

Ficamos assim, abraçados, no sofá da sala de estar da minha casa. Meu gato estava sentado na poltrona oposta. Ele lançou um olhar em nossa direção, se espreguiçou em silêncio e voltou a dormir. Afaguei os cabelos de Izumi e encostei os lábios na sua pequena orelha. Pensei que precisava dizer alguma coisa, mas não me ocorreu absolutamente nenhuma palavra. Além do mais, mesmo que quisesse falar, não teria fôlego para isso. Então apertei a mão dela e a beijei mais uma vez. Por muito tempo, nenhum de nós falou nada.

Quando Izumi foi embora, depois de acompanhá-la até a estação de trem, eu fiquei muito agitado. Voltei para casa, deitei no sofá e fiquei encarando o teto. Não conseguia pensar em nada. Depois de um tempo minha mãe voltou e falou que o jantar estaria pronto em breve. Mas a última coisa que eu tinha era fome. Calcei os sapatos, saí de casa sem dizer nada e perambulei pela cidade por duas horas. Me sentia estranho. Eu não estava mais sozinho, mas ao mesmo tempo sentia uma solidão profunda como nunca tinha experimentado. Não conseguia avaliar direito a profundidade dos objetos, como alguém que usa óculos pela primeira vez na vida. Via coisas distantes como se estivessem ao alcance da mão e enxergava nitidamente coisas que não deviam ser nítidas.

“Fiquei muito feliz. Obrigada”, dissera Izumi, ao se despedir.

Eu também estava feliz, é claro. Mal acreditava que uma menina havia permitido que eu a beijasse. Como eu não estaria feliz? Porém, não conseguia me entregar totalmente a essa alegria. Me sentia uma torre sem alicerces. Quanto mais eu me esforçava para enxergar ao longe, lá do alto, mais meu coração oscilava, me deixando atordoado. “Por que ela?”, perguntei a mim mesmo. “O que eu sei sobre ela, afinal?” Nós só havíamos nos encontrado umas poucas vezes e conversado sobre amenidades. Fui ficando aflito enquanto pensava nisso. Era uma sensação agonizante.

Se fosse com Shimamoto, eu não estaria me sentindo tão perdido. Nós nos aceitaríamos completamente, sem dizer nada, e não haveria espaço para qualquer insegurança ou incerteza.

“Mas Shimamoto já não está mais aqui”, pensei. Agora ela vive no seu novo mundo, assim como eu vivo no meu. Então, não posso ficar comparando Izumi e ela. Não vai adiantar nada. Eu estou neste mundo e a porta que me conectava ao mundo anterior já se fechou às minhas costas. Agora, preciso me estabelecer, de algum jeito, neste mundo novo que me rodeia.

Fiquei acordado até o céu começar a clarear, ao leste. Então me deitei, dormi por umas duas horas, tomei um banho e fui para a escola. Queria uma oportunidade de conversar um pouco com Izumi e confirmar o que acontecera entre nós no dia anterior. Queria saber, da sua boca, se seus sentimentos não haviam mudado. É verdade que, antes de ir embora, ela me agradecera e dissera que estava feliz. Mas, depois que a noite clareou e um novo dia começou, tudo pareceu uma ilusão que eu havia criado sozinho, na minha mente. Não consegui nenhuma brecha para conversar com Izumi a sós. Ela passou os intervalos conversando com as amigas e, assim que as aulas acabaram, foi embora sozinha. Só uma vez, quando estávamos trocando de sala, nossos olhares se cruzaram no corredor. Ela me sorriu por um instante e eu sorri de volta. E foi só isso. Mas eu pude sentir, nesse sorriso, uma espécie de confirmação dos acontecimentos do dia anterior. “Tá tudo bem, aquilo aconteceu mesmo”, dizia ele. Quando peguei o trem para casa, minha confusão já havia se

dissipado quase por completo. Meu desejo por ela era evidente, e muito mais saudável e intenso do que a dúvida e a incerteza que me assolavam no dia anterior.

O que eu desejava era inequívoco. Em primeiro lugar, eu queria Izumi nua. Queria tirar sua roupa. Depois, queria transar com ela. Para mim, esse era um destino muito distante. Para que as coisas caminhassem, eu precisava de um acúmulo de imagens concretas. Para chegar ao sexo seria necessário, antes de qualquer coisa, abrir o zíper do vestido. E, entre esses dois acontecimentos, certamente havia um processo que envolvia umas vinte ou trinta decisões e análises complexas.

A primeira providência que tomei foi tentar conseguir uma camisinha. Mesmo que o momento em que ela seria necessária ainda estivesse bem longe, achei que seria bom já deixar essa parte resolvida, pois ninguém sabia quando a necessidade poderia surgir. Mas comprar em uma farmácia estava fora de cogitação. Minha cara não deixava dúvidas de que eu era um estudante de dezesseis anos, e eu jamais teria coragem. Havia algumas máquinas de venda pela cidade, mas se alguém me visse comprando isso as coisas ficariam complicadas. Passei três ou quatro dias remoendo a questão.

Mas, no fim, foi bem mais simples do que eu esperava. Eu tinha um amigo relativamente entendido nesses assuntos, então tomei coragem e falei com ele: estou querendo umas camisinhas, qual é o melhor jeito de conseguir? Ele respondeu como se não fosse nada de mais: “Ah, isso é fácil, se você quiser eu te arranjo uma caixa. Meu irmão comprou um monte, pelo correio ou coisa assim. Não sei por que ele comprou tantas, tá tudo enfiado no armário, um monte. Se eu pegar uma caixa ele nem vai reparar”. Respondi que, se ele pudesse fazer isso, seria ótimo. E então, no dia seguinte, recebi a caixa de preservativos dentro de um saco de papel. Paguei o almoço dele e pedi que não contasse sobre aquilo a ninguém, de jeito nenhum. “Pode deixar, imagina se eu vou falar pra alguém”, disse ele. Mas é claro que ele falou. Disse para várias pessoas que eu andava precisando de camisinhas. Essas pessoas falaram para outras, até que Izumi ficou sabendo

por uma amiga. Ela me chamou para conversar no terraço da escola, depois das aulas.

— Hajime, estão dizendo por aí que o Nishida te arranhou uma camisinha — disse ela. Pronunciou “camisinha” com grande relutância. Na boca de Izumi a palavra soava como o nome de uma bactéria imoral e pestilenta.

— É, foi... — respondi, e procurei alguma coisa boa para dizer. Mas não encontrei nenhuma. — Mas, assim, não quer dizer nada de mais! É só que eu... já fazia um tempo que eu vinha pensando que seria bom ter...

— Foi por mim que você fez isso?

— Não, não foi bem isso — falei. — Eu só fiquei curioso pra ver como é. Desculpa se isso te deixou chateada. Posso devolver pra ele, ou jogar fora.

Estávamos sentados em um banco de pedra no canto da cobertura. Parecia que ia chover, então éramos os únicos lá. Tudo estava muito quieto. Eu nunca tinha visto aquela cobertura tão silenciosa.

A escola ficava no alto de uma montanha e dali dava para ver, juntos, a cidade e o mar. Certa vez, nós surrupiamos uns discos velhos da sala do clube de rádio da escola e os lançamos lá do alto, como frisbees. Eles voaram pelo ar traçando lindas parábolas. Levados pelo vento, planaram em direção ao porto como se tivessem, por um momento, ganhado vida. Porém, um deles não conseguiu pegar o embalo do vento e caiu desajeitado na quadra de tênis, assustando um grupo de meninas do primeiro ano que praticava rebatidas, e a coisa toda acabou virando uma confusão. Tudo isso tinha acontecido mais de um ano antes, e agora, naquele mesmo lugar, minha namorada estava me interrogando sobre camisinhas. Ergui os olhos para o céu e vi um milhafre-preto desenhando um belo círculo no ar. Imaginei como devia ser maravilhoso ser um milhafre. Podiam só voar à vontade pelos céus. No mínimo, não precisavam se preocupar com contracepção.

— Você gosta mesmo de mim? — perguntou ela, baixinho.

— Claro! — respondi. — É claro que eu gosto de você.

Ela me encarou, com os lábios cerrados numa linha reta. Ficou me olhando por tanto tempo que comecei a me sentir desconfortável.

— Eu também gosto de você — disse ela depois de um tempo.

“Mas”, pensei.

— Mas... — continuou ela, como eu temia. — Queria que você fosse com calma.

Eu assenti.

— Não seja impaciente. Eu tenho o meu ritmo. Não sou uma pessoa muito veloz. Preciso de tempo pra me preparar pras coisas. Você consegue esperar?

Concordei mais uma vez, em silêncio.

— Promete? — disse ela.

— Prometo.

— Não vai me magoar?

— Não vou — falei.

Izumi encarou os próprios sapatos por um tempo. Eram mocassins pretos totalmente comuns. Ao lado dos meus, pareciam de brinquedo, de tão pequenos.

— Fico com medo — disse ela. — Sei lá, às vezes eu me sinto um caramujo que perdeu a casca.

— Eu também tenho medo — falei. — Às vezes eu me sinto uma rã sem membranas entre os dedos.

Ela ergueu o rosto e olhou para mim. Depois deu um sorriso leve.

Em seguida, sem saber bem quem havia tomado a iniciativa, nós nos escondemos na sombra da parede e nos beijamos. Éramos um caramujo sem casca, uma rã sem membranas. Puxei seu peito contra o meu. Minha língua tocou na dela. Eu toquei seu seio por cima da blusa. Ela não se opôs. Apenas suspirou, de olhos fechados. Seu seio não era grande, mas se encaixou com naturalidade na minha mão. Como se tivesse sido feito sob medida para isso. Ela apoiou a mão no meu peito. Senti a sua palma contra ele, junto das batidas do meu coração. Ela era diferente de Shimamoto, é claro. “Esta menina não pode me oferecer as mesmas coisas que Shimamoto me deu”, pensei.

“Mas ela é minha, e está disposta a me oferecer aquilo que é capaz. Por que eu a magoaria?”

Naquele momento eu não sabia. Não sabia que eu era capaz de, um dia, magoar alguém de maneira irreparável. Que, apenas por existir, as pessoas podem magoar profundamente umas às outras.

* Referência a *O lenhador honesto*, fábula sobre um lenhador que, sem querer, deixa seu machado cair em um rio. Em uma das versões da história, o objeto é resgatado e restituído ao homem por uma fada que emerge da água. (N. E.)

Eu e Izumi namoramos por mais de um ano. Saíamos uma vez por semana, para ir ao cinema, estudar juntos na biblioteca, ou só andar por aí a esmo. Porém, sexualmente, não chegamos às vias de fato. Às vezes, quando meus pais estavam fora, eu a convidava para ir à minha casa. Então nos deitávamos na minha cama. Acho que isso acontecia umas duas vezes por mês. Mas, mesmo quando estávamos sozinhos em casa, ela nunca tirava a roupa. “A gente não sabe quando pode chegar alguém”, dizia ela, “e, se eu estiver pelada quando chegarem, vai ser bem chato.” Nesse sentido, ela era muito cuidadosa. Não que fosse medrosa. Só acho que, pela sua natureza, ela não suportaria se ver em uma situação embaraçosa como aquela.

Assim, eu a abraçava sempre por cima da roupa e a acariciava muito desajeitadamente, pondo os dedos por baixo de sua calcinha.

— Não tenha pressa — dizia ela, quando eu parecia decepcionado. — Espera mais um pouco, até eu estar pronta. Por favor.

Sinceramente, eu não estava com pressa. Só estava confuso e desapontado com várias coisas. Eu gostava de Izumi, é claro, e me sentia grato por ela ser minha namorada. Sem ela, minha adolescência teria sido muito mais tediosa e sem cor. Ela era, essencialmente, uma menina sincera e agradável, querida por todos. Não posso dizer que nossos gostos combinassem — acho que ela não compreendia quase nada dos livros que eu lia ou das músicas que eu ouvia. Então, sobre esses assuntos, nós não conversávamos de igual para igual. Nesse aspecto, minha relação com Izumi era muito diferente da relação que eu tivera com Shimamoto.

Mas, quando eu me sentava ao lado dela e tocava sua mão, um sentimento terno tomava conta de mim. Com ela eu

conseguia falar, sem dificuldade, sobre assuntos que não mencionava a mais ninguém. Eu gostava de beijar seus olhos fechados e logo acima de seu lábio. Gostava de erguer seu cabelo e beijar suas orelhas pequenas, fazendo-a rir baixinho. Até hoje, quando me lembro dela, o que me vem à mente é uma manhã calma de domingo. Um domingo tranquilo, ensolarado, que acabou de começar. Você não tem lição de casa e pode fazer o que quiser. Ela fazia eu me sentir em uma manhã assim.

Izumi também tinha seus defeitos, é claro. Às vezes era um pouco teimosa, e sua imaginação não era das mais ricas. Não demonstrava o menor interesse em pisar fora do mundo ao qual pertencia e no qual havia crescido. Também não era capaz de se perder em algo de que gostasse a ponto de se esquecer de comer e dormir. Ela amava e respeitava os pais. Algumas de suas opiniões eram banais e superficiais, o que muitas vezes me deixava meio aborrecido (apesar de hoje eu perceber que isso é natural para uma menina de dezesseis ou dezessete anos). Mas eu nunca a vi falar mal de ninguém. Ela também não contava vantagem. E gostava de mim, me tratava bem. Escutava com atenção ao que eu dizia e me incentivava. Eu falava muito sobre mim e sobre meu futuro. Sobre o que pretendia fazer, que tipo de pessoa queria me tornar. A maior parte não passava de fantasias nada realistas que meninos adolescentes costumam criar, mas Izumi as ouvia com entusiasmo. “Tenho certeza de que você vai ser uma pessoa maravilhosa. Tem alguma coisa muito incrível em você”, dizia ela. E estava falando sério. Ninguém nunca tinha falado assim comigo.

Além do mais, era maravilhoso abraçá-la — ainda que estivéssemos vestidos. O que me deixava confuso e desapontado era que eu não conseguia encontrar, dentro de Izumi, algo especial que existisse só para mim. A lista de suas virtudes era muito mais longa do que a de seus defeitos. Talvez fosse mais longa do que a lista das minhas. Mas faltava nela algo fundamental. Se eu tivesse conseguido enxergar isso no seu interior, talvez tivesse dormido com ela. Não teria ficado esperando. Iria persuadi-la, investiria quanto tempo fosse

necessário em convencê-la a dormir comigo. Mas, no fim das contas, minha convicção não foi suficiente para isso. Eu não passava de um jovem imprudente de dezessete, dezoito anos, com a cabeça tomada pelo desejo e pela curiosidade. Mas em algum canto da minha mente eu sabia que, se ela não queria transar, eu não devia forçar nada. Devia esperar, pacientemente, o momento certo.

Só uma vez eu abracei Izumi nua. Declarei a ela, sem rodeios, que não queria mais fazer isso por cima da roupa. Que, se ela não quisesse transar, tudo bem, não precisávamos. Mas eu queria ver seu corpo nu e abraçá-la sem nenhuma roupa entre nós. Eu tinha que fazer isso, não aguentava mais.

Izumi pensou um pouco e disse que, se eu queria mesmo, ela poderia fazer isso.

— Mas você tem que me prometer — disse ela, muito séria — que vai ser só isso. Você não vai fazer nada que eu não queira.

Ela foi à minha casa em um domingo. Era começo de novembro, o dia estava muito bonito, mas já um pouco frio. Meus pais tinham saído para um compromisso familiar. Acho que era aniversário de morte de alguém da minha família paterna, e na verdade era para eu ter ido também, mas disse que precisava estudar para uma prova e fiquei sozinho em casa. Eles só voltariam tarde da noite. Izumi chegou no começo da tarde. Deitamos na minha cama, ela fechou os olhos e, sem dizer nada, deixou que eu a despisse. Mas eu me atrapalhei todo. Não sou muito jeitoso no geral, e as roupas femininas são um negócio terrivelmente complexo. No meio do caminho Izumi desistiu de esperar, abriu os olhos e tirou, ela mesma, toda a roupa. Usava uma calcinha pequena azul-clara e um sutiã da mesma cor. Devia ter comprado ambos especialmente para esse dia, com o próprio dinheiro. Até então, ela sempre usava lingerie comuns, do tipo que as mães compravam para as filhas estudantes do ensino médio. Em seguida, eu tirei minha roupa.

Abracei seu corpo nu, beijei seu pescoço e seus seios. Pude tocar a pele sedosa e sentir o seu perfume. Era incrível ficar assim, nos abraçando com força, nus. Eu quase enlouqueci de vontade de penetrá-la. Mas ela me impediu com firmeza.

— Desculpa — disse ela.

Em vez disso, ela colocou meu pênis na boca e começou a lambê-lo. Era a primeira vez que fazia isso. Passou a língua algumas vezes pela cabeça do meu pênis, até que eu não consegui pensar em mais nada e ejaculei.

Depois disso, passamos muito tempo abraçados. Acariciei cada canto de seu corpo, devagar. Vi como a luz do sol de outono que entrava pela janela o iluminava, e o beijei em vários lugares. Foi uma tarde maravilhosa. Nus, trocamos muitos abraços apertados. E eu gozei muitas vezes. Sempre que eu ejaculava ela corria para o banheiro para lavar a boca.

— É uma sensação esquisita! — dizia, rindo.

Namorei com Izumi por pouco mais de um ano, mas essa tarde de domingo foi sem dúvida o momento mais feliz que passamos juntos. Sem roupa, era como se nós não tivéssemos mais nada a esconder. Senti que a compreendia melhor do que antes, e acho que ela deve ter sentido a mesma coisa. Era disso que nós precisávamos, desse pequeno acúmulo de coisas. Não só palavras e promessas, mas o acúmulo delicado de pequenos fatos concretos é que nos moveria, pouco a pouco, adiante. Pensei que, no fundo, talvez fosse isso o que ela buscava.

Izumi passou muito tempo com a cabeça sobre o meu peito, imóvel, como se escutasse o som do meu coração. Eu afaguei seus cabelos. Eu tinha dezessete anos, era saudável, estava próximo de me tornar um adulto. Aquilo era maravilhoso.

Mas, perto das quatro horas, quando Izumi estava pensando em se arrumar para ir embora, a campainha tocou. Primeiro tentei ignorar. Não sabia quem poderia ser e achei que, se eu não atendesse, uma hora a pessoa desistiria. Mas ela continuou tocando, várias vezes, insistente. Tive um pressentimento ruim.

— Será que seus pais já voltaram? — perguntou Izumi, pálida.

Ela saiu da cama e começou a recolher as roupas.

— Não, tá tudo bem. Eles não vão voltar tão cedo, e de qualquer jeito não tocariam a campainha, eles têm a chave.

— Meus sapatos! — disse ela.

— Sapatos?

— Deixei meus sapatos lá embaixo quando entrei.

Eu me vesti, fui para o andar de baixo, guardei os sapatos de Izumi na sapateira e abri a porta. Era a minha tia, irmã mais nova da minha mãe. Ela vivia sozinha a mais ou menos uma hora de trem, e às vezes ia nos visitar.

— O que você estava fazendo, hein? Estou tocando há horas!

— Estava ouvindo música de fone, não escutei — falei. — Mas meus pais não estão, eles saíram. Foram em uma missa e não devem voltar até tarde. Achei que você soubesse!

— Sabia, sim. É que eu tinha um compromisso aqui perto, aí, como eles disseram que você estava sozinho em casa estudando, resolvi aproveitar e preparar o jantar para você. Já comprei tudo.

— Eu posso fazer meu próprio jantar, tia. Não sou criança — falei.

— Bom, mas eu já comprei as coisas, qual o problema? Você não tá ocupado? Pode ficar estudando com calma e deixa que eu preparo a comida.

“Essa não!”, pensei. Queria morrer. Desse jeito, Izumi não conseguiria ir embora. Pela disposição dos cômodos na minha casa, era preciso atravessar a sala para chegar à porta, e depois passar em frente à janela da cozinha para chegar ao portão. Eu podia apresentar Izumi à minha tia, claro, dizer que era uma amiga que tinha vindo me visitar. Mas eu devia estar estudando diligentemente para uma prova. Se descobrissem que tinha convidado uma menina para ir à minha casa, eu ia me dar mal. Também não adiantaria pedir para minha tia não contar aos meus pais. Ela não era má pessoa, mas era incapaz de guardar qualquer segredo.

Enquanto minha tia começava os preparativos na cozinha, eu peguei os sapatos da Izumi e voltei para o quarto. Ela já estava totalmente vestida. Expliquei o que tinha acontecido.

Izumi empalideceu.

— E agora, o que eu faço? E se eu não conseguir mais sair daqui? Se eu não voltar pra casa antes do jantar, vai ser um desastre!

— Tudo bem, a gente dá um jeito. Vai dar tudo certo, não se preocupa — falei, para acalmá-la. Mas eu também não sabia o que fazer. Não tinha a menor ideia.

— Pra piorar, não acho um dos prendedores da minha cinta-liga.

— Prendedor da cinta-liga?

— É. Um negocinho de metal, deste tamanho, que segura a meia.

Procurei pelo chão, em cima da cama, em toda parte, mas não encontrei.

— Acho que o jeito é você voltar sem meia, desculpa... — falei.

Fui ver como estavam as coisas na cozinha e encontrei minha tia cortando verduras no balcão. Ela disse que não tinha óleo suficiente e pediu que eu fosse comprar. Eu não tinha nenhuma justificativa para recusar, então saí de bicicleta e fui comprar óleo em um mercado ali perto. Na rua, já estava escurecendo. Eu estava cada vez mais preocupado. Assim, Izumi poderia acabar não conseguindo mesmo voltar para casa. A gente precisava resolver a situação antes de os meus pais chegarem.

— Acho que o único jeito é você sair escondida enquanto ela estiver no banheiro — falei para Izumi.

— Você acha que vai dar certo?

— Vamos tentar. Eu fico lá embaixo, e quando ela for no banheiro eu bato palmas duas vezes. Aí você desce, calça os sapatos e sai. Se conseguir escapar sem problemas, você me liga de um telefone público que tem um pouco adiante.

Minha tia cortou legumes, fez uma sopa de missô e preparou uma omelete, cantando despreocupada. Mas o tempo passava e

nada de ela ir ao banheiro. Fui ficando irritadíssimo. “Vai ver essa mulher tem uma bexiga especial, gigante”, pensei. Eu já estava quase desistindo quando ela finalmente tirou o avental e saiu da cozinha. Depois de me certificar de que ela havia entrado no banheiro, eu bati duas palmas com força. Izumi desceu correndo com os sapatos nas mãos, calçou-os em um instante e abriu a porta sem fazer barulho. Fui até a cozinha e fiquei olhando para ter certeza de que ela tinha passado pelo portão. Logo em seguida minha tia saiu do banheiro, por pouco não cruzando com Izumi. Respirei fundo.

Cinco minutos depois, Izumi telefonou. Disse à minha tia que voltaria em quinze minutos e saí de casa. Ela estava me esperando diante do telefone público.

— Não quero mais fazer isso, viu!? — disse ela, antes que eu pudesse abrir a boca. — Nunca mais faço uma coisa dessas!

Ela estava confusa e brava. Eu a levei para um parquinho próximo à estação e a fiz sentar em um banco. Apertei sua mão com delicadeza. Ela vestia um suéter vermelho e um sobretudo bege, não muito grosso. Pensei, com saudades, no que havia sob aquelas roupas.

— Mas hoje foi um dia incrível. Quer dizer, até minha tia chegar. Você não achou? — falei.

— Eu também gostei, sim. Sempre me divirto quando estou com você. Mas depois, quando estou sozinha, fico sem entender várias coisas.

— Por exemplo?

— Por exemplo, o que vai acontecer no futuro. Depois que a gente se formar. Você deve ir estudar em Tóquio, eu vou fazer faculdade aqui. O que vai ser da gente? O que você pretende fazer comigo?

Eu tinha decidido ir para Tóquio depois de me formar no ensino médio. Vinha pensando que precisava me afastar daquela cidade, ser independente dos meus pais e viver sozinho. A minha média anual e minha colocação na turma não eram muito

animadoras, mas, quando eu gostava de uma matéria, tirava notas decentes praticamente sem estudar. Então imaginava que não teria grandes dificuldades para entrar em alguma faculdade particular com uma nota de corte não muito alta. Só que não tinha a menor chance de Izumi ir comigo. Os pais queriam que ela continuasse onde estava, e nem lhe ocorria se opor a isso. Até então, ela jamais os contrariara. Então, naturalmente, ela queria que eu também continuasse na cidade. “Tem boas faculdades aqui, por que você precisa ir para Tóquio?”, perguntava ela. Desconfio que ela dormiria comigo se eu dissesse que não iria mais para Tóquio.

— Escuta, não é como se eu fosse pra outro país. Dá pra vir de Tóquio pra cá em três horas. Além do mais, as férias da faculdade são longas, no fim eu devo passar uns três ou quatro meses por ano aqui — falei.

Eu já tinha explicado a mesma coisa dezenas de vezes.

— Mas se você for embora vai se esquecer de mim, tenho certeza. Vai arranjar outra menina — disse ela.

Ela também já dissera isso dezenas de vezes.

Todas as vezes, eu a reconfortava dizendo que isso não ia acontecer. Que eu gostava dela e não a esqueceria tão facilmente. Mas, para falar a verdade, eu não tinha tanta certeza disso. Às vezes, um lugar novo pode mudar os sentimentos e o modo como o tempo passa. Eu pensei em como havia me afastado de Shimamoto. Éramos tão próximos, mas, quando mudei de escola e de cidade, comecei a trilhar um caminho distinto do dela. Eu gostava dela, e ela tinha pedido que eu fosse visitá-la. Mas, no fim das contas, não fui.

— Às vezes eu não consigo entender — disse Izumi. — Você diz que gosta de mim, me trata bem. Eu sei. Mas às vezes não sei no que você tá pensando de verdade.

Dizendo isso, Izumi tirou um lenço do bolso e secou as lágrimas. Eu não tinha percebido que ela estava chorando. Não sabia o que dizer, então esperei ela continuar.

— Acho que você gosta de pensar sobre as coisas sozinho, dentro da sua cabeça. E que não gosta muito que outras pessoas

se metam nesses pensamentos. Talvez seja porque você é filho único. Está acostumado a refletir e resolver as coisas sozinho. Basta você mesmo saber o que está pensando. — Izumi balançou a cabeça. — Tem horas que isso me deixa muito aflita. Me sinto excluída.

Fazia tempo que eu não ouvia a expressão “filho único”. Lembrei do quanto essa expressão me doía quando eu era mais novo. Mas Izumi usara essas palavras de uma maneira completamente diferente. Ao dizer “porque você é filho único”, ela não estava falando sobre eu ser mimado ou superprotegido, mas sobre a tendência do meu ego a se isolar, sobre como eu resistia a sair de dentro do meu mundo individual. Ela não estava me criticando. Isso só a entristecia.

— Eu também gostei de ficar com você daquele jeito hoje. Por um momento pensei que, talvez, fosse dar tudo certo — disse Izumi, quando nos despedimos. — Mas parece que as coisas não são tão fáceis assim...

Enquanto voltava da estação até minha casa, pensei sobre o que ela dissera. Eu entendia, no geral, o que ela estava tentando dizer. Eu não estava acostumado a me abrir com ninguém. Acho que Izumi se abria sinceramente comigo. Mas eu não conseguia fazer o mesmo. Eu gostava dela, mas não a aceitava por completo, de verdade.

Eu já passara por aquele caminho da estação até minha casa um milhão de vezes. Mas, naquele dia, era como uma paisagem desconhecida. Durante todo o percurso, pensei no corpo nu de Izumi que eu tivera nos braços, naquela tarde. Lembrei de seus mamilos enrijecidos, de seus discretos pelos pubianos, de suas coxas macias, até não aguentar mais. Comprei um maço de cigarros numa máquina, voltei para o mesmo banco onde havia me sentado com ela e acendi um cigarro para me acalmar.

“Se minha tia não tivesse se convidado para entrar em casa daquele jeito, poderia ter dado tudo certo”, pensei. Teríamos nos despedido mais bem-humorados e agora estaríamos muito mais felizes. Mas, mesmo se ela não tivesse aparecido, alguma coisa desse tipo aconteceria cedo ou tarde. Se não fosse hoje, seria

amanhã. O verdadeiro problema é que eu não conseguia convencer Izumi. E eu não conseguia convencê-la direito porque eu mesmo não estava totalmente convencido.

Assim que o sol se pôs o vento ficou gelado, avisando que o inverno estava próximo. Quando o ano acabasse, logo viria a época dos exames de admissão, e depois disso uma vida totalmente nova me aguardava, em um lugar totalmente novo. Era provável que esse novo ambiente fizesse de mim uma pessoa diferente. E, mesmo apreensivo, eu ansiava por essas mudanças intensas. Meu corpo e meu espírito desejavam novos ares e novos lugares. Naquele ano os estudantes tinham ocupado várias universidades, uma tempestade de manifestações tomara Tóquio. O mundo estava prestes a se transformar profundamente e eu queria sentir na minha própria pele o calor dessa reação. Izumi podia querer que eu continuasse ali, podia até estar disposta a dormir comigo em troca disso, mas eu não queria ficar mais nem um instante naquela cidade pacata e refinada. Mesmo que a minha partida significasse o fim do nosso relacionamento. Se ficasse ali, algo dentro de mim desapareceria. E eu sentia que era algo que eu não podia perder. Algo vago, como um sonho, ardente e doloroso. O tipo de sonho que, talvez, só se possa sonhar nesse momento, no final da adolescência.

Izumi não compreenderia. O que ela buscava naquele momento eram outros sonhos, outros mundos, lugares diferentes dos meus.

Mas, no fim, antes mesmo dessa minha nova vida começar de fato, meu relacionamento com Izumi teve um final inesperado e súbito.

A primeira menina com quem eu dormi era filha única.

Ela não era — talvez seja mais adequado dizer que ela *também* não era — o tipo de mulher que faz os homens olharem para trás quando anda pela rua. Pelo contrário, ela praticamente não chamava a atenção. Apesar disso, desde o primeiro instante em que a vi, ela me atraiu de forma tão intensa que eu não sabia mais o que estava acontecendo. Foi como estar andando pela rua num dia claro e ser atingido de súbito por um raio invisível e silencioso. Foi algo sem reservas, sem condições. Sem motivo ou explicação. Sem espaço para “mas” ou “se”.

Olhando para minha vida até hoje, raramente senti uma atração intensa por mulheres que todos considerariam lindas, exceto umas poucas exceções. Se estou andando pela rua com um amigo e ele comenta que uma moça com quem acabamos de cruzar era bonita, eu curiosamente nunca consigo me lembrar do rosto dessas meninas. Atrizes ou modelos lindas também não me atraem muito. Não sei por quê, o fato é que sou assim. Mesmo durante o começo da adolescência, um momento em que a fronteira entre o devaneio e a realidade é imprecisa, e em que os anseios e sonhos têm uma força excepcional, nunca me senti atraído por meninas bonitas apenas por serem bonitas.

O que me atrai de verdade não é a beleza exterior que possa ser quantificada ou generalizada, mas algo mais absoluto, que se esconde por trás disso. Assim como há quem goste secretamente de tempestades, terremotos ou blecautes, eu gosto dessa força discreta e intensa que o sexo oposto exerce sobre mim. Posso chamá-la, por falta de expressão melhor para definir, de “magnetismo”. Um poder que atrai as pessoas, queiram elas ou não.

Também poderia comparar esse poder à fragrância de um perfume. Acho que nem mesmo o perfumista responsável por criar uma fragrância é capaz de explicar realmente como surgiu um aroma tão poderoso. Deve ser difícil até mesmo analisar cientificamente. Mas, mesmo que não haja explicação, há perfumes capazes de atrair o sexo oposto como o cheiro de um animal no cio. Alguns devem atrair cinquenta pessoas entre cem. E, além desses, deve haver no mundo outros que, em uma centena de pessoas, atraem apenas uma ou duas, intensamente. E eu tinha a habilidade de identificar com clareza esses perfumes especiais. Sabia que eram fatais para mim. Conseguia farejá-los de longe. E, quando isso acontecia, tinha vontade de me aproximar dessas mulheres e dizer: “Olha, eu percebi. Pode ser que as outras pessoas não percebam, mas eu percebi.”

Desde a primeira vez em que nos vimos pensei que queria dormir com ela. Mais precisamente, pensei que *precisava* dormir com ela. E soube, por instinto, que ela também queria dormir comigo. Sua presença fazia meu corpo tremer. Perto dela eu tive, mais de uma vez, ereções que não me deixavam andar direito. Foi a primeira vez na vida que experimentei esse magnetismo (talvez eu tenha sentido isso originalmente com Shimamoto, mas era criança demais para chamá-lo por esse nome). Eu tinha dezessete anos quando a conheci, estava no terceiro ano do ensino médio, ela tinha vinte e estava no segundo ano da faculdade. E, para completar, era prima de Izumi. Ela tinha um namorado, mas isso não foi obstáculo para nós. Acho que eu não teria me incomodado nem se ela tivesse quarenta e dois anos, três filhos e uma cauda bifurcada saindo da bunda, tamanho seu magnetismo. “Não posso deixar essa mulher escapar”, pensei. “Se deixar, vou me arrepender pelo resto da vida.”

O fato é que, por tudo isso, a primeira mulher com quem transei na vida era prima da minha namorada. E não uma prima qualquer — elas eram muito próximas. Eram amigas desde pequenas e se viam sempre. Ela fazia faculdade em Kyoto e

alugava uma quitinete a oeste do palácio. Eu e Izumi fomos para Kyoto a passeio e a convidamos para almoçar. Isso aconteceu duas semanas depois daquele domingo em que nós nos abraçamos nus, quando a visita de minha tia acabou atrapalhando tudo.

Em um momento em que Izumi saiu da mesa pedi o telefone da sua prima, dizendo que queria perguntar algumas coisas sobre a faculdade em que ela estudava. Dois dias depois, telefonei para a sua casa e perguntei se poderia encontrá-la no domingo seguinte. Ela hesitou por um instante, depois respondeu que tudo bem, pois não tinha nada marcado nesse dia. Ouvindo sua resposta, eu tive certeza de que ela também queria dormir comigo. Era evidente pelo seu tom de voz. No domingo seguinte fui sozinho para Kyoto, me encontrei com ela, e na tarde daquele mesmo dia nós já estávamos na cama.

Durante os dois meses seguintes, eu e a prima de Izumi transamos tão intensamente que parecia que meu cérebro ia derreter e sumir. Nunca fomos ao cinema ou saímos para passear. Não conversávamos sobre livros, nem música, nem sobre a vida, a guerra ou a revolução, sobre nada. Só transávamos. Imagino que até tenhamos tido algumas conversas casuais. Mas não consigo me lembrar de nada. Só me lembro da imagem detalhada dos objetos ao nosso redor. O relógio despertador ao lado da cama, a cortina na janela, o telefone preto em cima da mesa, as fotos do calendário, suas roupas despidas e largadas no chão. E também do cheiro da sua pele, da sua voz. Eu não perguntei nada a ela e ela não me perguntou nada. Só uma vez, quando estava deitado na cama ao seu lado, isso me ocorreu de repente e perguntei se ela era filha única.

— Sou, sim — disse ela, surpresa. — Não tenho irmãos. Como você sabe?

— Tive essa impressão, não sei por quê.

Ela ficou me olhando por um tempo.

— Por acaso você também é filho único?

— Sou — respondi.

Essa é a única conversa que me lembro de ter tido com ela. Tive esse pressentimento. “Será que ela não é filha única?”

Nós nem costumávamos comer e beber muito, só o estritamente necessário. Assim que nos víamos, tirávamos a roupa quase sem dizer nada e íamos para a cama transar. Não havia etapas nem um método. Eu estava faminto pelo que tinha diante dos olhos, só isso, e acho que ela também. Transávamos cinco ou seis vezes a cada encontro. Eu transava até não ter mais nada para ejacular, até a cabeça do meu pênis estar inchada e dolorida. Mas, apesar de tamanho entusiasmo, apesar do magnetismo que nos atraía um ao outro, nunca nos ocorreu a possibilidade de namorarmos, de viver felizes por muito tempo. Aquilo era como um tornado, e cedo ou tarde iria passar. Acho que ambos sentíamos que algo assim não poderia se sustentar por muito tempo. Por isso, sempre que nos encontrávamos, havia, em algum lugar da nossa mente, a possibilidade de que aquela fosse a nossa última vez juntos, o que aumentava ainda mais nosso desejo.

Para ser sincero, eu não estava apaixonado por ela. Ela também não estava apaixonada por mim. Mas, naquele momento, não me importava muito se eu a amava ou não. O importante era que eu estava envolto por uma força violenta, dentro da qual se escondia algo importante. Eu queria saber o que era. Se pudesse gostaria de enfiar a mão dentro do corpo dela e tocar essa coisa diretamente.

Eu gostava de Izumi, mas ela nunca me fez sentir essa força irracional. Por outro lado, eu não sabia nada sobre aquela mulher, sequer sentia afeto por ela, mas ela me fazia tremer e me atraía intensamente para perto de si. Se nunca conversamos a sério foi porque, no fim das contas, nunca sentimos necessidade de fazê-lo. Se tivéssemos energia suficiente para uma conversa séria, preferíamos usá-la para transar mais uma vez.

Imagino que, depois de viver nessa loucura por alguns meses, sem pausa sequer para respirar, nós provavelmente teríamos nos afastado. Nossas ações naquele momento eram inquestionavelmente naturais, óbvias e necessárias. Não havia,

desde o começo, espaço para afeto, culpa ou preocupação com o futuro. Então, se nossa relação não tivesse sido descoberta (o que na realidade teria sido muito difícil, pois eu estava absorto demais no sexo), é provável que eu e Izumi continuássemos namorando por mais algum tempo. Continuaríamos juntos, nos encontrando apenas durante as férias da faculdade. Não sei quanto tempo isso teria durado. Mas suponho que, alguns anos depois, nós nos separaríamos sem saber exatamente quem tinha tomado a iniciativa. Havia algumas diferenças grandes entre nós, do tipo que aumenta com o passar dos anos e com a maturidade. Olhando para trás, vejo isso com clareza. Mas, mesmo que nos separássemos em algum momento, se eu não tivesse dormido com a prima dela certamente terminaríamos com mais tranquilidade e começaríamos a nova etapa de nossas vidas de forma mais saudável.

Mas, na realidade, as coisas não aconteceram assim.

Na realidade, eu magoei Izumi terrivelmente. Fiz muito mal a ela. Até eu pude ver quão magoada ela ficou e quanto aquilo a prejudicou. Izumi não passou no vestibular de universidades nas quais, considerando suas notas, deveria entrar com facilidade, e acabou entrando em uma faculdade para mulheres da qual ninguém ouvira falar. Depois que minha relação com sua prima veio à luz, eu só vi Izumi mais uma vez. Conversamos longamente, em um café onde costumávamos nos encontrar. Tentei me explicar. Tentei contar a ela meus sentimentos da maneira mais sincera que consegui, escolhendo com cuidado as palavras. Disse que o que tinha acontecido entre mim e sua prima não era importante, de maneira alguma. Que esse evento não fazia parte da trama principal. Que fora uma espécie de fenômeno físico, magnético, e que eu sequer sentira que a estava traindo. Que aquilo não tinha nada a ver com a minha relação com ela.

Mas é claro que Izumi não compreendeu nada disso e disse que eu era um mentiroso imundo. Ela tinha razão. Eu tinha dormido com sua prima, pelas suas costas, escondido dela. E não só uma ou duas vezes, mas dez, vinte vezes. Eu a enganara

por muito tempo. Se o que eu estava fazendo não fosse errado, não haveria razão para esconder dela. Bastaria comunicar desde o começo: “Quero dormir com sua prima. Quero transar com ela até meu cérebro derreter. Mil vezes, em todas as posições possíveis. Mas não ligue pra isso, não tem nada a ver com a nossa relação, tá?”. Só que, no mundo real, eu jamais poderia dizer isso para Izumi. Por isso eu menti. Menti cem, duzentas vezes. Inventava qualquer desculpa para não encontrá-la e ia para Kyoto dormir com sua prima. Eu não tinha a menor possibilidade de me justificar, e obviamente a culpa era toda minha.

Izumi descobriu sobre minha relação com a prima dela no fim de janeiro. Foi um pouco depois do meu aniversário de dezoito anos. Em fevereiro eu passei, sem esforço, para todas as faculdades para as quais tinha me inscrito e, no fim de março, eu sairia da cidade e me mudaria para Tóquio. Antes de ir embora, liguei muitas vezes para Izumi. Mas ela não quis mais falar comigo. Também escrevi longas cartas, todas sem resposta. Eu não queria ir embora daquele jeito. Não podia deixar Izumi para trás sozinha, naquela situação. Mas, não importa o que eu pensasse, na prática não havia nada que eu pudesse fazer. Izumi não queria mais nada comigo.

Passei todo o percurso no trem-bala para Tóquio assistindo, distraído, à paisagem que passava pela janela, e refletindo sobre quem eu era. Olhava minhas mãos sobre os joelhos, meu rosto refletido no vidro. Quem é esse *eu* que está aqui? Pela primeira vez na vida, senti um ódio violento de mim mesmo. Como eu fora capaz de fazer uma coisa dessas? Mas eu sabia. Sabia que, se eu me visse na mesma situação novamente, eu faria o mesmo. Mentiria para Izumi e dormiria com sua prima. Não importava quanto isso a magoasse. Era difícil admitir, mas era a verdade.

É claro que, além de ferir Izumi, também machuquei a mim mesmo. Feri a mim mesmo profundamente — muito mais profundamente do que percebi naquele momento. Esse acontecimento deve ter me ensinado muitas coisas. Mas, olhando para trás, muitos anos mais tarde, o que eu tirei dessa

experiência foi uma única verdade fundamental: ao fim e ao cabo, eu era um ser humano capaz de fazer o mal. Nunca foi minha intenção fazer mal a ninguém. Mas, quaisquer que fossem meus motivos e minhas intenções, conforme a necessidade eu podia ser egoísta e cruel. Eu era uma pessoa capaz de tecer várias justificativas e ferir de forma irreparável alguém de quem eu gostava.

Quando entrei na faculdade, quis mais uma vez começar uma vida nova, com um novo eu, em uma nova cidade. Pensei que, me tornando uma nova pessoa, eu poderia corrigir meus defeitos. No começo, pareceu que isso ia dar certo. Mas, no fim das contas, aonde quer que eu fosse, eu só podia ser eu mesmo. Segui repetindo os mesmos erros, magoando pessoas do mesmo jeito, e prejudicando a mim mesmo.

Depois dos vinte anos, de repente me ocorreu: talvez eu nunca mais seja uma pessoa decente. Havia cometido vários erros. Mas era possível que, na verdade, eles sequer fossem erros. Mais do que erros, poderiam ser apenas a expressão de uma tendência natural e inata que havia em mim. E esse pensamento me deixou muito deprimido.



Não tenho muito para contar sobre os quatro anos que passei na faculdade.

No meu primeiro ano como universitário participei de manifestações e cheguei a enfrentar a polícia. Apoiei greves universitárias e compareci a reuniões políticas, nas quais conheci algumas pessoas interessantes. Mas não conseguia, de jeito nenhum, me entusiasmar de verdade com a luta política. Ficava desconfortável ao dar as mãos para meus companheiros nas manifestações e, quando tinha que jogar pedras nos policiais, sentia que estava deixando de ser eu mesmo. “Será que é mesmo isso que eu quero?”, me perguntava. Eu não conseguia ter um sentimento de solidariedade em relação às pessoas que estavam ao meu redor. O cheiro de violência que preenchia as ruas da cidade e as palavras agressivas em todas as bocas logo começaram a perder o brilho. Pouco a pouco, comecei a sentir saudades do tempo que passara com Izumi. Mas eu já não podia mais voltar para lá. Eu tinha deixado aquele mundo para trás.

Por outro lado, as coisas que eu estudava na faculdade quase não me interessavam. A maior parte das aulas em que me inscrevi eram tediosas e sem sentido. Nada nelas despertava minha curiosidade. Tive muitos trabalhos de meio período e quase não aparecia no campus, então foi um milagre eu conseguir me formar. Também tive algumas namoradas. Até morei junto com uma delas por uns seis meses, no terceiro ano. Mas no fim não deu certo. Naquela época, nem eu mesmo sabia o que queria da vida.

Quando me dei conta, a fase política havia acabado. As ondas que, por um momento, pareceram um enorme prenúncio de uma nova era, perderam a força de repente, como uma bandeira quando cessa o vento, e foram engolidas pelo cotidiano cinzento e inevitável.

Depois de me formar, fui trabalhar, por intermédio de um conhecido, em uma editora de livros didáticos. Cortei o cabelo, calcei sapatos de couro e vesti um terno. A empresa não tinha grandes atrativos, mas naquele momento o mercado não estava muito receptivo para os formandos de letras e, considerando minhas notas e meus contatos, se eu tentasse algum lugar mais legal certamente daria com a cara na porta. Eu já devia me considerar sortudo por ter conseguido aquela vaga.

O trabalho era tão tedioso quanto eu havia imaginado. O ambiente em si não era ruim, mas, infelizmente, editar livros didáticos não me trazia nenhuma alegria. Apesar disso eu me dediquei com afinco por seis meses, tentando encontrar algo que me interessasse naquele trabalho. Eu acreditava que, se você se dedica por inteiro, qualquer atividade pode ter sua compensação. Mas, no fim, acabei desistindo de sentir algum entusiasmo. Minha conclusão final foi que aquele trabalho não era para mim, não importava como eu olhasse. Foi uma decepção. Senti que minha vida tinha acabado por ali. Que eu passaria os anos definhando naquele escritório, fazendo aqueles livros tediosos. Se tudo seguisse normalmente, faltavam trinta e três anos até que pudesse me aposentar, os quais eu passaria sentado, dia após dia, na frente daquela escrivaninha, encarando as provas dos livros, calculando números de exemplares, corrigindo a escrita dos caracteres. E então me casaria com uma mulher adequada, teria filhos e minhas únicas alegrias na vida seriam os dois bônus anuais da empresa. Lembrei-me das palavras de Izumi: “Tenho certeza de que você vai ser uma pessoa maravilhosa. Tem alguma coisa muito incrível em você”. Essa lembrança me trouxe um sentimento amargo. Não tem nada de incrível em mim, Izumi. Mas acho que agora você já descobriu isso. Fazer o quê? Todo mundo se engana.

Eu trabalhava como um autômato no que me davam na editora e passava o resto do tempo lendo os livros de que gostava e ouvindo música. Minha postura era que, se o trabalho era tedioso, feito por obrigação, o jeito era usar o resto do tempo de forma agradável para mim, assim eu conseguiria aproveitar a

vida de alguma maneira. Então eu não costumava sair com os colegas de trabalho para beber ou confraternizar. Não é que eu me desse mal com as pessoas ou ficasse isolado. Eu apenas não me empenhava em criar relações pessoais com os colegas, em outros momentos ou lugares além do horário e local de trabalho. Preferia reservar meu tempo pessoal só para mim.

E, assim, quatro ou cinco anos se passaram como em um instante. Durante esse tempo tive algumas namoradas, mas nenhum relacionamento durou muito. Eu saía com alguém por alguns meses, até que pensava: “Não, não é bem isso”. Não conseguia encontrar naquelas mulheres nada que existisse só para mim. Dormi com algumas delas, mas isso não me causava nenhuma emoção. Essa foi a terceira etapa da minha vida. Esses doze anos, desde quando entrei na faculdade até chegar aos trinta anos, os quais passei em meio a decepção, solidão e silêncio. Durante todo esse tempo, não me aproximei realmente de ninguém. Para mim, foram como anos congelados.

Mergulhei ainda mais no meu próprio mundo. Me acostumei a dormir sozinho, caminhar sozinho, ir sozinho nadar na piscina, assistir sozinho a filmes e shows. Não achava isso particularmente difícil ou solitário. Eu pensava muito em Shimamoto e em Izumi. O que elas estariam fazendo agora? Talvez já estivessem casadas. Podiam até ter filhos. Quaisquer que fossem suas circunstâncias, eu adoraria me encontrar com elas e conversar, pelo menos um pouco. Só uma hora já seria suficiente. Para elas, eu conseguiria expressar melhor meus sentimentos. Eu passava o tempo pensando de que maneira poderia fazer as pazes com Izumi, como poderia reencontrar Shimamoto. Pensava como seria bom se essas coisas acontecessem. Mas não cheguei a fazer nenhum esforço para realizá-las. No fim das contas, as duas já tinham desaparecido da minha vida. Não dá para fazer os ponteiros do relógio girarem no sentido contrário. Eu comecei a pensar em voz alta e a beber sozinho em casa, à noite. Foi nessa época que comecei a considerar que talvez nunca me casasse.

No meu segundo ano na editora, tive um encontro com uma moça que mancava de uma perna. Foi um encontro com outro casal, a convite de um colega de trabalho.

— Ela tem uma perna meio ruim — disse ele, um pouco constrangido. — Mas é uma menina bonita e boa gente. Acho que você vai gostar dela. E a gente mal nota o problema na perna. Ela só arrasta um pouco o pé.

— Isso não me incomoda em nada — falei.

Sinceramente, se ele não tivesse mencionado que ela mancava, acho que eu não teria aceitado sair com eles. Já estava cansado de encontros duplos, encontros às cegas e coisas do gênero. Mas, quando soube disso, não consegui recusar o convite.

E a gente mal nota o problema na perna. Ela só arrasta um pouco o pé.

A menina era amiga da namorada do meu colega. As duas tinham estudado juntas no ensino médio, se não me engano. Ela era miúda e tinha um rosto harmonioso. Não era uma beleza chamativa, mas contida e discreta. Lembrava um pequeno animal que se recusa a sair de um bosque. Numa manhã de domingo, nós vimos um filme e depois almoçamos todos juntos. Ela quase não falava. Mesmo quando tentávamos incluí-la na conversa, ela apenas sorria, sem dizer nada. Depois disso nos separamos para passear, cada casal para um lado. Eu e ela fomos caminhar e tomar café no parque Hibiya. Ela arrastava a perna oposta à de Shimamoto. A forma como mancava também era um pouco diferente. Shimamoto mancava arrastando a perna em um pequeno arco, enquanto ela arrastava numa linha reta, com o pé um pouco virado para o lado. Apesar disso, o caminhar das duas era bem parecido.

Ela estava com um suéter vermelho de gola alta e jeans e calçava botinas comuns, de camurça. Praticamente não usava maquiagem e tinha o cabelo preso num rabo de cavalo. Disse que estava no quarto ano da faculdade, mas parecia mais nova. Eu não sabia se ela era sempre tão calada, se estava nervosa por estar com um desconhecido ou se simplesmente não tinha

muito a dizer. O fato é que, no começo, não se estabeleceu entre nós nada que pudesse ser chamado realmente de conversa. Tudo o que consegui descobrir foi que ela estudava farmácia na faculdade.

— É legal, farmácia? — perguntei.

Nós estávamos sentados no café dentro do parque.

A pergunta a fez enrubescer um pouco.

— Tudo bem — falei. — Fazer livros didáticos também não é lá muito legal. Tem muita coisa sem graça no mundo, não precisa se incomodar com isso.

Ela pensou um pouco, depois finalmente abriu a boca.

— Não é particularmente legal. Mas é que minha família tem uma farmácia.

— Me conta alguma coisa sobre o assunto? Não sei nada sobre isso. Desculpa, já faz uns seis anos que não tomo remédio nenhum.

— Então você é bem saudável.

— Graças a deus, não tenho nem ressaca — falei. — Mas quando eu era criança eu era bem fraco. Ficava doente toda hora e tomava um monte de remédios. Eu sou filho único, quem sabe foi superproteção dos meus pais.

Ela assentiu e ficou olhando para a xícara de café. Muito tempo se passou antes de ela voltar a falar.

— Acho que farmácia não é mesmo um curso tão interessante — disse ela. — Deve ter coisas mais legais para fazer no mundo do que ficar decorando todos os componentes dos remédios. Mesmo dentro das ciências, não é uma área tão romântica quanto a astronomia ou tão dramática quanto a medicina. Mas a farmácia é mais próxima, mais íntima. Acho que é uma coisa em escala humana, sabe?

— Entendi — falei.

Quer dizer que, quando queria, a menina falava direitinho. Ela só precisava de mais tempo do que o normal para escolher as palavras.

— Você tem irmãos? — perguntei.

— Tenho dois irmãos mais velhos. Um deles já é casado.

— Se você está fazendo essa faculdade, é porque vai virar farmacêutica e herdar a farmácia da sua família?

Ela enrubesceu novamente. E passou mais um tempo calada.

— Não sei. Meus irmãos já têm outros empregos, então talvez a farmácia fique comigo. Mas não é certeza. Meu pai disse que, se eu não quiser trabalhar lá, tudo bem, ele continua até onde der e depois vende a loja.

Concordei e esperei ela continuar.

— Mas acho que eu devo ficar, sim. Como eu tenho essa perna ruim, vai ser difícil achar outro trabalho...

Passamos a tarde conversando assim. A conversa tomava tempo, com muitos silêncios. Toda vez que eu fazia uma pergunta, ela ficava vermelha. Mas falar com ela não era chato nem constrangedor. Eu diria que me diverti, o que era raro para mim, na época. Depois de conversar um pouco na mesa daquele café, cheguei a sentir que já a conhecia há muito tempo. Era um sentimento próximo da nostalgia.

Mas será que isso significava que eu estava atraído por ela? A verdade é que não. Gostei dela, é claro, e achei agradável a tarde que passamos juntos. Era uma menina bonita e, como meu colega dissera, parecia ser boa pessoa. Mas, afora essa lista de fatos, encontrei nela alguma coisa que realmente balançasse meu coração? Infelizmente, a resposta era não.

E, dentro de Shimamoto, essa coisa existia. Durante todo o tempo que passei com aquela menina, fiquei pensando em Shimamoto. Me senti mal por isso, mas não conseguia evitar. Mesmo tanto tempo depois, pensar nela fazia meu coração se agitar. Era uma excitação um pouco febril, como se eu abrisse discretamente uma porta no fundo do peito. Caminhar pelo parque Hibiya com aquela menina bonita e manca não me causava a mesma excitação ou o mesmo tremor. O que eu sentia em relação a ela era um tipo de simpatia e um carinho tranquilo, só isso.

A casa dela, ou seja, a farmácia da família, ficava em Kobinata, no distrito Bunkyo. Eu a acompanhei de ônibus até lá. Ela praticamente não falou durante todo o percurso que passamos sentados juntos.

Alguns dias depois, meu colega veio até minha mesa, disse que a menina parecia ter gostado bastante de mim e perguntou se eu não queria sair de novo, nós quatro, na próxima folga. Mas dei uma desculpa qualquer e recusei o convite. Eu não via nenhum problema em me encontrar com ela e conversar novamente. Na verdade, até gostaria de conversar com mais calma. Se nós tivéssemos nos conhecido em outra situação, talvez nos tornássemos bons amigos. Mas o que ele estava propondo era um encontro romântico, para arranjar uma namorada. Se eu saísse com ela duas vezes, passaria a ter certa responsabilidade. Eu não queria magoá-la, de maneira nenhuma. Então só me restava recusar. Nunca mais a encontrei depois disso.

6

Tive mais uma experiência, estranhíssima, envolvendo uma mulher que mancava de uma perna. Eu tinha vinte e oito anos. Foi um acontecimento tão estranho que, até hoje, não consigo avaliar direito o seu significado.

No fim do ano, em meio ao fluxo caótico de pessoas em Shibuya, vi uma mulher que arrastava a perna exatamente como Shimamoto. Ela usava um sobretudo comprido vermelho e levava uma bolsa preta de verniz debaixo do braço. No pulso da mão esquerda tinha um relógio prateado que parecia uma pulseira. Todos esses itens pareciam luxuosos. Eu estava andando do lado oposto da rua quando a vi de repente e atravessei correndo. As ruas estavam tão cheias que era impressionante — de onde tinha saído tanta gente?! —, mas não demorei a alcançá-la, pois, devido à sua perna manca, ela não conseguia andar tão rápido. A forma como ela movia a perna se parecia demais com o caminhar de Shimamoto que eu trazia na memória. Assim como Shimamoto, a mulher arrastava a perna esquerda desenhando um arco. Eu caminhava atrás dela e observava, sem me cansar, a curva elegante traçada por sua bela perna de meia-calça. Era o tipo de beleza que só uma técnica elaborada, desenvolvida ao longo de anos de prática, pode criar.

Por algum tempo, continuei caminhando um pouco atrás da mulher. Não era fácil ajustar o ritmo dos meus passos com os dela (eu precisava resistir ao ritmo das pessoas ao meu redor). Às vezes eu parava para olhar uma vitrine ou fingia procurar algo nos bolsos do casaco, para não avançar tão rápido. Ela usava luvas pretas de couro e, no braço em que não carregava a bolsa, levava uma sacola de papel vermelha, de uma loja de departamentos. Apesar de ser um dia cinzento e nublado de inverno, usava grandes óculos escuros. Tudo que eu via, da minha posição, era seu cabelo bonito e perfeitamente arrumado

(tinha as pontas elegantemente penteadas para fora, na altura dos ombros) e as costas do sobretudo vermelho, macio e grosso. Eu queria descobrir se aquela era Shimamoto ou não, é claro. Comprovar isso não seria, em si, muito difícil. Bastaria ultrapassá-la e me virar para ver seu rosto. Mas se fosse mesmo ela, o que eu diria? Como deveria agir? Acima de tudo, será que ela ainda se lembraria de mim? Eu precisava de tempo para ordenar as ideias. Para recobrar o fôlego, organizar a mente, endireitar a postura.

Caminhei em seu calçado por muito tempo, tomando cuidado para não ultrapassá-la sem querer. Ela não se voltou para trás nem parou de andar em nenhum momento. Mal olhava para os lados. Parecia andar determinada rumo a algum destino. Caminhava com a coluna bem ereta e a cabeça erguida, como Shimamoto costumava fazer. Vendo só seus movimentos da cintura para cima e não a forma como ela movia a perna esquerda, acho que ninguém perceberia que ela era manca. Apenas a velocidade em que ela avançava era um pouco mais lenta do que a da maioria das pessoas. Quanto mais eu observava seu caminhar, mais ele me lembrava Shimamoto. Poderia ser sua irmã gêmea.

Ela atravessou a multidão das ruas próximas à estação de Shibuya e subiu em direção a Aoyama. Na ladeira, caminhava ainda mais devagar. Andou uma distância considerável, tão grande que não seria de estranhar se ela tivesse pegado um táxi. Aquela caminhada seria cansativa mesmo para alguém que não mancasse. Mas ela seguia adiante, arrastando a perna. E eu seguia atrás dela, mantendo uma distância apropriada. Ela nunca parava nem se voltava para trás. Sequer olhava para as vitrines. Trocou algumas vezes a bolsa e a sacola de mãos. Mas, fora isso, mantinha sempre a mesma postura e caminhava no mesmo ritmo.

Em determinado momento, a mulher saiu da avenida movimentada e começou a andar por ruas menores. Parecia conhecer muito bem o mapa daquela região. Logo ao lado da avenida, chegamos a uma zona residencial silenciosa e tranquila.

Nas ruas desertas eu a acompanhei com cuidado, mantendo uma distância maior.

Acho que, ao todo, segui-a por uns quarenta minutos. Atravessamos as ruas residenciais vazias, viramos algumas esquinas e saímos novamente em uma área agitada, na avenida Aoyama. Mas, dessa vez, ela não se uniu ao fluxo de pessoas. Assim que chegou à avenida entrou em um café, sem hesitar, como se esse fosse seu plano desde o começo. Era um café relativamente pequeno, que também servia doces. Enrolei do lado de fora por uns dez minutos, por via das dúvidas, e depois entrei também.

Assim que entrei, busquei-a com os olhos. O local estava abafado, mas ela continuava de casaco, sentada de costas para a porta. Era impossível não notar seu sobretudo luxuoso e vermelho. Escolhi a mesa mais ao fundo e pedi um café. E, fingindo ler um jornal que estava por ali, fiquei observando discretamente seus movimentos. Havia uma xícara sobre a mesa mas, até onde vi, ela não a tocou. Só uma vez abriu a bolsa, tirou um cigarro e o acendeu com um isqueiro dourado. Mas, fora isso, ficou sentada, imóvel, olhando a paisagem através da janela. Eu tomei o meu café e corri os olhos várias vezes pela mesma matéria de jornal.

Passado um tempo bastante longo, ela se levantou de repente, como se tivesse acabado de tomar uma decisão, e veio em direção à minha mesa. Foi um movimento tão súbito que, por um instante, achei que meu coração fosse parar. Mas ela não se aproximou de mim. Passou pela minha mesa e seguiu até o telefone que ficava perto da entrada. Inseriu uma moeda e discou um número.

O telefone não estava muito longe de mim, mas as conversas ruidosas das outras mesas e a animada música natalina que saía das caixas de som impediram que eu escutasse o que ela dizia. A ligação foi bem longa. O café dela esfriava, intocado, na xícara em cima da mesa. Quando ela passou por mim pude vê-la de frente, mas mesmo assim não tinha certeza se aquela era mesmo Shimamoto. Ela usava uma maquiagem carregada e os

óculos escuros escondiam metade do rosto. Tinha as sobrancelhas preenchidas com lápis e um batom vermelho vivo nos lábios finos e apertados. E, afinal, a última vez que eu vira Shimamoto nós tínhamos doze anos. Já haviam se passado mais de quinze anos desde então. O rosto daquela mulher lembrava vagamente o de Shimamoto, mas, por outro lado, se me dissessem que era uma completa desconhecida, eu poderia concordar. Eu sabia apenas que ela estava entre os vinte e trinta anos, tinha um rosto muito bonito e vestia roupas caras. E mancava de uma perna.

Sentado à mesa, eu suava. A camiseta que usava sob a camisa estava encharcada. Tirei o casaco e pedi outro café à garçonete. “Que diabos você está fazendo?!”, me perguntei. Eu tinha ido para Shibuya para comprar um novo par de luvas, pois havia perdido as minhas. Mas, ao ver aquela mulher, segui em seu encalço como se tivesse sido enfeitiçado. A atitude mais sensata seria ir até ela e perguntar, diretamente: “Desculpe incomodar, por acaso você é Shimamoto?”. Essa seria a solução mais prática. Mas não foi o que fiz. Eu a segui sem dizer nada. E agora já estava em uma situação sem volta.

Ao terminar o telefonema, ela voltou direto para a mesa, se sentou novamente de costas para mim e ficou olhando pela janela. A garçonete se aproximou e perguntou se poderia retirar a xícara de café já frio. Eu não escutei sua voz, mas acho que deve ter perguntado isso. A mulher olhou para ela e concordou com a cabeça. E pareceu pedir mais um café. Mas também não tocou na nova xícara quando ela chegou. Eu continuei fingindo ler o jornal que tinha em mãos e observando-a de vez em quando. Ela ergueu várias vezes o braço para olhar o relógio prateado em forma de bracelete. Parecia estar esperando alguém. “Essa pode ser minha última chance!”, pensei. Se a pessoa que ela está esperando chegar terei perdido para sempre a oportunidade de falar com ela. Mas não consegui me levantar da cadeira de jeito nenhum. “Tudo bem”, dizia para mim mesmo. “Ainda está tudo bem, não preciso correr.”

Uns quinze ou vinte minutos se passaram assim, sem que nada acontecesse. Ela passou todo o tempo olhando a rua. E então, sem nenhum aviso, colocou a bolsa sob o braço e pegou a sacola com a outra mão. Pelo jeito, tinha desistido de esperar. Ou, quem sabe, ela nunca estivera esperando ninguém. Fiquei olhando enquanto ela pagava a conta no caixa e saía, depois também me levantei, correndo. Paguei a minha conta e saí atrás dela. Avistei seu casaco vermelho passando em meio à multidão e fui em sua direção, abrindo caminho por entre as pessoas.

Ela estava com a mão levantada, tentando parar um táxi. Por fim, um carro ligou a seta e se aproximou do meio-fio. “Preciso falar agora!”, pensei. “Se ela entrar nesse táxi, já era.” Mas, quando avancei em sua direção, alguém agarrou meu cotovelo com uma força impressionante. Não chegou a doer, mas a força empregada me tirou o ar. Virei para olhar e encontrei um homem de meia-idade me encarando.

O homem era uns cinco centímetros mais baixo que eu, mas tinha um físico forte. Devia ter uns quarenta e cinco anos. Usava um sobretudo cinza-escuro e um cachecol de caxemira. Ambos pareciam artigos muito finos. Tinha o cabelo cuidadosamente repartido e óculos com aro de tartaruga. Seu rosto tinha o bronzeado bonito de quem se exercita com frequência. Talvez ele esquiasse. Ou quem sabe jogasse tênis. Lembrei que o pai de Izumi, tenista fervoroso, tinha o mesmo bronzeado. Pensei que o homem devia ser executivo em alguma empresa renomada, ou um burocrata de posto importante. Seus olhos deixavam isso claro. Eram os olhos de uma pessoa acostumada a dar ordens para muita gente.

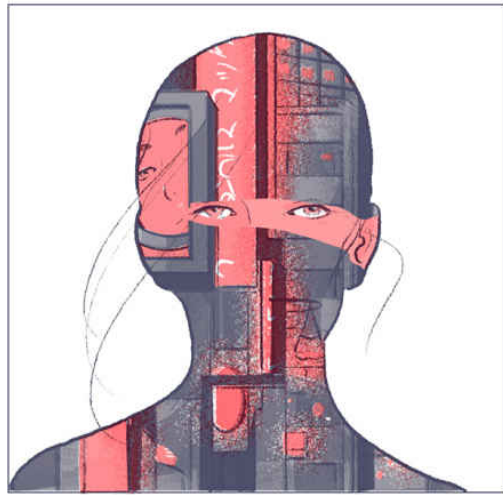
— Vamos tomar um café? — disse ele, em voz baixa.

Segui com os olhos a mulher de casaco vermelho. Enquanto se abaixava para entrar no táxi, ela olhou de relance em nossa direção, por trás dos óculos escuros. Pelo menos tive essa impressão. E então a porta do carro se fechou e ela desapareceu do meu campo de visão. Depois que a mulher foi embora, sobramos eu e aquele estranho homem de meia-idade.

— Não vou tomar muito do seu tempo — disse ele. Falava sem nenhuma inflexão na voz. Aparentemente, não estava bravo ou exaltado. Continuava apertando meu cotovelo, sem expressão, com a atitude de quem segura uma porta para outra pessoa passar. — Vamos tomar um café e conversar.

Eu poderia simplesmente ter ido embora, é claro. Poderia ter dito “não quero tomar café nenhum e não tenho nada pra conversar com você. Eu nem te conheço. Com licença, estou com pressa”, ou coisa que o valha. Mas fiquei fitando o rosto daquele homem, sem dizer nada. Depois concordei com a cabeça e o acompanhei de volta para o café de onde tinha acabado de sair. Talvez a pressão da sua mão tenha me deixado com medo. Senti nela um tipo peculiar de consistência. A pressão não afrouxava nem se intensificava. Segurava-me com precisão, como uma máquina. Eu não podia imaginar qual seria a atitude daquele homem caso eu recusasse o convite.

Mas, além do temor, eu sentia também certa curiosidade. Queria saber o que ele tinha para me dizer. Talvez assim eu pudesse descobrir alguma coisa sobre aquela mulher. Além do mais, era improvável que ele me desse um soco no meio do café.





Entramos e nos sentamos frente a frente. Nenhum de nós disse nada até a garçonete se aproximar. Ficamos nos encarando fixamente por sobre a mesa, até que o homem pediu dois cafés.

— Por que você a seguiu por tanto tempo? — perguntou ele, num tom de voz educado.

Continuei em silêncio, sem responder.

Ele me fitou com seus olhos inexpressivos.

— Sei que você a seguiu desde Shibuya — disse ele. — Qualquer um percebe se for seguido por tanto tempo assim.

Eu não falei nada. A mulher deve ter percebido que estava sendo seguida, então entrou no café e ligou para esse homem.

— Se você não quiser falar nada, não precisa. Eu sei bem o que aconteceu, mesmo que você não responda — disse ele.

Talvez estivesse nervoso, mas seu tom de voz tranquilo e polido não se alterava.

— Tem algumas coisas que eu posso fazer — disse ele. — De verdade. Basta eu querer.

O homem disse só isso, depois se calou e ficou me encarando. Como quem diz, “deu para entender, não preciso falar mais nada, preciso?”. Continuei em silêncio.

— Mas, desta vez, eu não quero complicar as coisas. Não quero fazer uma cena. Entende? Só *desta vez* — disse o homem.

Então tirou a mão direita de cima da mesa, e pegou no bolso do sobretudo um envelope branco. Enquanto isso, sua mão esquerda permaneceu imóvel sobre a mesa. Era um envelope liso, sem nenhuma identificação.

— Então, pegue isso aqui e não diga nada. Sei que você também deve estar agindo a mando de alguém, então prefiro resolver tudo com discrição. E não quero que você diga nada que não deve. Você não viu nada de estranho hoje nem se encontrou comigo. Entendido? Se eu souber que andou dando com a língua nos dentes, pode ter certeza de que vou te achar e resolver essa

história. Então, nunca mais a siga. Não queremos causar problemas um ao outro, queremos?

Depois de dizer isso, o homem empurrou o envelope em minha direção e se levantou. Pegou a conta num gesto brusco, pagou e deixou o café com passos largos. Eu continuei imóvel por algum tempo, perplexo. Depois peguei o envelope e espiei seu interior. Eram dez notas de dez mil ienes. Notas novíssimas, sem nenhum vinco. Minha boca ficou seca. Coloquei o envelope no bolso do casaco e saí do café. Olhei ao redor, me certifiquei de que aquele homem não estava por perto, peguei um táxi e voltei para Shibuya.

E foi só isso.

Eu ainda tenho aquele envelope. Continua fechado, em uma gaveta da minha escrivaninha. O rosto do homem sempre me vem à memória, nas noites em que não consigo dormir, como uma premonição sinistra. Quem diabos era ele? E aquela mulher era ou não Shimamoto?

Desde então, criei algumas hipóteses sobre o ocorrido. Era como um quebra-cabeça em que faltavam peças. Repeti muitas vezes o mesmo processo: criar uma teoria e depois desistir dela. O homem era amante da mulher, e pensou que eu fosse um detetive particular, contratado pelo marido dela para checar o que andava fazendo — essa era a hipótese mais convincente das que criei. Ele então tentou comprar meu silêncio. Quem sabe, os dois haviam estado juntos em algum motel antes de eu começar a segui-la, e achavam que eu tinha testemunhado a cena. Mas essa teoria não me convencia por completo. Restavam algumas dúvidas.

A que ele se referia quando disse que tinha algumas coisas que poderia fazer, se quisesse? Por que agarrou meu braço daquela maneira tão estranha? Se sabia que estava sendo seguida, por que a mulher não entrou num táxi, simplesmente? Fazendo isso, me despistaria em um instante. Por que o homem me entregou cem mil ienes como se não fosse nada de mais, sem nem checar quem eu era?

Por mais que eu pensasse naquele dia, tudo continuava sendo uma incógnita. Às vezes eu me perguntava se não tinha sido apenas uma alucinação. Se eu não tinha inventado a história toda. Ou se eu não tivera um sonho tão realista que havia se instalado na minha mente travestido de realidade. Mas aquilo realmente acontecera, pois dentro da minha gaveta havia um envelope branco com dez notas de dez mil ienes. Era a prova de que tudo se passara no mundo real. “Aconteceu de verdade.” Às vezes, eu colocava o envelope sobre a mesa e ficava olhando para ele. “Aconteceu de verdade.”

Aos trinta anos, eu me casei. Conheci minha esposa quando estava viajando, sozinho, nas férias de verão. Ela era cinco anos mais nova que eu. Eu estava andando por uma rua no interior quando começou um temporal. Por acaso, me abriguei no mesmo lugar em que ela estava com uma amiga. O fato de estarmos os três encharcados ajudou a quebrar o gelo. Ficamos conversando até a chuva estiar, e acabamos ficando amigos. Se não tivesse chovido naquela hora, ou se eu tivesse um guarda-chuva (era uma possibilidade, pois ao sair do hotel eu fiquei pensando se deveria levar um), eu não a teria conhecido. E, se não a conhecesse, talvez continuasse até hoje trabalhando na editora de livros didáticos e passasse as noites bebendo e falando sozinho, recostado na parede do meu pequeno apartamento. Essa ideia sempre me faz reconhecer, novamente, como vivemos dentro de possibilidades muito limitadas.

Eu e Yukiko (esse é o nome dela) nos sentimos atraídos um pelo outro desde o primeiro momento. A amiga que estava com ela era muito mais bonita, mas foi Yukiko quem me atraiu, de forma intensa e irracional. Fazia tempo que eu não sentia esse magnetismo. Ela também morava em Tóquio, então saímos várias vezes depois de voltar de viagem. Quanto mais eu a encontrava, mais gostava dela. Eu diria que ela tinha um rosto comum. No mínimo, não era o tipo de mulher abordada pelos homens em todos os lugares. Mas eu via claramente, no seu rosto, algo feito só para mim. Eu gostava dele. Ficava muito tempo olhando para ele quando nos encontrávamos. Amava esse *algo* que conseguia ver ali.

— Por que você tá me olhando desse jeito? — perguntava ela.

— Porque você é bonita — eu respondia.

— Você é a primeira pessoa que me diz isso.

— É que só eu sei — eu dizia. — Mas eu sei.

No começo, ela não acreditava no que eu estava dizendo. Mas, com o tempo, começou a acreditar.

Costumávamos sair para lugares tranquilos e conversávamos sobre vários assuntos. Eu conseguia falar com ela sobre tudo, com sinceridade e sem afetação. Ao seu lado, eu sentia o peso enorme de tudo o que havia perdido durante mais de uma década. Eu desperdiçara todos aqueles anos. Mas não era tarde demais. Ainda dava tempo. Eu precisava recuperar o máximo que conseguisse, enquanto ainda podia. Quando eu a abraçava, sentia no peito um tremor saudoso. Quando nos separávamos, eu me sentia desamparado e sozinho. A solidão me doía e o silêncio me irritava. E então, depois de três meses de namoro, eu a pedi em casamento. Isso foi uma semana antes do meu aniversário de trinta anos.

O pai de Yukiko era presidente de uma empresa de construção de médio porte. Era uma pessoa interessante, com pouca educação formal, mas muito competente no seu trabalho e dono de uma filosofia própria. Às vezes ele se mostrava um pouco agressivo e tinha atitudes com as quais eu não concordava, mas eu não podia deixar de admirar sua perspicácia. Nunca havia conhecido alguém assim. E, apesar de andar em um Mercedes com motorista, ele não era arrogante. Quando fui à sua casa e declarei a intenção de me casar com sua filha, ele disse apenas: “Vocês são adultos. Se gostam um do outro, fiquem à vontade”. Aos olhos da sociedade, eu era apenas um assalariado medíocre que trabalhava em uma empresa medíocre, mas ele não pareceu nem um pouco incomodado com isso.

Yukiko tinha um irmão mais velho e uma irmã mais nova. Seu irmão iria herdar a empresa do pai e já trabalhava lá como vice-presidente. Não era má pessoa, mas, comparado com o pai, não tinha muito carisma. A irmã mais nova, universitária, era a mais extrovertida e chamativa dos três, acostumada a dar ordens a todos. Eu me perguntava se ela não seria uma escolha melhor como herdeira dos negócios da família.

Seis meses depois de nosso casamento, o pai dela me chamou e perguntou se eu não pretendia deixar meu emprego.

Ele sabia, pela minha esposa, que eu não gostava muito de trabalhar com livros didáticos.

— Eu não teria problema nenhum em sair desse emprego — falei. — O problema seria o que fazer depois disso.

— Você não quer trabalhar com a gente? O ritmo é puxado, mas paga bem! — disse ele.

— Eu certamente não tenho talento para editar livros didáticos, mas acho que tenho ainda menos para o ramo da construção — respondi com sinceridade. — Agradeço muito o convite, mas, se eu tentar fazer algo em que não sou bom, vou acabar causando problemas a vocês.

— Isso é verdade. Não há por que se forçar a trabalhar com algo em que você não leva jeito — disse ele. Já devia esperar essa minha resposta. Nesse dia nós estávamos bebendo juntos. O filho dele quase não bebia, então às vezes ele me chamava para acompanhá-lo. — Falando nisso, nossa empresa tem um prédio em Aoyama. Estamos construindo agora, deve ficar pronto no mês que vem. É um imóvel bom, em uma localização ótima. Hoje em dia pode parecer uma região um pouco escondida, mas está crescendo. Você não quer abrir alguma coisa lá? Eu teria que cobrar o aluguel e depósito a preço de mercado, pois o prédio é propriedade da empresa, mas se você se animar posso te emprestar todo o capital de que precisar.

Pensei um pouco a respeito. Até que não era má ideia.

No fim, decidi abrir um elegante bar de jazz no subsolo do prédio. Eu havia trabalhado em lugares assim durante a graduação, então sabia, no geral, como funcionavam. Tinha uma imagem do que queria: que comidas e bebidas servir, que tipo de clientela queria atrair, qual música tocar, como decorar o lugar. Meu sogro cuidou de toda a reforma do espaço. Chamou os melhores designers e os melhores decoradores e eles fizeram um trabalho excelente, por um preço bastante em conta. O resultado ficou impressionante.

O bar teve muito mais sucesso do que eu esperava, e dois anos depois abri mais um, também em Aoyama. O segundo era maior, uma espécie de clube, e tinha espaço para um trio de jazz. A reforma deu bastante trabalho e custou muito caro, mas o bar ficou muito bonito e o movimento era bom. Então finalmente consegui respirar um pouco mais aliviado. Tinha aproveitado bem a oportunidade que me fora dada. Nessa época tivemos nosso primeiro filho, uma menina. No começo eu ficava no balcão do bar, preparando coquetéis, mas gerenciando dois estabelecimentos eu não tinha mais tempo para isso, então passei a cuidar só da administração. Negociava as compras de produtos, gerenciava os funcionários, organizava a contabilidade e garantia que tudo corresse sem percalços. Tinha várias ideias, que logo colocava em prática. Até experimentava preparar novos pratos para o cardápio. Eu nunca tinha me dado conta, mas até que eu levava jeito para esse tipo de trabalho. O processo de começar algo do zero e ir aprimorando cuidadosamente minha criação me dava muito prazer. Aquele era meu lugar, meu mundo. Isso me trazia uma felicidade que eu nunca experimentara ao revisar livros didáticos.

Durante o dia eu resolvia vários afazeres e, à noite, circulava entre os dois bares, provando os drinks no balcão, observando a reação dos clientes, supervisionando o serviço dos meus funcionários, ouvindo a música. Continuava pagando, todos os meses, o empréstimo que recebera de meu sogro, mas mesmo assim tinha uma boa renda. Compramos um apartamento de quatro dormitórios em Aoyama e uma BMW 320. E tivemos mais um filho, outra menina. Agora eu era um pai de família com duas filhas.

Aos trinta e seis anos, eu tinha uma pequena casa de campo em Hakone. Minha esposa comprara um Jeep Cherokee vermelho para fazer compras e levar as crianças aonde precisasse. Os dois bares davam bastante lucro, que eu poderia usar para abrir um terceiro, mas não estava nos meus planos abrir mais unidades. Seria impossível manter a atenção em todos os detalhes, e eu provavelmente ficaria exausto só com o

trabalho administrativo. Conversei com meu sogro sobre o assunto e ele recomendou que eu investisse o excedente em ações e imóveis. Disse que assim eu não gastaria tempo nem teria mais trabalho. Mas respondi que não sabia absolutamente nada sobre ações, muito menos sobre imóveis.

— Pode deixar os detalhes por minha conta. É só fazer o que eu disser, que não tem erro. Nessas coisas, tem que saber o jeito certo — respondeu meu sogro.

Eu investi como ele mandou. E, em pouco tempo, tive um lucro considerável.

— Viu só? — disse meu sogro. — O importante é fazer as coisas do jeito certo. Você pode trabalhar numa empresa e ganhar um salário por cem anos, que não vai chegar a lugar algum. Para ter sucesso é preciso ter sorte e a cabeça boa. Óbvio. Mas só isso não basta. Primeiro, é preciso ter capital. Sem capital suficiente, não dá pra fazer nada. Mas o mais importante é saber o jeito certo. Se você não souber, pode ter todo o resto, e mesmo assim não vai dar em nada.

— É verdade — falei.

Eu sabia bem o que ele estava tentando me dizer. Esse tal “jeito” se referia ao sistema que tinha construído ao longo da vida. Um sistema complexo e robusto que envolvia obter informações, fazer *networking*, investir e lucrar. Esse lucro ia se multiplicando, às vezes encontrando caminhos para escapar à malha de leis e impostos, às vezes mudando de nome ou de forma. Era sobre a existência desse sistema que ele queria me contar.

De fato, se eu nunca tivesse conhecido meu sogro, talvez estivesse até hoje editando livros didáticos. Estaria morando em um prédio sem graça em Nishi-Ogikubo e dirigiria um Toyota Corona usado, com o ar-condicionado meio ruim. Acho que, dentro das condições que me foram dadas, me saí muito bem. Coloquei dois estabelecimentos nos trilhos em pouco tempo, tinha mais de trinta funcionários sob meu comando e uma renda muito além da média. A organização com que eu administrava nossos livros contábeis era tanta que impressionava os fiscais da

receita, e os bares tinham boa reputação. No entanto, eu não era a única pessoa no mundo capaz de fazer isso. Várias outras poderiam ter conseguido o mesmo. E sozinho, sem o capital e o conhecimento do meu sogro, eu não teria chegado a lugar nenhum. Pensar nisso me causava certo mal-estar. Tinha a impressão de ter usado um atalho desleal e recursos injustos para chegar onde estava. Sou da geração que atravessou as ferrenhas lutas estudantis do final da década de 1960 à primeira metade da década de 1970. Passamos por essa experiência, gostássemos ou não. Falando em linhas muito gerais, aquilo foi um grito de “não” à lógica do capitalismo mais desenvolvido, mais complexo e mais refinado, que estava começando a devorar o momentâneo idealismo do pós-guerra. Pelo menos foi a percepção que tive na época. Uma febre violenta que acompanhou um momento de transformação da sociedade. Mas, agora, eu vivia em um mundo criado segundo a lógica desse capitalismo desenvolvido. De repente, quando eu esperava o sinal abrir na avenida Aoyama, com as mãos no volante da BMW e escutando *A viagem de inverno* de Schubert, eu pensava: “Isso não parece a minha vida”. Era como se eu estivesse ocupando um lugar que pertencia a outra pessoa, vivendo de uma forma determinada por outra pessoa. Até onde este que está aqui sou eu mesmo, e quando deixa de ser? Essa mão que segura o volante é minha mesmo? Esta paisagem que me cerca é parte do mundo real? Quanto mais eu pensava sobre o assunto, menos sabia responder.

Mas posso dizer que, no geral, levava uma vida feliz. Não tinha nada do que me queixar. Eu amava minha esposa. Yukiko era uma mulher tranquila e ponderada. Depois de ter filhos ela tinha engordado um pouco e por isso agora cuidava da dieta e se dedicava aos exercícios físicos. Mas eu continuava achando-a bonita. Gostava de estar junto dela e de dormir com ela. Algo em Yukiko me acalmava. E, o que quer que acontecesse, eu não queria voltar para aquela vida desolada e solitária dos meus vinte anos. “Este é o meu lugar”, eu pensava. “Enquanto estiver aqui, sou amado e estou protegido. E, ao mesmo tempo, amo e protejo

minha esposa e minhas filhas.” Era uma experiência totalmente inédita para mim, e o fato de eu ser capaz de cumprir aquele papel era uma descoberta inesperada.

De manhã, eu levava minha filha mais velha de carro para a pré-escola particular. Íamos ouvindo músicas infantis no som do carro e cantando juntos. Depois disso voltava para casa e, antes de ir para o pequeno escritório que eu alugava ali perto, brincava um pouco com minha filha mais nova. Nos fins de semana de verão, íamos os quatro para a casa em Hakone. Assistíamos aos fogos de artifício, passeávamos de barco no lago, fazíamos trilhas pelas montanhas.

Enquanto minha esposa estava grávida eu tive alguns casos. Mas não foram nada sério nem duraram muito. Não dormi com a mesma pessoa mais de uma ou duas vezes. No máximo, três. Sinceramente, eu não tinha nem sequer a consciência clara de estar sendo infiel. O que eu desejava era apenas a ação de “dormir com alguém” e acho que as minhas parceiras buscavam o mesmo. Eu evitava me envolver mais do que isso e, para tanto, escolhia as mulheres com cuidado. Acho que eu queria testar alguma coisa, dormindo com elas. Queria saber o que encontraria nelas e o que elas encontrariam em mim.

Pouco tempo depois que minha primeira filha nasceu, eu recebi um cartão-postal, reenviado da casa dos meus pais. Era uma nota de falecimento de uma mulher. Ela havia falecido aos trinta e seis anos. Porém, o nome não me soou familiar. O carimbo postal era de Nagoya. Mas eu não conhecia ninguém em Nagoya. Precisei pensar por algum tempo até me dar conta de que era a prima de Izumi, que vivia em Kyoto. Eu tinha me esquecido completamente do seu nome. E a família dela era de Nagoya.

Não tive que quebrar a cabeça para saber que o cartão havia sido enviado por Izumi. Ninguém mais me encaminharia aquele aviso. No primeiro momento, não consegui entender por que ela me enviaria uma correspondência dessas. Mas, enquanto olhava

o cartão, fui conseguindo ler nele seu sentimento duro e gelado. Ela não se esquecera nem perdoara minhas ações. E queria que eu soubesse disso. Foi por isso que Izumi me enviou o postal. Imaginei que ela não devia ser muito feliz. Se fosse, não teria feito questão de me dar aquela notícia. Ou, se enviasse, acrescentaria algum tipo de mensagem ou explicação.

Depois, pensei sobre a prima. Lembrei de seu apartamento e do seu corpo. Lembrei do nosso sexo intenso. Tudo isso existira tão vividamente em dado momento, e hoje não restava mais nenhum resquício. Tudo desaparecera como a fumaça levada pelo vento. Eu não fazia ideia de como ela havia morrido. Trinta e seis anos não é uma idade em que as pessoas morrem de causas naturais. Ela tinha o mesmo sobrenome de antes. Ou era solteira, ou havia se casado e se divorciado.

Tive notícias de Izumi por um antigo colega de ensino médio. Ele descobriu que eu era dono daqueles bares em Aoyama ao ver minha foto em uma edição especial da revista *Brutus*, um guia dos bares de Tóquio. Eu estava sentado no balcão quando ele se aproximou, exclamando “Há quanto tempo! Como vão as coisas?”. Mas ele não tinha ido ao bar só para me encontrar. Aconteceu de estar bebendo com colegas de trabalho e me ver ali, então resolveu dar um oi.

— Venho nesse bar faz tempo! É perto do trabalho, sabe. E eu não fazia ideia de que você era o dono... Que mundo pequeno — disse ele.

Enquanto eu era uma espécie de ovelha negra na escola, ele tirava boas notas e era bom nos esportes, o tipo de aluno que vira presidente de turma. Era tranquilo e não se metia na vida dos outros. Um sujeito agradável, eu diria. Naquele tempo ele era do time de futebol e sempre fora meio grandalhão, mas agora tinha engordado um bocado. Estava começando a ter uma papada, e o colete do seu terno de três peças azul-marinho parecia um pouco justo.

— Isso aqui é por ter que ficar entretendo os clientes! — disse ele. — Eu não devia ter ido trabalhar com vendas! É só hora extra, clientes para bajular, ficam te mudando de departamento toda hora... Se os resultados são ruins, você leva na bunda, mas se são bons viram a nova meta. Ninguém merece!

A empresa em que ele trabalhava ficava em Aoyama Ichome, então ele vinha até o bar a pé depois do trabalho.

Tivemos o tipo de conversa que colegas de ensino médio têm quando se encontram depois de dezoito anos. Como anda o trabalho, se são casados, quantos filhos, onde encontraram fulano ou beltrano. Foi aí que ele mencionou Izumi.

— Você tinha uma namorada, com quem estava sempre junto, não tinha? Era Ohara o nome dela?

— Izumi Ohara — respondi.

— Isso! — disse ele. — Izumi Ohara. Encontrei com ela, outro dia.

— Aqui em Tóquio? — perguntei, surpreso.

— Não, não foi em Tóquio. Em Toyohashi!

— Toyohashi? — perguntei, ainda mais surpreso. — Na cidade de Toyohashi, em Aichi?

— Isso! Essa Toyohashi.

— Não estou entendendo. Por que você encontrou com Izumi em Toyohashi? O que ela estava fazendo lá?

Ele deve ter sentido alguma rispidez na minha voz.

— Eu sei lá! Só sei que a vi em Toyohashi — disse ele. — Mas não foi nada de mais. Nem tenho certeza se era mesmo ela.

Ele pediu mais um Wild Turkey com gelo. Eu estava bebendo um *gimlet* de vodca.

— Mesmo que não seja nada de mais, me conta o que aconteceu.

— Quer dizer, não é bem isso — disse ele, um pouco sem jeito. — Digo que não foi nada de mais porque, na verdade, às vezes eu tenho a impressão de que não aconteceu de verdade. É uma sensação muito esquisita. Como se eu tivesse tido um sonho muito realista, sabe? Aconteceu mesmo, mas por algum

motivo não parece uma coisa do mundo real. Não sei explicar direito.

— Mas aconteceu de verdade? — perguntei.

— Sim — disse ele.

— Então eu quero saber.

Ele concordou, resignado, e tomou um gole do uísque trazido pelo barman.

— Fui pra Toyohashi porque minha irmã está morando lá. Eu tinha um compromisso de trabalho em Nagoya que acabou numa sexta, então resolvi aproveitar e passar uma noite na casa da minha irmã. E foi aí que me encontrei com a Izumi. No elevador do prédio onde minha irmã mora. Na hora eu só pensei “nossa, parece muito!”. Mas nem me ocorreu que fosse mesmo Izumi Ohara. Afinal, eu nunca imaginaria que fosse encontrar com ela dentro do elevador do prédio da minha irmã, em Toyohashi. E o rosto dela estava tão diferente, nem eu sei como reconheci tão rápido. Deve ter sido tipo uma intuição.

— Mas então era mesmo a Izumi?

Ele concordou.

— Por coincidência, ela morava no mesmo andar que a minha irmã. Saímos juntos do elevador e fomos na mesma direção. Aí ela entrou num apartamento duas portas antes do da minha irmã. Eu fiquei curioso e chequei o nome na placa do apartamento, era Ohara.

— Ela não te reconheceu?

Ele balançou a cabeça.

— Éramos da mesma sala, mas nunca fomos muito próximos. Além do mais, já estou uns vinte quilos mais gordo do que naquela época. Nem tinha como ela me reconhecer.

— Mas era mesmo a Izumi? Ohara é um nome comum, e tem muita gente parecida no mundo.

— Aí é que tá. Fiquei curioso e perguntei pra minha irmã sobre essa Ohara, então ela me mostrou a lista de moradores do prédio. Sabe, aquelas listas que usam para coletar dinheiro para manutenção, coisa assim. Nessa lista tinha o nome completo de todos os residentes. E lá estava: “Izumi Ohara”. Izumi escrito em

katakana. Não deve ter tanta gente assim com sobrenome Ohara e primeiro nome Izumi em *katakana*.

— Então quer dizer que ela ainda é solteira.

— Minha irmã não sabia — disse ele. — Disse que Izumi Ohara é um mistério naquele prédio. Ninguém nunca falou com ela. Não responde quando a cumprimentam. Não abre a porta se alguém tem um assunto a tratar e toca a campainha. Mesmo se ela estiver em casa, não abre! Quer dizer, não é muito popular entre os vizinhos.

— Ah, então é outra pessoa! — falei. E balancei a cabeça, rindo. — Izumi não é assim. Ela é dessas pessoas que cumprimentam todo mundo que veem pela frente, mesmo quando não precisa.

— Verdade. Não devia ser ela — disse ele. — Devia ser outra pessoa com o mesmo nome. Enfim, vamos deixar esse assunto de lado. Não é muito legal.

— Mas essa Izumi Ohara mora lá sozinha?

— Acho que sim. Parece que nunca viram nenhum homem entrando ou saindo da casa dela. Também não sabem o que ela faz da vida. É tudo um mistério.

— E você, o que achou?

— O que achei sobre o quê?

— Sobre ela. Sobre essa Izumi Ohara que não sabemos se era uma homônima ou o quê. O que você achou quando a viu no elevador? Ela parecia bem, ou não muito bem? Esse tipo de coisa.

Ele pensou por algum tempo.

— Não estava mal — disse ele.

— Como assim, não estava mal?

Ele agitou o copo de uísque fazendo os cubos de gelo tilintarem uns contra os outros.

— Ela estava mais velha, claro. Não tem jeito, já estamos com trinta e seis anos. Todos nós, eu e você também. O metabolismo vai diminuindo, a gente vai perdendo músculo. Ninguém é adolescente pra sempre.

— Claro — falei.

— Vamos mudar de assunto, vai. Devia ser outra pessoa mesmo.

Soltei um suspiro. Então apoiei as duas mãos no balcão e o encarei.

— Escuta, eu quero saber. Eu preciso saber. Pra falar a verdade, eu e Izumi terminamos de um jeito péssimo, logo antes de a gente se formar no ensino médio. Eu fiz uma besteira e a magoei. E, desde então, nunca tive notícias dela. Não tinha como saber onde ela estava nem o que estava fazendo. Isso está entalado no meu peito há muito tempo. Então queria que você me contasse, o que quer que seja. Não me importa se é bom ou ruim. Você sabe que era mesmo a Izumi, não sabe?

Ele assentiu com a cabeça.

— Já que é assim, eu te digo. Era ela mesmo, sem dúvida. Mas me sinto mal por você...

— Então, como é que ela estava, de verdade?

Ele ficou calado por um momento.

— Olha, antes quero que você saiba de uma coisa. Eu era da mesma classe que a Izumi e gostava dela. Era uma menina legal. Ela era boa gente e bonitinha. Não era particularmente linda, mas tinha alguma coisa, um charme. Alguma coisa que movia o coração das pessoas. Não tinha?

Eu concordei.

— Posso mesmo falar a verdade? — perguntou ele.

— Pode — respondi.

— Vai ser um pouco pesado...

— Tudo bem. Eu quero saber.

Ele tomou mais um gole de uísque.

— Eu ficava com inveja, vendo vocês sempre juntos. Também queria ter uma namorada daquele jeito. Agora, tendo passado tanto tempo, posso ser sincero com você. Por isso eu lembrava bem da cara dela. Ficou bem gravada na minha mente. Tanto que, mesmo depois de dezoito anos, assim que entrei no elevador com ela eu me lembrei, na hora. O que estou tentando dizer é que eu não tenho nenhum motivo pra falar mal dessa mulher. Pra mim também foi um choque. Eu não queria ter que

reconhecer isso, mas posso dizer com certeza absoluta. Ela já não é mais bonita.

Eu mordi o lábio.

— Não é mais bonita, como?

— Dizem que as crianças do prédio têm medo dela.

— Medo? — Eu o encarei, sem entender direito. Ele devia estar escolhendo mal as palavras. — Do que você tá falando? Como assim, medo?

— Olha, vamos mudar de assunto. Eu nem devia ter comentado nada.

— Ela diz alguma coisa pras crianças?

— Não, ela não fala nada pra ninguém. Eu já te disse.

— Então é da cara dela que as crianças têm medo?

— É — disse ele.

— Ela tem alguma cicatriz, algo assim?

— Não, nada disso.

— Então o que tem de assustador nela?

Ele tomou mais um gole do uísque e apoiou devagar o copo no balcão. Depois me encarou por um tempo. Parecia hesitar, sem saber o que fazer. Mas, além disso, vi outra expressão surgir em seu rosto. Eu finalmente consegui reconhecer nele um resquício dos tempos de escola. Ele passou um tempo com o rosto erguido, olhando ao longe. Como se tentasse enxergar aonde ia dar um rio. Depois disso, falou:

— Eu não consigo explicar direito, e nem quero. Então, por favor, não me pergunte mais. Se você visse com os próprios olhos, entenderia. Sem ver, não tem como eu te explicar.

Eu não falei mais nada. Só concordei com a cabeça e tomei um gole do meu *gimlet* de vodca. O tom de voz dele era tranquilo, mas não dava espaço para qualquer insistência da minha parte.

Depois disso ele me contou que tinha morado dois anos no Brasil, a trabalho. “Você acredita que encontrei um colega da escola fundamental em São Paulo? Ele é engenheiro e trabalha na Toyota.”

Mas é claro que essa história mal entrou nos meus ouvidos. Quando nos despedimos, ele bateu no meu ombro.

— Escuta, os anos mudam as pessoas, de vários jeitos. Não sei o que aconteceu entre vocês naquela época, mas o que quer que tenha sido, a culpa não é sua. Todo mundo passa, em maior ou menor grau, por coisas assim. Eu também. Não estou mentindo, já passei por muita coisa. É a vida, não adianta. No fim das contas, a vida de cada um é a vida de cada um. Não tem como você tomar o lugar de outra pessoa e se responsabilizar pelo que aconteceu com ela. Isso aqui é um deserto e o jeito é se acostumar com ele. Quando era criança você não viu aquele filme do Walt Disney, *O drama do deserto*?

— Vi, sim.

— É a mesma coisa. O mundo é aquilo lá. Se chover, as flores brotam, se não chover, elas secam. Os insetos são devorados pelos lagartos, que são devorados pelos pássaros. E, cedo ou tarde, todo mundo vai morrer. Morrer e secar. Uma geração morre, outra toma seu lugar. É assim que as coisas são. Cada um vive do seu jeito, morre do seu jeito. Mas isso não importa muito. No fim, sobra apenas o deserto. A única coisa viva de verdade é o deserto.

Depois que ele foi embora continuei bebendo sozinho no balcão. O bar fechou, os clientes foram todos embora, os funcionários organizaram e limparam tudo e saíram, e eu continuei lá, sozinho. Não queria voltar tão cedo para casa. Telefonei para minha esposa, disse que tinha algumas coisas para resolver no bar e que chegaria mais tarde. Apaguei as luzes e fiquei bebendo uísque no escuro. Puro, por preguiça de pegar gelo.

“Tudo vai desaparecer”, pensei. Algumas coisas desaparecem de uma vez, numa ruptura clara. Outras levam tempo, vão ficando cada vez mais difusas até desaparecerem por completo. “E no fim sobra apenas o deserto.”

Quando saí do bar, já perto de amanhecer, caía uma chuva fina na avenida Aoyama. Eu estava exausto. A chuva molhava sem ruído a massa de prédios, mudos como lápides. Deixei o

carro no estacionamento do bar e voltei para casa a pé. No meio do caminho, sentei na grade da calçada e fiquei observando um grande corvo que grasnava, pousado sobre um sinal de trânsito. Às quatro da manhã, a cidade era miserável e suja. Sombras da decomposição e da ruína espreitavam de todas as frestas. E minha própria existência era parte disso. Como uma sombra queimada contra a parede.

Nos dez dias depois de meu nome e minha foto terem saído na revista *Brutus*, vários antigos conhecidos apareceram no bar. Eram colegas de escola, dos últimos anos do fundamental e do ensino médio. Até então, quando eu entrava em uma livraria e via a infinidade de revistas expostas, me perguntava, incrédulo, quem se dava ao trabalho de ler tudo aquilo. Mas o que eu descobri, ao sair em uma, é que as pessoas têm muito mais entusiasmo pelas revistas do que eu imaginava. Olhando com atenção ao meu redor percebi que em salões de beleza, bancos, cafés, trens, em todo lugar, as pessoas tinham revistas abertas nas mãos, como se enfeitiçadas. Talvez a ideia de passar o tempo sem fazer nada fosse assustadora, e por isso liam o que quer que estivesse ao seu alcance.

No fim das contas, não posso dizer que encontrar antigos colegas fosse muito divertido. Eu não achava ruim revê-los. Tinha boas memórias com eles. Eles também pareciam alegres de me reencontrar. Mas, no fundo, eu não me importava com nada do que eles diziam. Não tinha o menor interesse em saber como estava minha cidade natal ou que rumo cada um dos meus antigos colegas havia tomado. Estava distante demais desse lugar onde vivera um dia. Além disso, tudo o que eles diziam me fazia pensar em Izumi, por mais que eu tentasse evitar. Todas as menções ao passado e àquela cidade me traziam à mente a imagem dela vivendo sozinha num pequeno apartamento em Toyohashi. “Ela já não é mais bonita”, dissera ele. “As crianças têm medo dela.” Essas duas frases ecoavam sem parar na minha mente. E ela não havia me perdoado até hoje.

Por algum tempo, depois que a revista saiu, me arrependi sinceramente de ter aceitado aparecer na reportagem, ainda que fosse bom para os negócios. Eu não queria que Izumi lesse a

matéria. Como ela se sentiria se visse que não me restara nenhuma ferida e que hoje eu levava uma vida boa?

Mas, passado um mês, as pessoas pararam de aparecer. Esse é o lado bom das revistas. Você fica famoso num instante, mas também é esquecido com a mesma rapidez. Respirei aliviado. Pelo menos Izumi não dissera nada. Pensei que ela nem devia, mesmo, ler a *Brutus*.

Depois de um mês e meio, quando eu já tinha quase me esquecido do assunto, mais uma pessoa apareceu no bar. Era Shimamoto.

Numa noite de segunda-feira, no começo de novembro, ela estava sozinha no balcão do meu bar de jazz (cujo nome era Robin's Nest, em homenagem a uma velha canção de que eu gosto), tomando um daiquiri. Eu estava sentado no mesmo balcão, a três bancos de distância, mas nem me ocorreu que aquela fosse Shimamoto. Só pensei, admirado, que era uma cliente muito bonita e que eu nunca a vira antes. Se tivesse visto, certamente lembraria. Ela chamava a atenção. Achei que logo chegaria alguém para encontrá-la. Não era raro mulheres irem beber sozinhas no bar, é claro. Algumas iam sabendo que seriam abordadas por homens, às vezes até esperando por isso. Dava para ver pelo jeito delas. Mas, pela minha experiência, mulheres *realmente* bonitas não costumavam ir sozinhas. Pois, para elas, a atenção dos homens não era agradável, era um incômodo.

Por isso, evitei olhar demais aquela mulher. Examinei-a rapidamente na primeira vez em que a vi, e depois algumas vezes de relance. Ela usava uma maquiagem leve e estava vestida com bom gosto e luxo. Um vestido de seda azul sob um cardigã bege muito fino, leve como uma casca de cebola. Sobre o balcão estava uma bolsa que combinava perfeitamente com o vestido. Não dava para estimar quantos anos tinha. Eu diria apenas que era a idade ideal.

Ela era de uma beleza estonteante, mas não parecia ser atriz ou modelo. Mulheres dessas profissões apareciam bastante no

meu bar, mas elas tinham o ar de quem sabe estar sempre sendo observada, uma atitude de quem diz “sim, sou eu”. Aquela mulher era diferente. Estava relaxada e se misturava bem ao ambiente. Com o cotovelo no balcão e o queixo apoiado na mão, escutava a música do trio de jazz e tomava seu coquetel devagar, como quem lê atentamente um texto bem escrito. Vez ou outra, dava uma olhada em minha direção. Senti isso algumas vezes. Mas não achei que ela estivesse, de fato, olhando para mim.

Eu estava de terno e gravata, como sempre. A gravata era Armani, o terno Soprani Uomo, a camisa também Armani. Os sapatos eram Rossetti. Eu não ligo muito para roupas. Acho idiota gastar mais do que o necessário com isso, a princípio. Para mim, qualquer calça jeans e um suéter são suficientes para o dia a dia. No entanto, tenho uma modesta filosofia. Acho que o dono de um bar deve usar o tipo de roupa que ele gostaria que seus clientes vestissem. Isso gera uma leve tensão tanto entre os clientes quanto entre os funcionários. Então, quando vou para os meus bares, faço questão de vestir um terno elegante e sempre uso gravata.

Fiquei lá provando os coquetéis, observando a clientela e assistindo à apresentação do trio de músicos. No começo o bar estava bem cheio, mas depois das nove uma chuva forte começou a cair e as pessoas pararam de chegar. Às dez, já dava para contar as mesas ocupadas. Mas a mulher continuava lá, bebendo seu daiquiri em silêncio. Fui ficando cada vez mais intrigado. Pelo jeito, ela não estava esperando ninguém. Não verificava as horas nem olhava para a porta.

Finalmente, ela se levantou com a bolsa na mão. Já eram quase onze horas. Quem quisesse voltar de metrô precisava sair logo. Mas ela não foi embora. Se aproximou devagar, sem alarde, e se sentou no banco ao meu lado. Senti seu perfume suave. Depois de ajeitar o corpo no banco, ela tirou um maço de Salem da bolsa e colocou um cigarro na boca.

— Belo bar — disse ela.

Tirei os olhos do livro que estava lendo e a olhei, sem entender direito. Nesse momento, fui atingido por alguma coisa. O ar no meu peito ficou subitamente pesado. Pensei na força magnética. Seria isso?

— Obrigado — falei. Ela devia saber que eu era o dono do lugar. — Fico feliz que você tenha gostado.

— Sim, gostei muito — disse ela, e deu um sorriso espiando meu rosto. Era um lindo sorriso. Seus lábios se alongaram e linhas charmosas apareceram nos cantos dos olhos. Ele me lembrou alguma coisa.

— A música também é ótima — disse ela, apontando para o trio de instrumentistas. — Por acaso você teria fogo?

Eu não tinha fósforo nem isqueiro. Chamei o barman, pedi que ele trouxesse uma caixa de fósforos da casa e acendi o cigarro que ela segurava entre os lábios.

— Obrigada — disse ela.

Então eu vi o seu rosto de frente. E, finalmente, percebi. Era Shimamoto.

— Shimamoto — falei, a voz seca.

— Mas que demora! — disse ela, depois de um instante, contendo o riso. — Achei que você não ia perceber nunca.

Examinei seu rosto por muito tempo, sem dizer nada, como quem tem diante de si uma máquina elaborada e rara, da qual só tinha ouvido falar. Sem dúvida, era Shimamoto quem estava na minha frente. Mas eu não conseguia acreditar. Eu tinha pensado tanto sobre ela. E não esperava voltar a vê-la nunca mais.

— Esse terno é muito elegante — disse ela. — Fica bem em você.

Eu concordei em silêncio. Não conseguia falar nada.

— Você está bem mais bonito, hein, Hajime? E mais forte também.

— É que eu nado — consegui finalmente dizer alguma coisa.

— Comecei quando era adolescente e nunca mais parei.

— Deve ser muito legal nadar. Sempre pensei isso. Como deve ser legal nadar.

— É ótimo. Qualquer um pode aprender — falei. E, assim que acabei de dizer essas palavras, lembrei da perna dela. *O que eu estou dizendo?!* Fiquei confuso e tentei acrescentar alguma coisa mais inteligente, mas não saiu nada. Procurei no bolso da calça por um maço de cigarros, depois lembrei que eu tinha parado de fumar havia mais de cinco anos.

Shimamoto ficou observando meus movimentos, sem dizer nada. Depois ergueu a mão para chamar o barman e pediu mais um daiquiri. Ela pedia as coisas sempre com um grande sorriso. Era um sorriso maravilhoso. Dava vontade de pegar tudo o que estivesse por perto e entregar a ela em uma bandeja. Se outras mulheres fizessem a mesma coisa, talvez fosse irritante, mas, quando ela sorria, o mundo inteiro parecia sorrir junto.

— Você continua usando azul, né? — falei.

— É, sempre gostei de roupas azuis. Que boa memória.

— Eu me lembro de quase tudo sobre você. Desde o jeito como você aponta o lápis até quantos cubos de açúcar coloca no chá.

— Quantos?

— Dois.

Ela me olhou, estreitando um pouco os olhos.

— Escuta, Hajime — disse Shimamoto. — Por que você me seguiu, naquele dia? Acho que foi há uns oito anos.

Eu soltei um suspiro.

— Eu não tinha certeza se era você. O jeito de andar era igualzinho, mas ao mesmo tempo não parecia ser você... Eu não tinha certeza. Por isso eu te segui. Estava esperando uma oportunidade de falar com você.

— Então, por que você não falou nada? Por que não me abordou para ver se era mesmo eu? Teria sido muito mais fácil.

— Eu mesmo não sei por quê — respondi com sinceridade. — Só sei que eu não consegui. Minha voz não saía.

Ela mordeu o lábio por um instante.

— Na hora, eu não percebi que era você. Só vi que tinha alguém me seguindo, por muito tempo, e tudo o que senti foi medo. De verdade! Fiquei apavorada. Mas depois de pegar o

táxi, quando consegui me acalmar, de repente eu me dei conta. *Não era o Hajime?*

— Olha, Shimamoto — falei. — Naquele dia me deram uma coisa. Eu não sei qual a relação entre aquele homem e você, mas ele...

Ela ergueu o indicador e o encostou nos lábios. Balançou a cabeça discretamente. Como quem diz, “deixe essa história pra lá, não me pergunte mais sobre isso”.

— Você é casado, não é? — perguntou ela, mudando de assunto.

— Sim, tenho duas filhas — falei. — Duas meninas. Ainda são pequenas.

— Que lindo. Acho que combina com você, ser pai de meninas. Eu não saberia explicar por quê, mas tenho essa impressão. Que filhas combinam mais com você do que filhos.

— Será?

— Acho que sim — disse ela, sorrindo. — Então quer dizer que você não quis ter só um filho?

— Não foi de propósito. Foi como as coisas aconteceram.

— E como é ter duas filhas?

— É meio estranho. Na pré-escola, onde a mais velha estuda, mais da metade dos alunos são filhos únicos. As coisas mudaram completamente desde que a gente era criança. Na cidade, ser filho único já está virando a norma.

— A gente nasceu antes da hora.

— Pode ser — falei. — Talvez o mundo esteja se aproximando da gente. Mas, às vezes, quando vejo as meninas brincando juntas em casa, acho tão estranho... Fico admirado, pensando que também existe esse jeito de crescer. Quando eu era pequeno, só brincava sozinho. Achava que as coisas eram assim, que crianças brincavam sozinhas.

O trio terminou de tocar “Corcovado” e alguns clientes aplaudiram. Conforme a noite avançava, a banda ia se soltando e a performance ficava mais íntima. É sempre assim. No intervalo entre as músicas, o pianista pegou uma taça de vinho tinto e o baixista acendeu um cigarro.

Shimamoto tomou um gole do seu coquetel.

— Sabe, Hajime... Para falar a verdade, eu fiquei muito em dúvida se devia vir aqui. Passei quase um mês indecisa, sem saber o que fazer. Eu estava folheando uma revista e descobri que você era dono desse bar. No começo, achei que era algum engano. Você não tinha a menor cara de quem um dia seria dono de bares. Mas era o seu nome escrito e o seu rosto na foto. Meu antigo vizinho, Hajime. Fiquei muito feliz de te rever, mesmo que por uma foto. Mas eu não sabia se te encontrar de verdade seria uma boa ideia. Tinha a impressão de que seria melhor, para nós dois, se a gente não se visse. Que talvez eu devesse me contentar em saber que você estava bem.

Eu a escutei, em silêncio.

— Mas, no fim, resolvi vir só para te ver um instante, já que eu sabia onde você estava. Sentei e fiquei te vendo, bem perto de mim. Se você não percebesse quem eu era, eu pretendia voltar para casa sem falar com você. Mas não aguentei. Ver você me trouxe tantas memórias que não consegui ir embora sem dizer nada.

— Por quê? — perguntei. — Quer dizer, por que você achou que seria melhor não vir?

Ela pensou por um tempo, correndo o dedo pela borda do copo.

— Pensei que, se a gente se encontrasse, você ia querer saber várias coisas sobre mim. Se eu sou casada, onde moro, o que fiz durante todos esses anos. Não é?

— Seria o rumo normal da conversa.

— Claro, eu também acho que seria o normal.

— Mas você não quer falar sobre essas coisas.

Ela sorriu, sem jeito, e assentiu. Pelo visto, Shimamoto dispunha de vários tipos de sorriso.

— É, eu não quero falar muito sobre essas coisas. Não me pergunte o motivo, o fato é que eu não quero falar sobre a minha vida. Mas isso não é muito natural, é esquisito. Parece que estou querendo ser misteriosa ou me fazer de importante. Então pensei que talvez fosse melhor não te ver. Não queria que você me

achasse esquisita, metida. Esse era um dos motivos pelos quais eu não queria vir.

— E os outros?

— Eu não queria me decepcionar.

Fiquei olhando o copo nas mãos dela. Depois olhei para o seu cabelo liso que caía até os ombros, seus lábios finos e bonitos. Seus olhos negros e profundos. Havia uma linha na sua pálpebra que lhe dava um ar muito pensativo. Parecia a linha do horizonte, ao longe.

— Antigamente eu gostava muito de você, então não queria me desapontar com você no presente.

— E eu te desapontei?

Ela balançou a cabeça discretamente.

— Eu fiquei o tempo todo te olhando, dali. No começo parecia outra pessoa. Você cresceu tanto, e está com esse terno... Mas, prestando atenção, vi que era o Hajime de sempre. Seus gestos não mudaram desde os doze anos, sabia?

— Não sabia — falei. Pensei em sorrir, mas não consegui.

— O jeito como você usa as mãos, como move os olhos, a mania de tamborilar com as unhas, a cara séria de cenho franzido, continua tudo igualzinho. Acho que, mesmo de terno Armani, o conteúdo não mudou.

— Não é Armani — falei. — A camisa e a gravata são, mas o terno não é.

Ela sorriu.

— Sabe, Shimamoto — continuei. — Eu sempre quis te encontrar. Conversar com você. Tinha tanta coisa pra te dizer.

— Eu também queria te ver — disse ela. — Mas você não veio. Você sabe disso, né? Depois que mudamos de escola e você mudou de cidade, eu te esperei por muito tempo. E você não veio. Fiquei muito triste. Achei que você tinha feito novos amigos num lugar novo, e que nem se lembrava mais de mim.

Shimamoto esmagou o cigarro no cinzeiro. Suas unhas estavam feitas, com esmalte transparente. Pareciam objetos cuidadosamente manufaturados. Lisas e sem nenhum excesso.

— Eu fiquei com medo — falei.

— Medo? — repetiu Shimamoto. — Medo de quê? De mim?

— Não. Não de você. Eu tinha medo de ser rejeitado. Eu era criança, ainda. Não conseguia imaginar que você estivesse esperando por mim. Tinha muito medo de você me rejeitar. Medo de ir te visitar e você me achar um estorvo. Então acabei me afastando, sem querer. Achei que era melhor viver tendo só as lembranças daquele tempo em que fomos muito próximos do que passar por algo tão doloroso.

Ela inclinou levemente a cabeça de lado. Brincou com uma castanha de caju na palma da mão.

— As coisas não são fáceis, né?

— Não são.

— Nós podíamos ter sido amigos por bem mais tempo... Sinceramente, nunca fiz amigos de verdade, nem na escola nova, nem no ensino médio, nem mais tarde na faculdade. Fiquei sempre sozinha, aonde quer que eu tenha ido. Sempre pensei como seria bom ter você ao meu lado. Ou, mesmo que você não estivesse ao meu lado, a gente poderia pelo menos ter trocado cartas. Acho que assim muitas coisas teriam sido diferentes. Muitas coisas teriam sido mais fáceis de suportar — Shimamoto se calou por um tempo. — Não sei por quê, mas quando entrei na outra escola as coisas pararam de dar certo. E aí, como elas não davam certo, eu fui me fechando cada vez mais em mim mesma. Um círculo vicioso.

Eu concordei.

— Na escola em que a gente estudou as coisas até que estavam caminhando bem, mas depois deu tudo errado. Eu me sentia vivendo no fundo de um poço.

Isso foi o que eu senti durante mais de uma década, desde que entrei na faculdade até me casar com Yukiko. Em algum momento, alguma coisa dá errado. E aquilo que deu errado faz com que outra coisa dê errado também. E tudo segue assim, cada vez pior. Por mais que você se debata, não consegue sair de lá de dentro. Até que apareça alguém e puxe você para fora.

— Para começar, eu tinha essa perna ruim. Então não conseguia fazer, normalmente, as coisas que as pessoas fazem.

Além disso, ficava só lendo, não conseguia me abrir com ninguém. E, para completar, como posso dizer... minha aparência chamava a atenção. Então todo mundo achava que eu devia ser arrogante e complicada. Vai ver tinham razão.

— Realmente, acho que você é bonita demais.

Ela pegou outro cigarro e o colocou entre os lábios. Risquei um fósforo para acendê-lo.

— Você acha mesmo que eu sou bonita? — disse Shimamoto.

— Acho. Mas todo mundo deve te dizer isso, não?

Shimamoto riu.

— Não, não dizem. E, sinceramente, não gosto muito da minha cara. Então fico muito feliz de ouvir isso — disse ela. — Enfim, por isso as meninas não gostavam muito de mim. Infelizmente. Eu pensei muitas vezes que não me importava em ser bonita ou não, eu só queria ser uma menina normal e fazer amigos normalmente.

Shimamoto estendeu a mão e tocou bem de leve a minha, sobre o balcão.

— Mas que bom que você é feliz!

Fiquei calado.

— Você é feliz, não é?

— Não sei bem se sou feliz. Mas pelo menos acho que não sou infeliz nem solitário — falei. E acrescentei depois de um momento: — Mas de vez em quando, por um motivo qualquer, eu me pergunto se aquelas horas que passamos ouvindo música juntos na sala da sua casa não foram as mais felizes da minha vida.

— Tenho aqueles discos até hoje, sabia? Nat King Cole, Bing Crosby, Rossini, *Peer Gynt*, todos eles, não falta nenhum. Quando meu pai morreu, fiquei com os discos como recordação. A gente escutava com tanto cuidado que eles não têm risco nenhum. Você lembra o jeito que eu mexia neles?

— Então seu pai faleceu?

— Há cinco anos, de câncer no reto. Um jeito terrível de morrer. Era um homem tão saudável...

— E sua mãe está bem? — perguntei.

— Sim, deve estar.

Alguma coisa no seu tom de voz me intrigou.

— Você não se dá muito bem com ela?

Shimamoto terminou o daiquiri, pousou o copo no balcão e chamou o barman.

Então me perguntou:

— Tem algum coquetel que você recomenda?

— Temos alguns coquetéis originais da casa. O mais popular tem o nome do bar, Robin's Nest. Fui eu que inventei. A base é rum e vodca. É fácil de tomar, mas é forte.

— Deve ser bom pra seduzir mulheres.

— Talvez você não saiba, Shimamoto, mas é só pra isso que existem os coquetéis.

Ela riu.

— Bom, então vou querer um desses.

Quando o coquetel chegou, ela observou sua cor por um tempo, depois sorveu um gole, fechou os olhos e deixou que o sabor se espalhasse pelo seu corpo.

— É muito delicado — disse ela. — Não é doce, mas também não queima. Um sabor simples e leve, mas bem encorpado. Não sabia que você tinha esse talento.

— Não sou capaz de construir nem uma prateleira. Não sei trocar o filtro de óleo do carro. Não consigo nem colar um selo sem ficar torto. Volta e meia disco os números errados no telefone. Mas criei alguns coquetéis que são bem elogiados!

Ela apoiou o coquetel sobre o porta-copos e passou um tempo espiando seu interior. Inclinou o copo, agitando o reflexo da iluminação indireta do teto.

— Eu não vejo minha mãe há muito tempo. Há uns dez anos aconteceram umas coisas meio complicadas e desde então a gente quase não se fala. Nos vimos no funeral do meu pai, mas só isso.

O trio terminou um blues original e o pianista começou a introdução de "Star-crossed Lovers". Era comum ele tocar essa balada quando eu estava no bar, pois sabia que eu gostava. Não é das composições mais famosas de Duke Ellington e não tenho

nenhuma memória pessoal que me ligue a ela. Simplesmente a ouvi certa vez, por acaso, e fiquei encantado. Desde quando estava na faculdade e até depois, quando trabalhava na editora, passei muitas noites ouvindo essa faixa do LP *Such Sweet Thunder*, uma vez atrás da outra. Nessa gravação tem um solo muito sensível e refinado de Johnny Hodges. Ouvir essa melodia lânguida e bela me faz pensar naquela época. Não foi um período muito feliz. Eu vivia repleto de desejos insatisfeitos. Era mais jovem, mais faminto, mais sozinho. No entanto, eu era eu mesmo, de forma pura, simples, intensa. Sentia penetrar no meu corpo cada nota das músicas que eu ouvia e cada linha dos livros que lia. Meus nervos eram afiados como lâminas, meus olhos tinham um brilho duro que perfurava quem estivesse à minha frente. Foi uma época assim. Ouvir “Star-crossed Lovers” me fazia lembrar daquele tempo e rever meu olhar refletido no espelho.

— Para falar a verdade, uma vez fui te ver, três anos depois de mudar de escola. Me sentia sozinho demais, não aguentei — falei. — Eu tentei telefonar, mas a ligação não completava. Então peguei o trem e fui até a sua casa. Mas já tinha outras pessoas morando lá.

— Dois anos depois que você foi embora, nós também mudamos por causa do trabalho do meu pai, para Fujisawa. Bem perto de Enoshima. Depois disso morei lá até entrar na faculdade. Quando mudamos eu te mandei um postal com o novo endereço... Não chegou?

Eu balancei a cabeça.

— Se tivesse chegado eu teria respondido, claro. Que estranho... Deve ter havido algum engano.

— Ou vai ver a gente só tem muito azar — disse Shimamoto.
— São tantos enganos e nós sempre nos desencontramos... Mas deixa isso pra lá, me fala de você. Me conta da sua vida até hoje.

— Não é um assunto muito interessante — falei.

— Tudo bem, eu quero saber mesmo assim.

Contei a ela, em linhas gerais, como tinha sido minha vida até então. Que no ensino médio eu tive uma namorada, mas acabei magoando-a profundamente. Não contei todos os detalhes, só disse que aconteceu certa coisa que a magoou muito e que, ao mesmo tempo, machucou a mim mesmo. Que entrei em uma faculdade em Tóquio e depois de me formar fui trabalhar em uma editora de livros didáticos. Que nessa década dos meus vinte anos levei uma vida muito solitária. Não tinha ninguém a quem pudesse chamar de amigo. Saía com algumas mulheres, mas nunca consegui ser feliz. Que, desde o final do ensino médio até conhecer Yukiko, aos trinta anos, eu nunca tinha me apaixonado realmente por ninguém. Falei sobre como eu pensava muito nela, em Shimamoto. Pensava como seria bom poder conversar com ela, nem que fosse só por uma hora. Quando falei isso, ela sorriu.

— Você pensava muito em mim?

— Pensava.

— Eu também pensava muito em você — disse Shimamoto. — Sempre que as coisas estavam difíceis. Acho que você foi o único amigo que eu tive na vida.

Então ela apoiou um cotovelo no balcão, descansou o queixo sobre a mão e fechou os olhos, relaxando todo o corpo. Não usava anéis. Às vezes seus cílios estremeciam de leve. Por fim, ela abriu os olhos e viu a hora no relógio. Eu também olhei o meu. Já era quase meia-noite.

Ela pegou a bolsa e desceu da banqueta com um movimento rápido.

— Boa noite. Foi bom te rever.

Eu a acompanhei até a porta.

— Quer que eu chame um táxi para você? Pode ser difícil conseguir um táxi nessa chuva.

Shimamoto balançou a cabeça.

— Tudo bem, não se preocupe. Eu me viro.

— Você não ficou decepcionada, mesmo?

— Com você?

— É.

— Não fiquei, não — zombou ela. — Pode ficar tranquilo. Mas tem certeza de que esse terno não é Armani?

Só então percebi que Shimamoto não arrastava mais a perna como antes. Ela não caminhava muito rápido e, observando com atenção, dava para ver algo de forçado nos seus passos. Mas parecia bastante natural.

— Eu corriji com uma cirurgia há uns quatro anos — disse ela, quase como quem se desculpa. — Não ficou perfeito, mas não está tão ruim quanto antes. Foi uma cirurgia bem grande, mas no fim até que deu certo. Tiveram que raspar uns ossos, aumentar outros...

— Que bom. Nem parece que você tinha algum problema.

— É — disse ela. — Talvez tenha sido bom. Mas um pouco tarde demais.

Peguei o casaco dela na chapelaria e a ajudei a vesti-lo. Parado ao seu lado, percebi que ela já não era mais tão alta. Achei estranho lembrar que aos doze anos nós tínhamos a mesma altura.

— Shimamoto, vou poder te ver de novo?

— Talvez... — disse ela. Um sorriso discreto se formou nos seus lábios. Um sorriso como uma leve fumaça subindo pelo ar, num dia sem vento. — Talvez.

Então ela abriu a porta e saiu. Depois de uns cinco minutos, eu também subi as escadas e saí para a rua. Fiquei preocupado e queria saber se ela tinha conseguido pegar um táxi. Continuava chovendo. Shimamoto não estava mais lá. A rua estava deserta. Só as luzes dos faróis dos carros se alongavam, borradas, sobre o asfalto molhado.

Quem sabe foi tudo uma ilusão, pensei. Passei muito tempo parado ali, olhando a chuva que caía na rua. Me sentia novamente um menino de doze anos. Quando era criança, nos dias chuvosos, era comum eu ficar parado sem fazer nada, só olhando as gotas caírem. Assistindo à chuva assim, sem pensar em nada, tinha a impressão de que meu corpo estava se desfazendo aos poucos e deixando de fazer parte do mundo real.

A chuva deve ter um tipo de efeito hipnótico. Pelo menos era o que eu sentia naquele tempo.

Mas não tinha sido uma ilusão. Quando voltei para o bar, o copo e o cinzeiro ainda estavam diante do banco onde Shimamoto estivera sentada. Dentro do cinzeiro havia alguns tocos de cigarro, amassados, com marcas leves de batom. Sentei ao lado dele e fechei os olhos. Aos poucos, o som da música foi se afastando, e eu fiquei sozinho. Nessa escuridão macia, a chuva continuava a cair.



Depois disso, Shimamoto não apareceu por muito tempo. Todas as noites eu passava horas sentado ao balcão do Robin's Nest. Ficava lendo e, de quando em quando, olhava para a porta. Mas ela não vinha. Comecei a ficar preocupado se havia dito alguma coisa errada. Se tinha falado algo inadequado e a magoado. Relembrei cada uma das palavras que disse naquela noite e cada uma das palavras que ela falou. Mas não parecia ser o caso. Quem sabe ela tinha, mesmo, se decepcionado comigo. Era uma possibilidade muito plausível. Ela era tão linda e até sua perna ruim estava curada. Talvez não tivesse encontrado mais nada de valor em mim.

O ano foi chegando ao fim, passou o Natal, depois o Ano-Novo. E, em um instante, o mês de janeiro se foi. Resignado, decidi parar de esperar por ela. Passei a aparecer no Robin's Nest só raramente, pois quando estava lá sempre acabava pensando nela e buscando-a com o olhar entre os clientes. Eu sentava no balcão do bar, abria um livro e me perdia em pensamentos. Não conseguia mais me concentrar direito.

Ela dissera que eu era o seu único amigo. O único amigo que tivera em toda a sua vida. Eu fiquei muito feliz em ouvir isso. Pensei que poderíamos ser amigos novamente. Queria falar com ela sobre tantas coisas. Saber sua opinião sobre tudo. Se ela não quisesse me contar nada sobre si mesma, não tinha problema. Eu ficaria feliz só de poder encontrá-la e conversar com ela.

Mas ela não apareceu mais. Quem sabe estava ocupada e não tinha tempo para ir me ver. Mas três meses eram um vazio grande demais. Se ela estivesse sem tempo, poderia pelo menos telefonar. No fim, pensei que ela devia ter esquecido de mim. Eu já não devia ser uma pessoa muito importante na sua vida. Essa ideia me doeu. Era como se um pequeno buraco tivesse se aberto no meu coração. Ela não devia ter me falado aquelas

coisas. Há palavras que marcam para sempre o peito de quem as ouve.

Mas, no fim de fevereiro, ela veio. Novamente numa noite de chuva. Uma chuva silenciosa e fria. Naquele dia, por acaso, eu estava desde cedo no Robin's Nest, resolvendo algumas pendências. Os guarda-chuvas nas mãos dos clientes que entravam traziam o cheiro gelado da chuva. Um saxofonista tenor se juntara ao trio de jazz, de improviso, para tocar algumas músicas. Era um músico bastante conhecido, então a casa ficou lotada. Eu estava sentado no meu lugar habitual, no fim do balcão, quando Shimamoto se sentou discretamente ao meu lado.

— Boa noite — disse ela.

Eu fechei o livro e a olhei. Não conseguia acreditar que ela estava ali de verdade.

— Achei que você não vinha mais.

— Desculpa — disse ela. — Você está bravo?

— Bravo? Eu não ficaria bravo por uma coisa dessas. Isto aqui é um estabelecimento comercial, Shimamoto. Os clientes vêm quando querem, partem quando querem. Eu só fico aqui, esperando.

— Bom, de qualquer jeito, desculpa. Não posso explicar em detalhes, mas não consegui vir antes.

— Estava ocupada?

— Ah, não — disse ela, em voz baixa. — Não estava ocupada. Só não deu para vir para cá.

O cabelo dela estava molhado pela chuva. Alguns fios de sua franja úmida grudavam na testa. Pedi ao garçom que trouxesse uma toalha limpa.

— Obrigada.

Ela agradeceu ao receber a toalha e secou o cabelo. Depois pegou um cigarro e o acendeu com seu isqueiro. Os dedos dela tremiam um pouco, talvez de frio por causa da chuva.

— Saí só de capa de chuva, porque quando saí a chuva estava fraca e eu vinha de táxi, mas acabei andando bastante...

— Quer beber alguma coisa quente? — perguntei.

Shimamoto abriu um sorriso, me olhando nos olhos.

— Obrigada, não precisa.

Vendo esse seu sorriso eu me esqueci, em um instante, do vazio de três meses.

— O que você tá lendo? — perguntou ela, apontando para o meu livro.

Eu o mostrei a ela. Era um livro de história, sobre o conflito entre a China e o Vietnã que se seguiu à guerra do Vietnã. Ela correu os olhos por alguns trechos e me devolveu.

— Você não lê mais ficção?

— Leio, sim. Mas não tanto quanto antes. E quase não leio livros novos. Só antigos, a maioria do século dezenove. Muitas vezes releio os que já li.

— Por que você não lê coisas novas?

— Acho que não gosto de me decepcionar. Se leio um livro ruim fico muito chateado, sinto que joguei meu tempo fora. Antigamente não era assim. Eu tinha tempo de sobra e, mesmo quando lia alguma coisa ruim, sempre achava que havia algo a extrair dali. Guardadas as devidas proporções. Mas agora só acho que perdi meu tempo. Talvez eu esteja ficando velho.

— É, sem dúvida você está ficando velho... — disse ela, com um sorriso brincalhão.

— E você, ainda lê bastante?

— Sim, leio sempre. Coisas novas e velhas. Ficção e não ficção. Coisas chatas e coisas interessantes. Ao contrário de você, leio justamente para passar o tempo.

Em seguida, ela pediu um Robin's Nest para o barman. Eu pedi o mesmo. Quando o coquetel chegou ela tomou um gole, assentiu de leve e o pousou no balcão.

— Por que será que os coquetéis que eu tomo aqui são mais gostosos do que os dos outros bares?

— Porque a gente se dedica — falei. — Sem esforço, as coisas não dão certo.

— Que tipo de esforço?

— Por exemplo, esse menino — disse eu, apontando o barman jovem e bonito que picava o gelo com uma expressão muito

compenetrada. — Eu pago um salário altíssimo para ele. Uma soma que deixaria qualquer um espantado. Os outros funcionários não sabem, mas eu pago. Sabe por quê? Porque ele tem um dom para fazer coquetéis. As pessoas compreendem isso muito bem, mas fazer um bom coquetel requer talento. Quer dizer, treinando bastante qualquer um consegue melhorar. Se você passar alguns meses aprendendo as técnicas, vai conseguir servir coquetéis que não envergonham ninguém. Os coquetéis da maioria dos bares estão nesse nível. São passáveis. Mas, para ir além disso, é preciso talento. É a mesma coisa que tocar piano, pintar, correr cem metros rasos. Pessoalmente, eu diria que sei fazer coquetéis bem decentes. Estudei bastante e pratiquei por muito tempo. Mas, por mais que eu me esforce, não sou páreo para ele. Posso usar as mesmas bebidas, sacudir a coqueteleira do mesmo jeito, durante o mesmo tempo, que o resultado não será igual. Não adianta. Só pode ser uma questão de talento. É como na arte. Há uma linha, e tem gente que consegue ultrapassar essa linha e gente que não consegue. Então, quando descubro alguém talentoso, cuido para que a pessoa não vá embora. Pago um bom salário.

Esse menino era homossexual, e por isso às vezes outros gays se reuniam ao seu redor no balcão. Mas eu não me incomodava, eram pessoas tranquilas. Eu gostava dele, e ele também confiava em mim e trabalhava muito bem.

— Puxa, será que você tem mais talento para os negócios do que parece? — disse Shimamoto.

— Não, eu não tenho talento — falei. — Não sou um empreendedor. Tenho dois pequenos estabelecimentos, só isso. Não pretendo ter mais filiais nem apostar mais alto. Não dá para chamar isso de talento nem de competência. Só que, sempre que estou à toa, eu fico imaginando. Imagino como seria se eu fosse um cliente. Onde eu iria, com quem, o que gostaria de beber e comer. Se eu fosse um homem solteiro de uns vinte cinco anos, planejando um encontro com uma menina de quem gosto, em que tipo de bar eu iria? Imagino esses cenários nos mínimos detalhes. Quanto dinheiro ele tem para gastar? Onde mora, a

que horas precisa voltar? Vou inventando situações assim, uma depois da outra. Conforme penso essas coisas, a imagem do bar que eu gostaria de ter vai ficando mais nítida.

Nessa noite, Shimamoto usava um suéter azul-claro de gola alta e uma saia azul-marinho. Dois brincos pequenos reluziam nas suas orelhas. O suéter justo e fino realçava a forma bonita de seus seios. Senti que me faltava o ar.

— Me conte mais — disse Shimamoto. E sorriu o seu sorriso alegre de sempre.

— Sobre o quê?

— Sobre suas estratégias de gerência — disse ela. — Adoro te ouvir falar assim.

Corei um pouco. Fazia muito tempo que eu não ficava vermelho na frente de alguém.

— Essas coisas não chegam a ser estratégias. Mas acho que já faz tempo que eu faço isso, Shimamoto. Pensar sozinho sobre várias coisas. Usar a imaginação. É o que eu sempre fiz, desde pequeno. Invento um lugar fictício e vou construindo, pedacinho por pedacinho. Isto vai ficar bom assim, aquilo ali é melhor trocar por tal coisa... Um tipo de simulação. Depois da faculdade eu passei muito tempo trabalhando numa editora de livros didáticos, como te falei no outro dia. O meu trabalho lá era chatíssimo, justamente porque eu não podia usar a imaginação. Pelo contrário, lá meu trabalho era aniquilar qualquer imaginação. Era muito tedioso. Eu me sentia sufocado, detestava ir para o escritório. Quando eu estava lá sentia que estava encolhendo, ficando cada vez menor, e que uma hora ia desaparecer de vez.

Tomei um gole do meu coquetel e passei os olhos, devagar, pelas mesas do bar. Apesar da chuva, havia bastante gente. O saxofonista que participara de algumas músicas estava guardando seu instrumento. Eu chamei o garçom e pedi que lhe entregasse uma garrafa de uísque e perguntasse se ele queria comer alguma coisa.

— Mas aqui é diferente. Aqui, se você não usar a imaginação, não sobrevive. Se tenho uma ideia, consigo colocá-la em prática muito rápido. Aqui não tem reuniões nem chefia. Não tem

precedentes nem diretrizes do Ministério da Educação. Isso é uma maravilha, Shimamoto. Você já trabalhou em alguma empresa?

Ela balançou a cabeça, ainda sorrindo.

— Não.

— Que bom. Eu não sirvo para isso. Acho que você também não deve servir. Trabalhar em uma por oito anos me fez ter certeza absoluta disso. Foram oito anos jogados fora. Os melhores anos! Me admira que eu tenha aguentado tanto. Mas, se não fosse por esses anos todos, acho que meus negócios não estariam indo tão bem. É o que eu penso. Eu gosto deste trabalho. Hoje tenho dois bares, mas às vezes me pergunto se não são só lugares imaginários que eu criei na minha mente. Jardins de fantasia. Onde eu planto flores, construo chafarizes... Tudo muito elaborado, muito real. Aí as pessoas vêm, bebem, ouvem música, conversam e voltam para casa. Por que você acha que, noite após noite, tanta gente vem até aqui e paga um bom dinheiro para beber? É porque todo mundo busca, em maior ou menor grau, um lugar imaginário. Todos querem ver os jardins suspensos, cuidadosamente desenhados por mãos humanas, querem fazer parte desse cenário. É por isso que eles vêm.

Shimamoto tirou o maço de Salem da pequena bolsa. Antes que ela pegasse o isqueiro risquei um fósforo e acendi seu cigarro. Eu gostava de fazer isso. De vê-la estreitar os olhos, e assistir ao reflexo da chama dançando no seu rosto.

— Vou confessar uma coisa. Eu nunca trabalhei na vida — disse ela.

— Nunca?

— Nem um só dia. Nunca fiz nenhum bico nem trabalho de meio período, nunca fui contratada em lugar nenhum. O trabalho é uma experiência totalmente desconhecida para mim. Então fico com muita inveja quando te ouço falar assim. Eu nunca pensei desse jeito. Passei toda a vida sozinha, lendo, só isso. E eu só penso em como gastar dinheiro, não ganhar — disse ela, estendendo os braços à minha frente. Ela tinha duas finas pulseiras de ouro no pulso direito, e no esquerdo um relógio de

ouro que parecia caríssimo. Manteve as duas mãos estendidas à minha frente, como um display de mercadorias. Eu peguei sua mão direita e examinei por um tempo as pulseiras. E então me lembrei de quando, aos doze anos, ela me deu a mão. Eu ainda conseguia recordar, com clareza, o que senti naquele momento. O quanto aquilo havia agitado meu coração.

— Talvez seja mais razoável pensar sobre como gastar dinheiro — falei. E soltei sua mão. Ao fazer isso, senti que seria levado embora, carregado pelos ares. — Ficar pensando sobre como ganhar dinheiro corrói a pessoa. As coisas vão se desgastando pouco a pouco, sem que você perceba.

— Mas você não entende. Não sabe como é oco viver sem criar absolutamente nada.

— Eu não acho que seja o caso. Acho que você cria muitas coisas.

— O quê, por exemplo?

— Coisas sem forma física — falei. Olhei para minhas próprias mãos, pousadas sobre os joelhos.

Shimamoto me fitou longamente, com o copo na mão.

— Como sentimentos, você quer dizer?

— Isso — falei. — Todas as coisas vão desaparecer, cedo ou tarde. Esse bar aqui, inclusive, não vai existir para sempre. Basta só o gosto das pessoas mudar um pouco, a economia oscilar, e tudo o que está aqui desaparece num instante. Eu já vi muitos exemplos disso. Acontece num piscar de olhos. Tudo o que tem forma física cedo ou tarde desaparece. Mas há um tipo de sentimento que dura para sempre.

— É, mas também há sentimentos que são amargos justamente porque não se apagam, Hajime. Você não acha?

O saxofonista se aproximou e me agradeceu pela bebida. Eu agradei pela música.

— Os músicos de jazz de hoje em dia são muito educados — expliquei a Shimamoto. — Quando eu estava na faculdade, eles não eram assim. Quando você pensava em músicos de jazz, eram todos drogados, boa parte não batia bem da cabeça. Mas de vez em quando faziam uns shows inacreditáveis, que te

faziam cair de costas. Eu ia muito aos clubes de jazz em Shinjuku, em busca dessa experiência de ser arrebatado.

— Você gosta desse tipo de gente, né, Hajime?

— É, acho que sim — falei. — Não é a busca por experiências medianas que faz as pessoas se entregarem. É a busca por uma experiência sublime. Mesmo que nove de cada dez tentativas não deem em nada, as pessoas continuam indo atrás da décima. E é isso que move o mundo. Me pergunto se a arte não é justamente isso.

Encarei novamente minhas mãos sobre os joelhos. Depois ergui o rosto e olhei para Shimamoto. Ela estava esperando que eu continuasse.

— Mas hoje as coisas são um pouco diferentes. Agora eu sou um administrador. Invisto capital, recolho os lucros. Não sou artista nem estou criando nada. E isto aqui não existe pra apoiar a arte. Querendo ou não, o propósito deste lugar é outro. Para quem administra um estabelecimento, é muito mais fácil lidar com essa turma de músicos certinhos e educados. É a vida... O mundo não precisa ser cheio de Charlies Parker.

Ela pediu mais um coquetel, depois acendeu outro cigarro. Houve um silêncio muito longo. Shimamoto parecia estar pensando sobre alguma coisa. Fiquei escutando o longo solo de “Embraceable You” que o baixista tocava. O pianista acompanhava com um ou outro acorde, o baterista enxugou o suor e tomou um gole de sua bebida. Um cliente regular veio me cumprimentar e trocamos algumas palavras.

— Hajime — disse Shimamoto, depois de bastante tempo. — Você conhece algum rio? Um rio de vale, não muito grande, que tenha um pouco de praia nas margens e corra direto para o mar, sem parar. De preferência, com correnteza rápida.

Eu a olhei, surpreso.

— Um rio? — perguntei. Não entendi o que ela queria dizer. Seu rosto não me contava nada, estava totalmente inexpressivo. Ela apenas me olhava como quem olha para uma paisagem longínqua. Senti que, talvez, eu realmente estivesse muito distante dela. Quem sabe uma distância incalculável nos

separava. Essa ideia me deu certa tristeza. Algo em seus olhos me deixava triste.

— De onde saiu esse assunto do rio?

— Me ocorreu de repente, só isso — disse ela. — Você não conhece nenhum rio assim?

Quando estava na universidade eu viajei bastante sozinho, levando só um saco de dormir. Então vi muitos rios, por todo o Japão. Mas demorei para lembrar de algum do jeito que ela queria.

— Acho que tem um assim na costa do mar do Japão — falei, depois de pensar um pouco. — Não lembro o nome... Mas acho que era na província de Ishikawa. Se eu fosse até lá, conseguiria achar. Acho que esse é o mais próximo do que você quer.

Eu lembrava bem daquele rio. Fui para lá nas férias de outono, quando estava no segundo ou terceiro ano da faculdade. As folhagens de outono estavam lindas, as encostas ao redor pareciam tingidas de sangue. As montanhas iam até a costa, o rio era muito bonito, às vezes se ouvia o chamado de um cervo vindo do meio do bosque. Lembro de comer um peixe de água doce muito saboroso.

— Você pode me levar lá? — perguntou Shimamoto.

— É em Ishikawa! — respondi com a voz seca. — Não é como ir ali, em Enoshima. Tem que pegar um avião e depois andar por mais de uma hora de carro. A gente teria que passar a noite lá. E você deve saber que, no momento, eu não posso fazer isso.

Shimamoto girou o corpo devagar sobre o banco e me olhou de frente.

— Olha, Hajime. Eu sei muito bem que não devia te pedir uma coisa dessas. Sei como seria complicado para você. Mas você é a única pessoa com quem posso contar. Eu preciso de qualquer jeito ir para lá, e não quero ir sozinha. Não tenho mais ninguém a quem pedir.

Eu a olhei nos olhos. Eram como a água de uma nascente silenciosa, à sombra de uma rocha, fora do alcance do vento. Tudo estático, sem nenhum movimento. Tive a impressão de

que, se ficasse olhando, conseguiria ver os reflexos na superfície da água.

— Desculpa — disse ela subitamente, relaxando o corpo. — Eu não vim para cá pra te pedir isso. Eu só queria te encontrar e conversar com você. Não pretendia falar sobre esse assunto.

Eu fiz as contas de cabeça, rapidamente.

— Se a gente sair de manhã bem cedo, de avião, talvez dê para voltar no começo da noite. Mas depende de quanto tempo você vai demorar lá.

— Não devo demorar muito — disse ela. — Você conseguiria mesmo arranjar tempo para ir e voltar de avião?

— Talvez... — respondi, depois de pensar um pouco. — Ainda não posso te dar certeza. Mas acho que eu consigo. Você pode me ligar amanhã? Estarei por aqui neste mesmo horário. Até lá eu me organizo. E a sua agenda?

— Posso ir a qualquer hora. Minha agenda está vazia. Posso ir qualquer dia que seja bom para você.

Eu assenti.

— Desculpa por tudo isso — disse ela. — Talvez eu não devesse, mesmo, ter vindo te encontrar. Talvez eu esteja estragando tudo.

Ela foi embora antes das onze. Eu a acompanhei com um guarda-chuva e chamei um táxi para ela. Ainda estava chovendo.

— Adeus. Obrigada por tudo — disse Shimamoto.

— Adeus — respondi.

Voltei para dentro do bar e me sentei no mesmo banco de antes. O copo dela continuava lá. No cinzeiro havia várias bitucas de Salem. Eu não pedi ao garçom que os recolhesse. Fiquei lá, olhando as leves marcas de batom nos cigarros.

Quando voltei para casa, minha esposa ainda estava acordada, me esperando. Ela usava um cardigã por cima do pijama e estava assistindo *Lawrence da Arábia* em vídeo. Era a cena em que Lawrence finalmente chega ao canal de Suez, depois de superar mil obstáculos e atravessar o deserto. Ela já

tinha visto aquele filme três vezes, só contando as que eu sabia. Sentei ao seu lado e assisti também, tomando vinho.

— Domingo vai ter um encontro do clube de natação — falei para ela.

Um dos membros do clube tinha um iate bem grande e às vezes nos convidava para passear em alto-mar. Ficávamos bebendo e pescando. Fevereiro era um mês um pouco frio demais para esse tipo de passeio, mas minha esposa não entendia quase nada de iates e não pareceu estranhar. Era raro eu sair sozinho aos domingos e eu tinha a impressão de que ela achava bom, às vezes, eu me encontrar com pessoas de outros mundos e respirar outros ares.

— Vamos sair de manhã cedinho e acho que devo estar de volta antes das oito. Janto em casa — falei.

— Tudo bem! Inclusive, minha irmã falou que vem me visitar no domingo — disse ela. — Então, se o tempo estiver bom, podemos preparar um lanche e fazer um piquenique no parque Shinjuku Gyoen. Só as meninas!

— Não é má ideia — falei.

No dia seguinte, fui a uma agência de viagens e reservei as passagens de avião e o aluguel de um carro. O voo de volta chegaria em Tóquio às seis e meia da tarde. Se eu corresse, chegaria em casa a tempo do jantar. Depois disso fui para o bar e esperei Shimamoto ligar. O telefone tocou às dez horas.

— Vai ser meio corrido, mas consegui me organizar. Pode ser no domingo? — falei.

Falei o horário do voo e combinei um ponto de encontro no aeroporto de Haneda.

— Desculpa, mesmo, por tudo isso — disse Shimamoto.

Depois de desligar, sentei no balcão e fiquei lendo. Mas a balbúrdia do bar me incomodava e eu não conseguia me concentrar no livro. Fui ao banheiro, lavei o rosto e as mãos com água gelada e fiquei me olhando no espelho. Menti para Yukiko, pensei. Eu já havia mentido para ela algumas vezes. Quando dormi com outras mulheres, contei algumas pequenas mentiras. Mas, nesses casos, eu não sentia que a estava enganando.

Eram apenas passatempos inofensivos. “Dessa vez, não é certo”, pensei. Eu não pretendia dormir com Shimamoto. Mas mesmo assim não era certo. Encarei longamente meus olhos no espelho, como não fazia há muito. Mas eles não refletiam nada de quem eu era. Apoiei as mãos na pia e respirei fundo.

A água passava rapidamente por entre as pedras, formando cachoeirinhas aqui e ali ou descansando, tranquila, em piscinas cujas superfícies refletiam a fraca luz do sol. Mais abaixo, na direção da correnteza, dava para ver uma velha ponte de ferro. Pequena e estreita, capaz de suportar, no máximo, um carro de cada vez. O silêncio gélido de fevereiro envolvia sua pesada estrutura de ferro negro. Só era utilizada pelos funcionários da pousada próxima, por quem ia aos banhos termais ou pelos encarregados da manutenção dos bosques. Quando a atravessamos, não encontramos ninguém, e todas as vezes que nos voltamos para olhá-la, estava vazia. Depois de fazer uma refeição rápida na pousada, tínhamos atravessado a ponte e subido ao longo do rio. Shimamoto usava um casaco de marinheiro grosso com a gola erguida e um cachecol enrolado até o nariz. Essas roupas casuais, próprias para andar nas montanhas, eram bem diferentes do que ela vestia nas outras vezes em que nos vimos. Tinha o cabelo preso em um rabo e calçava botas resistentes. Também levava uma bolsa verde de náilon cruzada no peito. Vestida assim ela parecia uma adolescente. Em alguns pontos das margens havia restos de neve branquíssima, congelados e duros. Dois corvos, pousados no alto da ponte, lançavam vez ou outra grasnados agudos, como se reclamassem de alguma coisa. Seus gritos ecoavam gelados por entre as árvores já desfolhadas e sobre as águas do rio, até chegarem aos nossos ouvidos.

Uma trilha estreita de terra acompanhava o curso do rio. Não sei aonde levava, mas era muito silenciosa, sem sinal de outras pessoas. Não aparentava haver nenhuma casa por perto, só se enxergava uma ou outra plantação, totalmente nua. A neve se acumulara nos sulcos da terra lavrada, desenhando várias linhas brancas que se destacavam. Havia corvos por toda parte. Ao nos

ver chegando pelo caminho, soltavam grasnados curtos, como mensagens em código para seus companheiros. Não fugiam quando nos aproximávamos. Pude ver bem de perto seus bicos afiados como armas letais e suas patas de cores vivas.

— Ainda temos tempo? — perguntou Shimamoto. — Podemos andar mais um pouco?

Olhei o relógio.

— Ainda está tudo bem. Acho que podemos ficar mais uma hora por aqui.

— É muito quieto aqui, né — disse ela, olhando devagar ao redor.

Sempre que ela falava, seu hálito formava uma nuvem branca e densa diante de seu rosto.

— Esse rio está bom para você?

Ela sorriu, me olhando.

— Acho que você entendeu perfeitamente o que eu queria.

— Acertei na cor, no modelo e na numeração — falei. — Sempre tive muito bom gosto para rios.

Ela riu. Sua mão enluvada pegou a minha, que também estava coberta por uma luva.

— Bom, fico feliz. Se depois de chegar até aqui você não gostasse deste rio, eu não ia poder fazer nada — falei.

— Tudo bem. Pode ser um pouco mais confiante, você não cometeria um erro desses — disse Shimamoto. — Andando assim, lado a lado, você não se sente no passado? Quando íamos juntos para casa...

— Mas você já não manca como antes.

Shimamoto sorriu e me encarou.

— Desse jeito parece que você acha ruim minha perna estar curada.

— É, talvez eu ache — falei, e ri também.

— Mesmo?

— Brincadeira. Fico feliz que sua perna esteja melhor, de verdade. Mas é uma lembrança saudosa, aquele tempo em que você mancava.

— Hajime — disse ela —, quero que você saiba que sou muito grata a você por tudo isso.

— Não é nada de mais — respondi. — Eu só peguei um avião e vim fazer um piquenique.

Shimamoto caminhou por algum tempo olhando adiante.

— Mas você teve que mentir pra sua esposa, não teve?

— É, bom... — falei.

— Sei que isso foi difícil pra você. Você não queria mentir pra ela, não é?

Eu não sabia como responder, então fiquei calado. Um corvo grasnou novamente em meio à mata, perto de nós.

— Sei que devo estar atrapalhando a sua vida. Tenho consciência disso — disse Shimamoto, baixinho.

— Deixa esse assunto pra lá — falei. — Já que estamos aqui, vamos falar sobre alguma coisa mais alegre.

— Como o quê?

— Você parece uma estudante, vestida desse jeito.

— Obrigada — falou. — Seria bom se eu fosse mesmo.

Seguimos devagar pela trilha, rio acima. Depois disso, passamos um tempo sem dizer nada, concentrados apenas em caminhar. Shimamoto ainda parecia incapaz de andar muito rápido, mas, se andasse devagar, não tinha nenhuma dificuldade. No entanto, ela continuava segurando firme a minha mão. O chão da trilha estava congelado, e as solas de borracha de nossos sapatos quase não faziam ruído.

Pensei que ela tinha razão: seria maravilhoso se nós tivéssemos caminhado lado a lado durante a adolescência, ou com vinte anos. Como eu teria sido feliz se tivesse passado as tardes de domingo assim, junto com ela, na margem completamente deserta de um rio, caminhando e caminhando sem parar. Mas não éramos mais estudantes. Eu tinha uma família e um trabalho. Para ir para lá, precisara mentir para minha esposa. Em breve eu precisaria pegar o carro, ir para o aeroporto, pegar o avião que chegaria a Tóquio às seis e meia e correr de volta para a casa, onde minha esposa me esperava.

Por fim, Shimamoto parou e correu os olhos devagar ao seu redor, esfregando as mãos enluvadas. Olhou rio acima e rio abaixo. Na margem oposta havia uma cadeia de montanhas e, à esquerda, uma fileira de árvores desfolhadas. Não havia ninguém por perto. A pousada com banhos termais onde nós havíamos descansado e a ponte de ferro já tinham desaparecido de vista por trás dos morros. De vez em quando o sol espiava por entre as nuvens, como se houvesse se lembrado de fazê-lo. Olhando essa cena, senti que certamente a veria de novo algum dia. Era o oposto de um déjà-vu. Não a sensação de que eu já vira aquilo antes, mas o pressentimento de que voltaria a encontrar uma paisagem como aquela. Esse pressentimento estendeu seu braço longo e se agarrou firmemente à raiz da minha consciência. Senti a pressão dessa mão. Esmagado entre seus dedos estava eu mesmo. Eu no futuro, com vários anos sobre as costas. Mas não consegui me ver com nitidez, é claro.

— Aqui está bom — disse ela.

— Bom para quê?

Shimamoto me olhou com o sorriso de sempre.

— Para fazer o que eu vim fazer — disse ela.

Então nós descemos o barranco até a beira do rio. Havia uma pequena piscina coberta por uma fina camada de gelo, no fundo da qual se viam folhas secas, imóveis, como peixes achatados e mortos. Peguei uma pedrinha redonda caída na areia e rolei-a sobre a palma da mão. Shimamoto guardou as luvas no bolso do casaco. Depois abriu o zíper da bolsa e tirou do seu interior uma sacola de tecido grosso e refinado. Dentro dela havia uma pequena urna. Shimamoto desfez o laço que continha a tampa da urna, abriu-a delicadamente e passou algum tempo fitando o seu interior.

Acompanhei seus movimentos com o olhar, sem dizer uma palavra.

A urna continha cinzas brancas. Shimamoto despejou-as devagar sobre a palma da mão esquerda, tomando muito cuidado para não derrubar nada no chão. No fim, era apenas uma porção diminuta, que coube toda em sua mão. “Devem ser

os restos de algo, de alguém”, pensei. As cinzas ficaram ali, na sua mão, pois a tarde estava quieta e não ventava. Em seguida, ela retornou a urna vazia para a bolsa, encostou a ponta do dedo indicador nas cinzas, aproximou o dedo dos lábios e o lambeu de leve. Então voltou o rosto para mim e tentou sorrir. Mas não conseguiu. Seu dedo continuava pousado nos lábios.

Fiquei de pé ao seu lado enquanto ela se agachou à beira do rio e despejou as cinzas sobre a correnteza. Em um instante a pequena porção foi levada pelas águas e desapareceu. Shimamoto ficou olhando para a própria mão durante um tempo, depois a espanou sobre a água para soltar as cinzas que restavam e recolocou a luva.

— Você acha que vão mesmo chegar até o mar? — perguntou ela.

— Pode ser que cheguem — respondi.

Mas eu não tinha certeza de que elas seguiriam pela correnteza até o mar. Talvez fossem parar no fundo de alguma piscina ao longo do rio, pois ainda havia uma distância considerável até o mar. Mas pelo menos uma parte delas provavelmente chegaria.

Em seguida, Shimamoto pegou um pedaço de tábua caído por ali e começou a cavar num pedaço macio do chão. Eu a ajudei. Abrimos um pequeno buraco, no qual ela enterrou a urna, dentro da sacola de tecido. Os corvos gritaram ali por perto. Deviam estar observando todas as nossas ações. “Tudo bem”, pensei. “Podem olhar à vontade. Não estamos fazendo nada de errado. Apenas lançamos na correnteza do rio os restos de algo.”

— Será que vai virar chuva? — perguntou Shimamoto, alisando a terra com a ponta do sapato.

Ergui os olhos para o céu.

— Acho que ainda vai demorar um pouco a chover.

— Não, não é isso. Será que as cinzas dela vão chegar ao mar, se misturar à água, evaporar, virar uma nuvem e então cair sobre a terra em forma de chuva?

Olhei novamente para o céu, depois para o curso do rio.

— É possível — falei.

Voltamos com o carro alugado para o aeroporto. O tempo estava virando subitamente. Nuvens pesadas cobriam tudo sobre nossa cabeça e já não se via mais nada do céu que pouco antes ainda aparecia aqui e ali. Parecia que ia nevar a qualquer momento.

— Aquilo eram as cinzas do meu bebê. As cinzas do único bebê que eu tive — disse Shimamoto, como se falasse consigo mesma.

Olhei para ela, depois novamente para a frente. Às vezes precisava ligar o limpador de para-brisa, pois as rodas dos caminhões espirravam a água lamacenta do degelo no vidro.

— Ela morreu logo depois de nascer, no dia seguinte — disse ela. — Viveu apenas um dia. Eu só a segurei no colo uma ou duas vezes. Era um bebê tão lindo. Tão macio... Não descobriram ao certo o que aconteceu, mas ela não conseguia respirar direito. Quando morreu, já estava de outra cor.

Eu não consegui dizer nada. Estendi a mão esquerda e toquei a dela.

— Era uma menina. Ainda não tinha nome...

— Quando isso aconteceu?

— No ano passado, nesta mesma época — disse Shimamoto. — Em fevereiro.

— Coitadinha... — falei.

— Eu não quis enterrá-la. Não suportava a ideia de deixá-la sozinha num lugar escuro... Quis que ela ficasse um tempo perto de mim e depois fosse levada por um rio até o mar, para virar chuva...

Depois disso, Shimamoto se calou. E assim continuou por muito tempo. Segui dirigindo em silêncio. Pensei que ela não devia querer falar mais, e não quis incomodá-la. Mas em algum momento percebi que tinha algo errado com ela. Sua respiração fazia um som estranho, quase mecânico. No começo, pensei que havia algum problema com o motor do carro. Mas aquele ruído vinha, sem dúvida, do banco ao meu lado. E não eram soluços de choro. Era como se ela tivesse um buraco na traqueia e o ar escapasse por ali a cada respiração.

Aproveitei o momento em que paramos em um sinal vermelho para olhá-la. Shimamoto estava branca como papel. Todo o seu rosto estava retesado, como se estivesse recoberto por algo. Com a cabeça encostada no apoio do banco, ela olhava para a frente. Não movia nenhum músculo, só piscava às vezes, como por obrigação. Dirigi mais um pouco até encontrar um lugar apropriado para encostar o carro. Era o estacionamento de um boliche desativado. Uma construção enorme como um hangar de avião, em cujo telhado se erguia um gigantesco outdoor com pinos de boliche. Uma paisagem desolada como o fim do mundo. Nosso carro era o único no vasto estacionamento.

— Shimamoto — chamei. — Ei, Shimamoto! Você tá bem?

Ela não respondeu. Continuou recostada no assento, respirando com aquele som esquisito. Toquei sua bochecha. Estava gelada e branca como se tivesse se tornado parte da paisagem que nos cercava. Sua testa também não tinha calor algum. Fiquei sem ar. Pensei que daquele jeito ela ia acabar morrendo. Seu rosto estava absolutamente inexpressivo. Olhei bem fundo nos seus olhos, mas não havia nada lá. Seu interior estava negro e gelado como a própria morte.

— Shimamoto! — gritei novamente. Ela não esboçou nenhuma reação, nem a mais leve. Seus olhos não enxergavam nada. Eu não sabia dizer se ela estava consciente. Pensei que precisava levá-la a um pronto-socorro. Se eu fizesse isso certamente perderíamos o avião, mas não era hora de me preocupar com isso. Daquele jeito ela poderia morrer. Eu não podia deixar isso acontecer.

Mas, quando dei partida no carro, percebi que ela estava tentando me dizer alguma coisa. Desliguei o carro e aproximei o ouvido da sua boca. Mesmo assim não consegui ouvir direito o que ela dizia. Soava mais como o vento passando por uma fresta do que como uma palavra. Ela repetiu a mesma coisa várias vezes, com muito esforço. Eu me concentrei para tentar identificar naquilo algo que lembrasse uma palavra. Parecia ser “remédio”.

— Você quer tomar um remédio? — perguntei.

Shimamoto fez um pequeno movimento de cabeça, concordando. Um movimento quase imperceptível. Parecia ser o máximo que ela conseguia fazer. Revirei os bolsos do seu casaco. Encontrei sua carteira, um lenço, um chaveiro com algumas chaves, mas nenhum remédio. Em seguida, abri sua bolsa. Em um bolso interno encontrei um saquinho de papel contendo quatro cápsulas. Mostrei uma para ela:

— É este?

Ela assentiu, sem mover os olhos.

Inclinei o banco do carro, abri sua boca e coloquei a cápsula lá dentro. Mas sua boca estava totalmente seca, era impossível fazer o remédio chegar à sua garganta. Olhei ao redor em busca de uma máquina de venda de bebidas. Não havia nenhuma por perto e eu não tinha tempo de ir mais longe procurar. A única fonte de líquido que havia por ali era a neve. Por sorte, isso havia de sobra. Desci do carro, escolhi a parte mais limpa da neve acumulada sob o beiral do telhado e levei um pouco dela para o carro, dentro do gorro de lã que Shimamoto estivera usando. Coloquei um pouco dela na minha boca para derretê-la. A neve demorava a derreter, minha língua foi ficando inerte, mas não me ocorreu nenhuma outra solução. Em seguida, abri a boca de Shimamoto e transferi a água da minha boca para a dela. Quando terminei, tampei o nariz dela para forçá-la a engolir. Ela engasgou, mas conseguiu engolir um pouco. Repeti essa operação algumas vezes, até que ela finalmente pareceu ter conseguido engolir a cápsula.



Examinei o saquinho do remédio. Não havia nada escrito nele. Nem o nome do medicamento, nem o nome de Shimamoto ou instruções de uso. Achei estranho. As embalagens de medicamentos costumam ter essas informações, para que não sejam usados por engano e para que as pessoas saibam o que fazer caso precisem administrá-los a alguém. De todo modo, devolvi o saquinho ao bolso interno e fiquei observando o estado de Shimamoto. Não sabia que remédio era aquele, nem de qual condição ela sofria, mas se o carregava consigo daquela maneira, devia ser eficaz. No mínimo, aquela não era uma situação inesperada, mas alguma condição para a qual Shimamoto já estava razoavelmente preparada.

Depois de uns dez minutos, a cor começou a finalmente voltar ao seu rosto. Vendo isso, toquei-o de leve e notei que sua temperatura estava aumentando, lentamente. Respirei aliviado e recostei o corpo no banco. Ela não tinha morrido. Passei o braço sobre seus ombros e fiquei ali, encostando vez ou outra meu

rosto contra o seu. Queria me certificar de que ela estava, de fato, retornando a este mundo.

— Hajime — disse ela em dado momento, a voz fraca e seca.

— Quer ir para o hospital? Se quiser, eu acho um pronto-socorro — falei.

— Não precisa — disse Shimamoto. — Já tá tudo bem. É só eu tomar o remédio que passa logo. Não se preocupe, daqui a pouco já estou boa. O problema agora é o horário. Se não formos logo para o aeroporto, vamos perder o avião.

— Tá tudo bem. Não precisa se preocupar com a hora. Podemos ficar assim mais um pouco, até você se recuperar — falei.

Usei meu lenço para secar sua boca. Shimamoto pegou o lenço e o fitou por um tempo.

— Você é gentil assim com todo mundo?

— Com todo mundo, não — falei. — Fiz isso porque era você, não sou gentil com qualquer pessoa. Minha vida é limitada demais para eu ser gentil com qualquer um. Até para ser gentil com você minha vida já é limitada demais. Se não fosse, acho que eu poderia te ajudar muito mais. Mas não posso.

Shimamoto virou o rosto em minha direção e me encarou.

— Hajime, eu não fiz isso pra te fazer perder o avião, tá? — disse ela, baixinho.

Eu a encarei, espantado.

— Claro que não. Eu sei disso, não precisa se explicar. Você passou mal. Não pôde evitar.

— Desculpa.

— Não tem por que se desculpar. Você não fez nada de errado.

— Mas eu estou te atrapalhando.

Acaricieei seu cabelo, me curvei e beijei de leve sua bochecha. Se pudesse, eu gostaria de abraçá-la inteira para conferir, com meu corpo, o calor do seu. Mas eu não podia fazer isso. Então me limitei a encostar os lábios no seu rosto. Sua bochecha estava quente e macia.

— Não precisa se preocupar com nada. No fim, tudo vai dar certo.

Quando chegamos ao aeroporto e devolvemos o carro, já passava muito da hora de embarque, mas por sorte o voo estava atrasado. O avião estava na pista e os passageiros ainda não tinham embarcado. Respiramos aliviados ao saber disso. Por outro lado, tivemos que esperar mais de uma hora para embarcar. No balcão, nos disseram que era um problema de manutenção do motor. Que eles mesmos não tinham mais informações. Não sabiam quando terminaria. Não sabiam mais nada. A neve que, quando chegamos ao aeroporto, começava a cair devagar, agora já estava intensa. Desse jeito, era bem possível que o avião acabasse não decolando.

— O que você vai fazer se não conseguir voltar hoje para Tóquio, Hajime? — perguntou Shimamoto.

— Fica tranquila. O avião vai decolar — falei.

Mas eu não tinha nenhuma certeza disso, é claro. A possibilidade de não conseguir voltar pesava sobre mim. Eu precisaria pensar em alguma boa desculpa para justificar como tinha ido parar em Ishikawa. Mas cada coisa a seu tempo. Se isso acontecesse, eu pensaria com calma no que dizer. Agora eu precisava focar em Shimamoto.

— E você? E se a gente não conseguir voltar? — perguntei a ela.

Ela balançou a cabeça.

— Não se preocupe comigo — disse ela. — Eu me viro de qualquer jeito. Para você é que seria complicado, não é?

— É, um pouco. Mas você não precisa se preocupar com isso. Ainda não temos certeza de que não vamos decolar.

— Eu sabia que ia acontecer alguma coisa assim — disse Shimamoto, em voz baixa, como se falasse sozinha. — Aonde eu vou coisas ruins acontecem. É sempre assim. Tudo em que eu me envolvo dá errado. Coisas que estavam correndo bem e sem problemas de repente começam a ir mal.

Sentado no banco do aeroporto pensei sobre o telefonema que teria que fazer para Yukiko caso o voo fosse cancelado. Considerei várias justificativas. Mas não tinha nada que eu pudesse dizer. Eu havia saído de casa num domingo de manhã dizendo que ia para um encontro do clube de natação, e agora estava num aeroporto na província de Ishikawa, preso por causa da neve. Não há explicação para isso. Poderia dizer “quando saí de casa senti uma vontade súbita de ver o mar do Japão, então fui direto para o aeroporto de Haneda e peguei um avião”. Mas era absurdo demais. Se fosse para dizer isso, era melhor não falar nada. Ou falar a verdade de uma vez. Enquanto pensava sobre tudo isso percebi, surpreso, que no fundo eu estava torcendo para o avião não decolar. Eu desejava continuar preso ali, sem poder voltar para casa. No fundo, eu queria que minha esposa descobrisse que eu estava lá com Shimamoto. Não queria inventar desculpa nenhuma. Não queria mais ter que mentir. Só queria ficar com Shimamoto e deixar que o resto da vida tomasse seu rumo, qualquer que fosse.

No fim, o avião decolou com uma hora e meia de atraso. Shimamoto passou o voo inteiro recostada em mim, dormindo. Ou então, imóvel, com os olhos fechados. Passei o braço sobre seus ombros e a abracei. Em alguns momentos ela parecia estar chorando enquanto dormia. Ficou em silêncio todo o tempo, e eu também não disse nada. Só nos falamos quando o avião já estava pousando.

— Shimamoto, você tem certeza de que está bem? — perguntei.

Ela moveu a cabeça dentro do meu abraço, concordando.

— Estou, sim. Tomando o remédio eu fico boa, não se preocupe. — Em seguida, ela apoiou de leve a cabeça no meu ombro. — Mas não me pergunte nada, tá? Por que eu fiquei daquele jeito, esse tipo de coisa.

— Tudo bem, não vou perguntar.

— Muito obrigada por hoje — disse ela.

— Pelo quê?

— Por me levar até lá. Por me dar água pra beber da sua boca. Por me aturar.

Eu olhei para o seu rosto. Sua boca estava bem na minha frente. Eram os lábios que, pouco antes, eu beijara tentando fazê-la beber água. E eles pareciam desejar novamente o meu toque. Estavam entreabertos, revelando seus belos dentes. Eu ainda lembrava da sensação macia da língua dela, na qual encostara bem de leve ao passar a água para sua boca. Enquanto eu olhava para seus lábios, foi ficando difícil respirar. Eu não conseguia pensar em mais nada. Senti o âmago do meu corpo se aquecer. “Ela me quer”, pensei. “E eu também a quero.” Mas consegui me deter. Eu precisava parar por ali. Se seguisse adiante, não conseguiria mais voltar. Precisei fazer um esforço tremendo para me deter.

Liguei do aeroporto para casa. Já eram oito e meia. Pedi desculpas, disse que as coisas tinham demorado demais e que eu não tinha conseguido ligar antes. Que chegaria em uma hora, mais ou menos.

— Fiquei te esperando um tempão! Aí acabei desistindo e comendo antes...

Levei Shimamoto até a minha BMW, que estava no estacionamento do aeroporto.

— Aonde você quer que eu te leve?

— Pode ser Aoyama, se não te atrapalhar. De lá eu volto sozinha — disse ela.

— Você consegue mesmo ir sozinha?

Ela assentiu, sorridente.

Não falamos quase nada até sair da via expressa em Gaien. Coloquei para tocar, baixinho, uma fita com um concerto para órgão de Handel. Com as mãos pousadas sobre os joelhos, Shimamoto olhava a paisagem pela janela. Era noite de domingo, então nos carros ao redor havia muitas famílias voltando de passeios. Eu mudava de marcha mais vezes do que de costume.

— Sabe, Hajime... — disse Shimamoto, pouco antes de chegarmos à avenida Aoyama. — Lá no aeroporto eu estava torcendo para o avião não conseguir decolar.

Eu queria dizer que tinha pensado a mesma coisa. Mas, no fim, não falei nada. Minha boca estava seca e as palavras não saíam. Apenas assenti, calado, e apertei de leve a sua mão. Parei o carro na esquina de Aoyama Nichome para deixá-la, como ela pediu.

— Posso te ver de novo? — perguntou ela, baixinho, antes de descer do carro. — Você ainda gosta de mim?

— Vou estar te esperando — respondi. — Venha logo.

Ela concordou com a cabeça.

Dirigindo pela avenida Aoyama, pensei que se não a visse novamente eu enlouqueceria. Quando ela saiu do carro, tive a impressão de que o mundo se esvaziara de súbito.

Quatro dias depois da viagem para Ishikawa com Shimamoto, meu sogro me ligou. Disse que tinha um assunto um pouco sério para tratar comigo e me convidou para almoçar no dia seguinte. Eu concordei, apesar de estar surpreso com o convite. Meu sogro era um homem ocupadíssimo, e era raro ele marcar um almoço que não fosse de negócios.

Seis meses antes, a sede de sua empresa havia mudado de Yoyogi para Yotsuya, em um prédio comercial novo de sete andares. O prédio era deles, mas a empresa ocupava apenas o sexto e o sétimo andares, e os outros cinco eram alugados para outros empreendimentos, restaurantes e lojas. Era a primeira vez que eu visitava aquele prédio. Tudo ali brilhava, novíssimo. O lobby tinha piso de mármore, pé-direito alto e um grande vaso de cerâmica transbordando de flores. Quando desci do elevador no sexto andar, uma recepcionista cujo cabelo poderia ter saído diretamente de uma propaganda de shampoo telefonou para o meu sogro informando da minha chegada. Seu aparelho de telefone cinza-escuro parecia uma espátula acoplada a uma calculadora. Em seguida ela sorriu para mim e anunciou que o presidente me aguardava em sua sala. Um sorriso belíssimo, mas que comparado ao de Shimamoto deixava um pouco a desejar.

A sala do presidente ficava no último andar do prédio. Grandes janelas de vidro se abriam sobre a cidade. Não era uma vista muito reconfortante, mas a sala era ensolarada e espaçosa. Na parede havia um quadro impressionista retratando um farol e um navio. Parecia ser de Seurat, e eu não duvidava que fosse original.

— Pelo jeito, os negócios vão bem! — falei ao meu sogro.

— É, nada mal — disse ele. Então se aproximou da janela e apontou a cidade. — Nada mal. E ainda vão melhorar. Agora é o

momento pra ganhar dinheiro. No nosso negócio, estamos numa maré boa do tipo que só se vê a cada vinte ou trinta anos. Quem quiser investir, a hora é agora. Sabe por quê?

— Não sei. Sou totalmente leigo no mundo da construção.

— Presta atenção. Olha Tóquio, aqui do alto. Vê quantos terrenos baldios? Vários lugares sem nada construído, como se a cidade estivesse banguela. Andando pela cidade, a gente não repara tanto, mas, vendo de cima, fica óbvio. São terrenos onde havia casas e prédios velhos, que foram demolidos. O preço dos terrenos subiu muito, então essas construções antigas não dão mais lucro. Num prédio velho não dá pra cobrar um aluguel muito caro, e também começa a ficar difícil achar locatários. Então é preciso fazer algo maior e mais moderno. Mesmo no caso de casas particulares, quando o preço do metro quadrado sobe fica difícil pagar o imposto de propriedade ou o imposto sobre heranças. Então todo mundo acaba vendendo. Deixam as casas da metrópole e se mudam para os subúrbios. Geralmente, essas casas são compradas por incorporadoras. Aí derrubam a construção velha para no lugar construir um prédio mais novo, que dê mais lucro. Ou seja, vão brotar um monte de prédios aqui, em todos esses terrenos que você está vendo. Tudo nos próximos dois ou três anos. Tóquio vai se transformar totalmente. E capital pra isso não é problema. A economia do Japão vai bem, as ações estão subindo. Os bancos estão cheios de dinheiro. Se você tiver um terreno, os bancos o aceitam como garantia e te emprestam dinheiro. Então qualquer um que tenha terra consegue arranjar fundos. Vai ser um prédio atrás do outro. E quem você acha que vai construir tudo isso? Caras como eu.

— Entendi — falei. — Mas o que vai acontecer com Tóquio, com tantos prédios novos?

— O que vai acontecer? Vai ficar mais animada, mais bonita, mais moderna. As cidades são um espelho da economia do país.

— Ficar mais animada, mais bonita e mais moderna é muito bom. É ótimo. Mas Tóquio já está transbordando de carros do jeito que é hoje. Se fizerem ainda mais prédios, aí é que as ruas vão travar de vez. A água também, basta parar de chover um

pouco que o sistema já não dá conta... E se todos esses prédios ligarem o ar-condicionado no verão, vai faltar energia. Estamos queimando petróleo do Oriente Médio para produzir eletricidade. Se tiver mais uma crise do petróleo, o que vai acontecer?

— Isso aí é problema do governo do Japão e do governo de Tóquio. Não é pra isso que a gente paga essa fortuna de impostos? Deixa os burocratas formados na Universidade de Tóquio quebrarem a cabeça. Eles andam por aí cheios de si, dando ordens, como se fossem eles que fizessem esse país ir pra frente. Então podem muito bem botar suas cabecinhas brilhantes pra funcionar. Eu não sei de nada. Sou só um construtor. Construo o que me pedirem. É a lógica do mercado. Tô errado?

Eu não fiz nenhum comentário. Não tinha ido até lá para discutir a situação econômica do Japão com meu sogro.

— Bom, vamos deixar esses assuntos de lado e ir comer. Estou morrendo de fome — disse ele.

Nós entramos na sua Mercedes enorme e preta, com telefone, e seguimos para um restaurante especializado em enguia em Akasaka. Lá, fomos levados a uma sala privada nos fundos com chão de tatame, onde comemos enguia e bebemos, só nós dois. Eu mal toquei a bebida, pois ainda era dia, mas meu sogro bebia bem rápido.

— E então, sobre o que você queria falar? — tomei a iniciativa e perguntei. Se fosse alguma coisa ruim, preferia tirar logo do caminho.

— Na verdade, eu queria te pedir um favor — disse ele. — Quer dizer, não é nada muito complicado... Eu só precisava pegar seu nome emprestado um pouquinho.

— Pegar meu nome emprestado?

— É que estou pensando em abrir uma empresa nova e preciso de um titular. Não tem que ter nenhuma qualificação específica, só preciso de um nome pra colocar lá. Não vai te dar trabalho nenhum e eu vou te recompensar por isso, claro.

— Não precisa me recompensar por nada — intervi. — Se você estiver mesmo precisando, pode usar meu nome à vontade.

Mas essa empresa vai fazer o quê? Se vão usar meu nome como um dos titulares, quero saber pelo menos isso...

— Para ser sincero, ela não vai fazer nada — disse ele. — Aqui entre nós, posso ser sincero. Essa empresa não vai fazer nada. Vai existir só no nome.

— Uma empresa fantasma, então? Uma *paper company*.

— É, basicamente.

— E qual o propósito? Pagar menos impostos?

— Não é bem isso... — disse ele, reticente.

— Caixa dois? — perguntei sem rodeios.

— Bem... — disse ele. — Não me alegra muito dizer, mas no nosso ramo às vezes é preciso fazer esse tipo de coisa.

— E se der algum problema, o que acontece comigo?

— Abrir uma empresa não é ilegal.

— O problema é o que essa empresa vai fazer.

Meu sogro tirou um cigarro do bolso, riscou um fósforo e o acendeu. Depois soprou uma baforada para o alto.

— Não há nada que chegue a ser um problema. Além disso, mesmo se por acaso houver alguma complicação, vai ser óbvio que você só me emprestou o nome por obrigação. “Ah, meu sogro me pediu, eu tive que concordar”... Ninguém vai te responsabilizar.

Pensei um pouco.

— Para que vai ser usado esse caixa dois?

— Isso é melhor você não saber.

— Quero saber um pouco mais sobre essa tal lógica do mercado — falei. — O dinheiro vai para as mãos de políticos?

— É, bem, uma parte — disse meu sogro.

— E de burocratas?

Meu sogro bateu a cinza do cigarro no cinzeiro.

— Espera aí. Isso é suborno. Se fizermos isso vamos em cana.

— Mas todo mundo no ramo deve fazer, em maior ou menor medida, não é?

— Bem, até que fazem... — disse ele, fechando a cara. — Num grau que não leve em cana.

— E o crime organizado? Devem ajudar na compra de terrenos.

— Isso não. Nunca gostei dessa gente. E eu não compro terrenos. É um negócio que dá dinheiro, mas eu não faço. Eu só construo em cima deles.

Soltei um suspiro.

— Essas coisas não são do seu feitio, né? — disse ele.

— Sendo do meu feitio ou não, essa conversa já deve estar encaminhada, contando com a minha participação, não é mesmo?

— Na verdade, sim — concordou ele, com um sorriso fraco.

Eu suspirei.

— Olha, pai. Para ser sincero eu não gosto dessa história. Não porque eu não tolere qualquer contravenção, ou coisa assim. Mas, como você bem sabe, eu sou só um homem comum levando uma vida comum. Preferia não me envolver com esse mundo clandestino.

— Eu sei disso — disse meu sogro. — Sei muito bem. Por isso que eu digo pra você deixar tudo por minha conta. Não vamos fazer nada que te prejudique. Até porque assim estaríamos prejudicando também Yukiko e minhas netas. E eu nunca faria isso. Você sabe como eu gosto das meninas.

Eu concordei. Não importa o que eu dissesse, eu não estava em posição de recusar aquele pedido. Essa era uma realidade desanimadora. O mundo ia me amarrando pouco a pouco. Esse era o primeiro passo. Primeiro eu concordaria com isso, depois seriam outras coisas.

— Você está com quantos anos? — perguntou meu sogro, de repente.

— Trinta e sete — falei.

Ele ficou me encarando.

— Trinta e sete é a idade que o homem mais quer se divertir — disse. — O trabalho vai bem, a gente tá ficando mais confiante. Aí as mulheres começam a cair em cima. Não é?

— Infelizmente, não tem tanta mulher caindo em cima de mim, não — respondi, rindo. E observei seu rosto. Por um momento,

pensei que talvez ele soubesse sobre mim e Shimamoto e tivesse me chamado para falar sobre isso. Mas nada no seu tom de voz indicava que ele estivesse me interrogando. Aparentava estar só jogando conversa fora.

— Eu também aproveitei bastante, nessa época. Então não vou dizer que você não pode ter nenhum caso, ou coisa assim. Sei que é meio estranho eu dizer isso para o marido da minha própria filha, mas eu acho até melhor você dar suas escapadas. Às vezes isso ajuda a clarear as ideias. As coisas fluem melhor em casa e no trabalho, se você aliviar a pressão. Então não te julgo se você dormir com outras mulheres. Só que a gente tem que escolher direitinho com quem, sabe? Se você vacilar, um casinho à toa pode estragar a sua vida. Já vi isso acontecer várias vezes.

Eu concordei. Então me lembrei que Yukiko tinha comentado que o casamento do irmão não andava muito bem. Parece que ele, que era um ano mais novo que eu, tinha arranjado uma amante e não parava mais em casa. Imaginei que talvez meu sogro estivesse puxando esse assunto comigo por estar preocupado com o filho.

— Então não vá atrás de nenhum rabo de saia errado. Quem se mete com mulheres que não prestam acaba ficando imprestável também. Quem anda com mulheres burras acaba ficando burro. Por outro lado, se você arranjar uma mulher boa demais, aí não consegue mais sair dessa. Se perde. Você tá me entendendo, né?

— Acho que sim — respondi.

— O importante é tomar alguns cuidados. Primeiro, nunca arranje uma casa pra ela. Isso é fatal. Segundo, sempre volte antes das duas da manhã. Duas da manhã é o horário limite pra não desconfiarem. E, por último, não use seus amigos pra encobrir seus casos. Pode ser que você seja pego, não tem jeito. Mas não precisa perder os amigos por isso.

— Parece que você fala por experiência.

— Com certeza. A gente só aprende na prática — disse ele. — Quer dizer, tem quem não aprenda nem assim. Mas não é seu

caso. Acho que você é bom em ler as pessoas, e isso é o tipo de capacidade que só se ganha pela experiência. Eu só estive nos seus bares umas duas ou três vezes, mas a gente logo vê que você juntou um pessoal de qualidade e usa todos eles muito bem.

Continuei calado, analisando o rumo da conversa.

— Você também escolheu bem com quem casar. E o casamento vai muito bem, até hoje. Yukiko é feliz com você, suas filhas são boas meninas. Sou muito grato por isso.

Pensei comigo mesmo que ele já estava bem embriagado, mas continuei ouvindo em silêncio.

— Acho que você não sabe, mas uma vez a Yukiko tentou se matar. Tomou um monte de remédios pra dormir. Corremos para o hospital e ela passou dois dias inconsciente. Achei que era o fim, sabe? Ela ficou gelada, com a respiração tão fraquinha que mal se percebia... Tive certeza de que ela ia morrer. Ficou tudo preto na minha frente.

Eu ergui a cabeça e olhei para o meu sogro.

— Quando foi isso?

— Ela tinha vinte e dois anos, tinha acabado de terminar a faculdade. Foi por causa de um homem. Eles chegaram a ficar noivos... O sujeito não valia nada. A Yukiko tem um jeito tranquilo, mas é uma pessoa de muito caráter. E é inteligente. Então até hoje eu não entendo como ela se apaixonou por um cara daqueles. — Meu sogro apoiou o corpo na coluna de madeira da parede, pôs um cigarro entre os lábios e o acendeu.

— Bom, foi o primeiro homem da vida dela. Todo mundo erra um pouco da primeira vez. Só que no caso dela o choque foi muito grande. Então ela chegou a tentar o suicídio. E, depois disso, por muito tempo, não quis namorar com mais ninguém. Ela era uma menina bem ativa, mas depois disso não queria mais ir a lugar nenhum. Ficou tão calada, sempre trancada em casa. Mas, depois que ela te conheceu e vocês começaram a sair, se animou. Parecia outra pessoa. Vocês se conheceram numa viagem, não foi?

— Foi. Em Yatsugatake.

— Mesmo nessa viagem, ela só foi porque eu insisti. Tive que empurrar ela pra fora de casa, dizendo que era bom dar uma volta de vez em quando.

Eu assenti.

— Não sabia sobre a tentativa de suicídio... — falei.

— Eu não disse nada até hoje porque achei que era melhor você não saber. Mas agora acho que chegou a hora de te contar. Vocês ainda vão viver juntos por muitos anos, então é melhor saberem tudo um do outro, as coisas ruins e as boas. Além do mais, isso já faz tempo. — Ele fechou os olhos e soprou a fumaça do cigarro. — Sei que é estranho eu dizer, como pai dela, mas a Yukiko é uma mulher e tanto. É o que eu acho. Eu já tive muitas mulheres na vida, entendo do assunto. Sou capaz de avaliar quem é uma boa mulher, mesmo sendo pai dela. Minha outra filha, a irmã dela, pode ser mais bonita, mas como pessoa é outra história. Você sabe escolher.

Eu continuei calado.

— Você não tem irmãos, né?

— Não tenho.

— Pois eu tenho três filhos. Você acha que eu gosto igualmente de todos eles?

— Não sei dizer...

— E você? Gosta o mesmo tanto das suas duas filhas?

— Gosto.

— Isso é porque elas ainda são pequenas — disse meu sogro. — Conforme os filhos vão crescendo, a gente vai criando nossas preferências. Eles desenvolvem seus próprios gostos, e a gente também. Você vai ver.

— É mesmo? — falei.

— No meu caso, e digo isso só porque é você, gosto mais da Yukiko. Sinto muito pelos outros filhos por pensar assim, mas não tem dúvida. A gente se entende bem e eu confio nela.

Assenti mais uma vez.

— Você sabe ler bem as pessoas e isso é um dom muito valioso, cuide bem dele. Eu mesmo não sou nada de mais, mas isso não quer dizer que o que eu criei seja pouca porcaria.

Coloquei meu sogro, já completamente embriagado, dentro da sua Mercedes. Ele sentou no banco de trás, afastou as pernas e fechou os olhos. Peguei um táxi e voltei para casa. Quando cheguei, Yukiko quis saber sobre o que nós tínhamos conversado.

— Ele não tinha nenhum assunto especial para tratar — respondi. — Acho que só queria um parceiro para beber. Ele ficou bem embriagado, será que vai conseguir trabalhar direito o resto do dia, naquele estado?

— É sempre assim. — Ela riu. — Ele já começa a beber na hora do almoço, aí tira uma soneca de uma hora no sofá da sala dele. Mas a empresa ainda não faliu, então acho que tudo bem. Deixa ele.

— Mas eu achei que ele tá mais fraco pra bebida do que antes.

— É... Você não deve saber, mas até a morte da minha mãe ele podia beber o quanto fosse e a gente nem notava. Era muito resistente. Mas não tem jeito, todo mundo envelhece...

Passei um café fresco, que nós bebemos sentados à mesa da cozinha. Decidi não falar nada a Yukiko sobre meu nome ser usado para uma empresa fantasma, pois sabia que ela ficaria incomodada, achando que seu pai estava me causando problemas. “Meu pai te emprestou dinheiro, é verdade, mas uma coisa não tem nada a ver com a outra. Além do mais, você está pagando o empréstimo direitinho, com juros e tudo”, diria ela. Mas as coisas não eram assim tão simples.

A nossa filha mais nova dormia um sono pesado no seu quarto. Depois de tomar o café, convidei Yukiko para a cama. Nós nos despimos e nos abraçamos sem fazer barulho, na luz clara do dia. Aqueci seu corpo sem pressa, antes de penetrá-la. Mas, neste dia, enquanto eu estava dentro dela, pensei o tempo todo em Shimamoto. Fechei os olhos e pensei que era Shimamoto quem tinha nos braços. Imaginei que era ela que eu penetrava. E gozei intensamente.

Depois de tomar banho, voltei para a cama para dormir um pouco. Yukiko já estava vestida e arrumada de novo, mas quando me deitei ela se deitou ao meu lado e beijou minhas

costas. Continuei de olhos fechados, em silêncio. Me sentia culpado por ter transado com ela pensando em Shimamoto. Continuei de olhos fechados, em silêncio.

— Eu gosto de você, sabia? — disse Yukiko.

— Já estamos casados há sete anos, temos duas filhas — falei. — Acho que daqui a pouco você já pode começar a enjoar de mim.

— Pois é. Mas eu gosto.

Eu a abracei. E comecei a tirar sua roupa. Tirei o suéter e a saia, depois a roupa de baixo.

— De novo? Sério? — exclamou ela, surpresa.

— Claro — respondi.

— Puxa, vou até anotar no meu diário!

Dessa vez, me esforcei para não pensar em Shimamoto. Abracei o corpo de Yukiko, olhei seu rosto, pensei somente nela. Beije seus lábios, seu pescoço, seus mamilos. E ejaculei dentro dela. Mesmo depois de gozar, continuei abraçado a ela.

— Ei, o que você tem? — perguntou ela, observando meu rosto. — Aconteceu alguma coisa hoje, com o meu pai?

— Não — falei. — Não aconteceu nada. Eu só queria ficar mais um pouco assim.

— Tudo bem, fica à vontade — disse ela. E me abraçou apertado, deixando que eu continuasse dentro dela. Fechei os olhos e pressionei meu corpo contra o dela, como se, se não o fizesse, eu fosse me soltar no vazio.

Abraçado a ela, lembrei da história da tentativa de suicídio que meu sogro contara mais cedo. “Eu achei que era o fim, sabe? Tive certeza de que ela ia morrer.” E pensei: “Um pequeno desvio, e este corpo poderia ter desaparecido e não existiria mais”. Toquei seu ombro, seu cabelo, seus seios. Eram quentes, macios e reais. Eu podia sentir a existência de Yukiko contra a palma das minhas mãos. Mas ninguém sabia até quando ela estaria ali. Tudo o que tem forma física desaparece, cedo ou tarde. Yukiko, o cômodo onde estávamos, as paredes, o teto, as janelas, tudo isso poderia sumir antes que eu me desse conta. Então lembrei de Izumi. Talvez eu tenha magoado Izumi do

mesmo jeito que o tal homem magoou Yukiko. Yukiko se encontrou comigo depois disso. Izumi parecia não ter encontrado ninguém.

Beijei seu pescoço macio.

— Vou dormir um pouco — falei. — Depois vou buscar nossa filha na escola.

— Dorme bem — disse ela.

Tirei um cochilo rápido. Acordei pouco depois das três horas. Da janela do quarto dava para ver o cemitério de Aoyama. Sentei na cadeira ao lado da janela e passei muito tempo olhando para ele. Tive a impressão de que, desde que Shimamoto reaparecera, eu via as paisagens de maneira diferente. Escutei Yukiko adiantando algumas coisas para o jantar, na cozinha. Esses ruídos soavam ocos, como se me alcançassem através de um cano, desde muito longe.

Depois peguei a BMW na garagem no subsolo e fui buscar minha filha mais velha na pré-escola. Naquele dia havia algum tipo de atividade especial, então já eram quase quatro horas quando ela apareceu. Na frente da escola havia, como sempre, uma fila de carros de luxo, muito bem polidos. Saab, Jaguar, Alfa Romeo. Deles saíam jovens mães com casacos caríssimos, pegavam seus filhos, voltavam para o carro e iam para casa. Minha filha era a única criança que voltava com o pai. Ao vê-la, chamei seu nome e acenei com um gesto largo. Ela também me viu, acenou discretamente e começou a vir em minha direção, mas no meio do caminho reparou em uma menina sentada no banco do motorista de uma Mercedes 260E azul e correu até ela, gritando alguma coisa. A menina, de gorro de lã vermelho, estava com o tronco para fora da janela do carro estacionado. A mãe vestia um casaco de caxemira vermelho e usava grandes óculos escuros. Ela sorriu para mim quando me aproximei e peguei a mão da minha filha. Eu sorri de volta. O casaco vermelho e os óculos grandes lembraram Shimamoto, naquele dia em que a segui de Shibuya até Aoyama.

— Boa tarde — falei.

— Boa tarde — respondeu ela.

Era uma mulher bonita. Não devia ter mais de vinte e cinco anos. O som do carro tocava “Burning Down the House” do Talking Heads. No banco de trás havia duas sacolas do supermercado Kinokuniya. Seu sorriso era muito atraente. As duas meninas passaram algum tempo cochichando sobre alguma coisa, até que a menina se despediu e apertou o botão para subir o vidro da janela. Levei minha filha pela mão até a BMW estacionada.

— E aí, aconteceu alguma coisa legal hoje? — perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— Nadinha. Foi muito chato — disse ela.

— Puxa, então nós dois tivemos dias difíceis — falei. Depois me curvei e dei um beijo em sua bochecha. Ela recebeu meu beijo com a expressão de um gerente de um restaurante francês esnobe recebendo um cartão American Express. — Mas amanhã as coisas vão ser mais fáceis, eu garanto — falei.

Eu também queria acreditar nisso. Que, quando eu abrisse os olhos na manhã seguinte, o mundo seria um lugar mais leve e as coisas, mais fáceis. Mas não era assim tão simples. Amanhã, provavelmente tudo estaria ainda mais complicado, pensei. O problema era que eu estava apaixonado. E tinha esposa e duas filhas.

— Ei, papai — disse minha filha. — Eu quero andar de cavalo! Um dia você compra um cavalo pra mim?

— Tá bom, um dia eu compro — falei.

— Que dia?

— Quando eu conseguir juntar bastante dinheiro. Quando eu tiver todo o dinheiro que precisa, compro seu cavalo.

— Você também tem um cofrinho, papai?

— Tenho, sim, um bem grande. Do tamanho deste carro aqui. Pra comprar um cavalo precisa de um montão de dinheiro.

— E se eu pedir pro vovô, será que ele compra? O vovô é rico, né?

— Ele é — falei. — O vovô tem um cofrinho do tamanho daquele prédio lá. Cheio de dinheiro. O problema é que é tão grande que fica meio difícil tirar o dinheiro lá de dentro.

Ela pensou um pouco.

— Mas posso perguntar pra ele, só uma vez? Se ele compra um cavalo pra mim?

— Pode, sim, pergunta pra ele. Quem sabe ele compra.

Fomos conversando sobre cavalos até chegarmos à garagem do prédio. Que cor de cavalo ela queria, o nome que daria a ele, aonde iria cavalgando, onde ele ia dormir. Coloquei-a no elevador da garagem e segui direto para o bar. Me perguntei o que aconteceria no dia seguinte. Apoiei as mãos sobre o volante e fechei os olhos. Não conseguia sentir que estava dentro do meu próprio corpo. Aquele corpo parecia um recipiente emprestado, arranjado às pressas. “O que vai acontecer comigo amanhã?”, pensei. Eu adoraria poder comprar um cavalo para minha filha, agora mesmo. Antes que as coisas comesçassem a desaparecer. Antes que tudo desse errado.



Durante cerca de dois meses, até a chegada da primavera, encontrei Shimamoto praticamente toda semana. Ela aparecia nos meus bares de vez em quando. Às vezes no menor, mas geralmente no Robin's Nest. Vinha sempre depois das nove. Sentava ao balcão, tomava dois ou três coquetéis e ia embora por volta das onze. Enquanto ela estava lá, eu ficava sentado ao seu lado, conversando. Não sei o que os funcionários achavam da nossa relação, mas também não me importava com isso. Do mesmo jeito que, na escola, não me importava com o que os colegas pensavam de nós.

De vez em quando ela telefonava para o clube e me convidava para encontrá-la em algum lugar no dia seguinte. Geralmente marcávamos em um café em Omotesando. Comíamos alguma coisa simples ou caminhávamos pelo bairro. Ela passava duas horas comigo, no máximo três. Quando dava sua hora, olhava o relógio e sorria pra mim, dizendo “bom, acho que já vou indo”. Um sorriso lindo, como sempre. Mas era impossível ler naquele sorriso o que ela sentia nesses momentos. Eu não saberia dizer se ela estava triste por ter que ir embora, se não se incomodava muito, ou se estava aliviada de me deixar. Na verdade, eu não tinha sequer como saber se ela precisava mesmo ir embora.

De qualquer forma, durante as duas ou três horas até sua partida, a conversa entre nós fluía muito animada. Mas eu nunca mais passei o braço sobre seu ombro, e ela nunca mais me deu a mão. Nossos corpos não voltaram a se tocar.

Em Tóquio, Shimamoto recuperou seu ar sorridente, carismático e tranquilo. Não vi mais aquela intensa agitação emocional que ela mostrara naquele dia frio de fevereiro, em Ishikawa. A intimidade natural e terna que se estabeleceu entre nós naquele dia também não retornou. Sem combinar, nós nunca mencionamos os eventos daquela estranha excursão.

Caminhando ao seu lado, eu me perguntava o que será que ela guardava no peito, e para onde essas coisas a levariam no futuro. Às vezes eu espiava seus olhos, mas encontrava neles apenas um silêncio sereno. As pequenas linhas em suas pálpebras continuavam a me lembrar da distante linha do horizonte. Tive a impressão de compreender um pouco melhor, finalmente, a solidão que Izumi devia sentir ao meu lado, quando éramos adolescentes. No interior de Shimamoto havia um pequeno mundo isolado, só dela. Que só ela conhecia, onde só ela poderia entrar. Eu ficava de fora. A porta deste mundo se abrira para mim uma única vez, mas agora já estava fechada novamente.

Quando eu começava a pensar sobre isso, ficava difícil saber o que era certo e o que era errado. Era como se eu tivesse voltado a ser um menino incapaz e perdido de doze anos. Diante dela, eu não conseguia avaliar o que devia fazer, o que falar. Eu me esforçava para pensar racionalmente. Para usar a cabeça. Mas não adiantava. Sempre acabava sentindo que tinha dito ou feito alguma coisa errada. No entanto, o que quer que eu fizesse ou falasse, ela sempre dava aquele seu sorriso encantador que engolia qualquer tipo de emoção. Como quem diz: “Não tem problema, tá tudo bem assim”.

Eu não sabia praticamente nada sobre as circunstâncias em que Shimamoto se encontrava. Não sabia onde ela morava. Se vivia sozinha ou com alguém. Não sabia de onde vinha seu dinheiro. Se ela era casada ou se já fora algum dia. Sabia apenas que ela tivera uma filha e que essa filha morrera no dia seguinte ao nascimento. Que isso tinha acontecido em fevereiro do ano anterior. Ela também disse que nunca havia trabalhado na vida, mas estava sempre com roupas de grife e acessórios caros. Ou seja, ela ganhava uma renda considerável, de algum lugar. Essas eram todas as informações que eu tinha sobre ela. Era provável que estivesse casada quando teve o bebê, mas não era uma certeza, claro. Apenas uma suposição. Há quem tenha filhos sem ser casado.

No entanto, conforme convivíamos mais, Shimamoto começou a contar, pouco a pouco, algumas coisas sobre sua vida nos tempos de escola. Parecia que para ela não havia problema em falar sobre essas coisas, já que elas não tinham nenhuma relação direta com sua vida atual. Assim eu soube quão sozinha ela tinha sido durante esse período, entre os doze anos e o final do ensino médio. Ela se esforçava para ser o mais justa possível com todos ao seu redor. E, o que quer que acontecesse, tentava não se justificar. “Eu não gosto de dar desculpas”, dizia ela. “Quando as pessoas começam a inventar justificativas, não param mais, e eu não quero viver assim.” Mas naquela época essa postura não deu tão certo para ela. Gerou uma série de mal-entendidos desnecessários que acabaram magoando-a profundamente. Ela foi se fechando cada vez mais em si mesma. Odiava tanto ir à escola que chegava a vomitar ao acordar de manhã.

Certa vez ela me mostrou uma foto de quando havia acabado de entrar no ensino médio. Estava sentada em uma espreguiçadeira, em um jardim com girassóis floridos, no verão. Usava um short jeans e uma camiseta branca. E era linda. Estava sorrindo para a câmera, um sorriso um pouco mais desajeitado que o de agora, mas ainda assim encantador. De certa forma, era justamente sua timidez que fazia daquele um sorriso tão belo. Não parecia o sorriso de uma menina infeliz e solitária.

— Vendo por essa foto você parece um exemplo de felicidade... — falei.

Shimamoto balançou a cabeça devagar. Linhas charmosas se formaram nos cantos dos seus olhos, que pareciam relembrar algum sentimento do passado distante.

— As fotos não mostram nada, Hajime. São só uma sombra. Eu não estou aí. As fotos não retratam a pessoa de verdade — disse ela.

Aquela foto me causou uma pontada no peito. Ela me mostrava claramente quanto tempo eu havia perdido. Um tempo

precioso que não voltaria mais, que só existiu em um lugar e um instante. Fiquei muito tempo olhando a fotografia.

— O que você tanto olha? — perguntou Shimamoto.

— Estou tentando ocupar o tempo — falei. — Eu passei mais de vinte anos sem te ver. Quero tentar preencher esse vazio, pelo menos um pouco.

Ela me olhou com um sorriso diferente, como se tivesse algo engraçado na minha cara.

— Que esquisito... Você quer preencher o vazio desses anos, enquanto a minha vontade era poder esvaziá-los — disse ela.

Shimamoto não teve nenhum namorado até terminar o ensino médio. Não que ninguém tivesse se interessado por ela — afinal, ela era muito bonita. Mas ela não costumava sair com esses meninos. Tentou algumas vezes, mas nada durou.

— Os meninos daquela idade não deviam gostar muito de mim. Sabe como é... Nessa idade são todos brutos, só pensam em si mesmos e em botar a mão embaixo da saia das meninas. Eu sempre me decepcionava quando acontecia algo assim. O que eu buscava era aquilo que existiu entre nós, antigamente.

— Olha, Shimamoto, aos dezesseis anos eu também só pensava em mim mesmo e só queria pôr a mão embaixo da saia das meninas. Não tenha dúvida.

— Bom, então talvez tenha sido uma sorte a gente não conviver nessa idade — disse ela, e riu. — Pode ter sido bom a gente se separar aos doze anos e se reencontrar aos trinta e sete.

— Pode ser...

— Hoje em dia você consegue pensar em mais coisas além de meter a mão embaixo da saia das meninas, não consegue?

— É, uma coisa ou outra — falei. — Mas, se você estiver preocupada com o que se passa na minha cabeça, talvez seja melhor vir de calça da próxima vez...

Shimamoto pôs as duas mãos sobre a mesa e riu, olhando para elas. Como sempre, ela não usava nenhum anel. Era comum estar de pulseira, e tinha sempre um relógio de pulso diferente. Também usava brincos. Mas nunca a vi de anel.

— Além disso, eu não queria ser um incômodo para os meninos — disse ela. — Tinha muitas coisas que eu não conseguia fazer, como você sabe. Eu não podia ir a piqueniques, nadar, esquiar ou patinar, ir em discotecas... Mesmo num passeio qualquer pela cidade, eu andava devagar. Tudo o que eu conseguia fazer era sentar com a pessoa, conversar e ouvir música. E os meninos daquela idade não aguentavam fazer isso por muito tempo. Eu sofria por isso. A última coisa que eu queria era me tornar um fardo.

Ela disse isso e tomou um gole da sua Perrier com gelo. Era uma tarde quente em meados de março. Já havia alguns jovens andando de mangas curtas em Omotesando.

— Se estivéssemos juntos naquela época, acho que eu teria me tornado um peso para você. Tenho certeza de que você ia se cansar de mim. Ia querer se jogar num mundo mais vasto, mais ativo. E teria sido muito difícil pra mim quando as coisas acabassem assim.

— Escuta, Shimamoto — falei. — Isso nunca aconteceria. Eu não me cansaria de você, porque tem alguma coisa especial entre a gente. Eu sei disso. Não consigo explicar, mas sei que existe e que é algo muito precioso, muito importante. E acho que você também sabe.

Shimamoto ficou me olhando, sem mudar de expressão.

— Eu não sou nenhum grande homem. Não tenho nenhuma razão específica pra me orgulhar. E no passado eu era ainda mais bruto, mais insensível, mais arrogante. Então talvez não fosse a pessoa certa pra você. Mas de uma coisa eu tenho certeza: eu não ia me cansar de você. Nesse aspecto, sou diferente das outras pessoas. Em relação a você, eu sou uma pessoa especial. Posso sentir.

Shimamoto voltou a olhar para as próprias mãos sobre a mesa. Afastou os dedos, como se examinasse seu contorno.

— Mas infelizmente, Hajime — disse ela —, certas coisas não andam pra trás. Depois que seguem adiante, não importa o que a gente faça, não dá mais para voltar. Se algo sai dos trilhos, mesmo que só um pouco, endurece e fica assim para sempre.

Uma vez, fomos juntos assistir a um concerto. Eram obras de Liszt para piano. Shimamoto me ligou e perguntou se eu estava livre e queria ir com ela. O intérprete era um famoso pianista da América Latina. Desmarquei compromissos e fui com ela para a sala de concertos em Ueno. Foi uma apresentação formidável. A técnica era impecável, as composições, elaboradas e complexas, o intérprete tocava com muito sentimento. No entanto, por mais que eu fechasse os olhos e tentasse me concentrar na música, não conseguia entrar de corpo e alma naquele mundo. Era como se houvesse uma barreira entre mim e a performance, uma cortina nos separando. Era muito fina, quase imperceptível, mas me impedia de atravessar para o lado de lá. Quando falei sobre isso, depois do concerto, descobri que Shimamoto tinha sentido mais ou menos a mesma coisa.

— Mas qual será que foi o problema com essa apresentação?
— perguntou ela. — Me pareceu tão boa...

— Você lembra que no disco que a gente escutava tinha dois chiados, mais para o fim do segundo movimento? Fazia *tik, tik* — falei. — Não consigo ouvir essa música sem aqueles chiados.

Shimamoto deu risada.

— Não dá pra dizer que seja um critério muito artístico.

— A arte que se dane. Deixa um urubu careca comer a arte, não ligo. Não importa o que digam, eu gostava daquele barulhinho.

— É, talvez você tenha razão — admitiu ela. — Mas o que tem esse urubu careca? É diferente dos outros?

No trem de volta, fui explicando as diferenças entre os urubus comuns e os urubus carecas. Falei sobre seus habitat, sobre as diferenças nos seus cantos, nos seus períodos de acasalamento.

— Os urubus carecas se alimentam de arte, e os comuns, dos cadáveres de desconhecidos. É completamente diferente.

— Você é esquisito! — Ela riu. E, sentada ao meu lado no banco do trem, encostou bem de leve o ombro no meu. Esse foi o único momento, nesses dois meses, em que nossos corpos se tocaram.

E assim o mês de março passou e começou abril. A minha filha mais nova passou a frequentar a mesma pré-escola da mais velha. Agora que não precisava mais ficar com as meninas, Yukiko entrou para um grupo de voluntários do bairro e começou a ajudar em uma instituição para crianças deficientes. Quase sempre era eu quem levava e buscava as duas na escola. Quando eu estava sem tempo, minha esposa fazia isso. Ver minhas filhas crescendo me fazia perceber que eu também estava envelhecendo. Sozinhas, indiferentes às nossas intenções, as crianças vão ficando cada vez maiores. Eu amava minhas filhas. Para mim, era uma grande alegria assistir ao seu desenvolvimento. Mas às vezes, vendo-as crescer dia a dia, hora a hora, eu me sentia sufocado. Como se uma árvore estivesse crescendo dentro de mim, as raízes cada vez mais fundas e os galhos se espalhando, pressionando meus órgãos, músculos e minha pele em sua ânsia de expansão. Em alguns momentos essa sensação era tão sufocante que eu não conseguia dormir à noite.

Eu encontrava Shimamoto uma vez por semana e conversava com ela. Levava e buscava minhas filhas na escola e fazia amor com minha esposa várias vezes por semana. Acho que, depois que passei a me encontrar com Shimamoto, comecei a procurá-la mais vezes. Não o fazia por culpa. O que eu buscava, ao abraçá-la e ser abraçado por ela, era me prender a alguma coisa.

— O que você tem, hein? Você anda meio estranho — disse Yukiko certa tarde, depois do sexo. — Nunca ouvi falar que a libido dos homens aumenta assim, de repente, aos trinta e sete anos.

— Não tenho nada, sou o mesmo de sempre — falei.

Yukiko me olhou por um tempo, depois balançou um pouco a cabeça.

— Ai, ai. Eu queria saber o que é que acontece dentro da sua cabeça — disse ela.

Quando estava à toa, eu ouvia música clássica e fitava distraído o cemitério de Aoyama pela janela. Não lia tanto quanto

antes. Achava cada vez mais difícil me concentrar nas palavras na página.

Também encontrava bastante a jovem mulher da Mercedes 260E. Enquanto esperávamos nossas filhas aparecerem no portão da pré-escola, conversávamos sobre amenidades. “O estacionamento de tal supermercado é mais vazio em tal horário”, “tal restaurante italiano mudou de chef e a qualidade caiu muito”, “mês que vem vai ter uma promoção de vinhos importados na Meijiya”, esse tipo de coisa. “Ai, ai, isso parece conversa de comadres no portão”, eu pensava. Mas aqueles eram os únicos assuntos que tínhamos em comum.

No meio de abril, Shimamoto desapareceu novamente. Da última vez que nos vimos, estávamos sentados lado a lado no balcão do Robin’s Nest, conversando. Mas pouco antes das dez recebi uma ligação do outro bar e tive que ir para lá.

— Devo voltar em meia hora ou quarenta minutos — falei para Shimamoto.

— Tudo bem, vai lá. Eu fico lendo e te espero aqui — respondeu ela, sorrindo.

Quando resolvi a questão e voltei correndo, ela não estava mais no balcão. Passava um pouco das onze horas. Ela deixara um recado para mim, no verso dos fósforos do clube. “Talvez eu não consiga mais vir por algum tempo. Agora preciso ir. Adeus. Fique bem”, dizia.

Depois disso, passei um período desnorteadado. Não sabia o que fazer. Andava à toa pela casa, perambulava pela cidade, ia bem cedo esperar minhas filhas na escola. Lá, conversava com a moça da Mercedes. Cheguei a ir com ela tomar café ali perto. Como sempre, falamos sobre as verduras do Kinokuniya, os ovos fertilizados da Natural House, as promoções da Miki House. Ela adorava as roupas de Inaba Yoshie e disse que reservava pelo catálogo as peças que queria, antes de cada estação. Também falamos sobre um restaurante de enguias muito bom que ficava perto do posto policial de Omotesando e havia fechado. Com

essas conversas, fomos ficando bem próximos. Ela era muito mais simpática e boa pessoa do que aparentava. Mas eu não tinha qualquer interesse sexual por ela. Eu só queria conversar com alguém, sobre qualquer coisa. De preferência qualquer coisa inofensiva e insignificante. Eu buscava o tipo de conversa que, por mais longe que fosse, jamais me levasse a Shimamoto.

Quando não tinha mais o que fazer, eu ia para um shopping e fazia compras. Um dia, comprei seis camisas de uma vez. Comprava brinquedos e bonecas para minhas filhas, acessórios para Yukiko. Fui várias vezes a um showroom da BMW, onde olhava os M5 e fazia várias perguntas aos vendedores, apesar de não ter nenhuma intenção de comprar um automóvel.

Depois de passar algumas semanas inquieto, entretanto, voltei a focar no trabalho. Decidi que não podia continuar daquele jeito para sempre. Chamei um designer e um decorador e conversei sobre mudar o interior dos bares. Estava chegando a hora de dar um trato no interior deles e repensar a forma como os administrava. Nesse tipo de estabelecimento, há momentos em que você deve manter tudo como está e outros em que deve mudar as coisas. Assim como com as pessoas. Tudo no mundo vai perdendo a energia se fica sempre do mesmo jeito. Já fazia um tempo que eu sentia que tinha chegado a hora de mudar. Os jardins de fantasia nunca podem entediar as pessoas. Decidi começar por uma reforma parcial do bar menor. Eu precisava deixar o espaço mais funcional — mudar coisas que, pelo uso cotidiano, percebi que não davam certo, arrumar lugares em que havíamos priorizado o design em detrimento da funcionalidade. Também estava na hora de fazer uma revisão em todo o equipamento de som e de ar-condicionado. E mudei muitos itens no cardápio. Sempre conversei com os funcionários, pedindo suas opiniões sobre o espaço de trabalho, perguntando o que gostariam de mudar e como, e anotava tudo isso em uma lista detalhada. O resultado foi uma lista bem longa. Descrevi para os arquitetos, minuciosamente, a imagem que eu tinha em mente para o bar reformado. Eles desenhavam um projeto, eu fazia correções, eles modificavam os desenhos. Repetimos esse

processo muitas e muitas vezes. Verifiquei cada um dos materiais usados, pedi orçamentos, ajustei os valores considerando a qualidade de cada produto. Demorei três semanas só para escolher uma saboneteira para o toalete. Passei três semanas rodando todas as lojas de Tóquio em busca da saboneteira perfeita. Essas atividades me deixavam completamente exausto, mas era justo isso que eu queria.

Maio se foi e entramos em junho. Mesmo assim, Shimamoto não apareceu. “Ela não vai mais voltar”, pensei. “Talvez eu não consiga mais vir por algum tempo”, escrevera ela. Essas duas expressões vagas, “talvez” e “algum tempo”, me torturavam com sua ambiguidade. Ela poderia voltar algum dia. Mas eu não podia ficar sentado em um canto, esperando por aquele “talvez” e aquele “algum”. Se continuasse vivendo daquele jeito eu ficaria maluco, então dediquei todos os meus esforços a me manter ocupado. Comecei a nadar mais. Nadava dois mil metros por dia, sem parar. Depois me exercitava na academia no andar de cima. Na primeira semana, meus músculos protestaram bastante. Um dia, enquanto eu esperava o sinal abrir, tive uma câimbra tão forte no pé esquerdo que por um momento não consegui pisar na embreagem. Mas, depois de algum tempo, meu corpo começou a aceitar aquele nível de exercício como o normal. Esse tipo de atividade exaustiva não me deixava espaço para pensar em bobagens, e graças ao exercício diário eu tinha mais concentração no dia a dia. Eu evitava ficar à toa, sem pensar em nada. Fazia um esforço para me concentrar no que estava fazendo, o que quer que fosse. Se ia lavar o rosto, lavava com dedicação, se ouvia música, ouvia com dedicação. Se eu não fizesse isso, não conseguiria levar a vida direito. No verão, eu e Yukiko íamos com as meninas passar os fins de semana na nossa casa de veraneio em Hakone. As três pareciam relaxadas e felizes por sair da cidade e estar perto da natureza. Colhiam flores, olhavam os passarinhos com binóculos, brincavam de pega-pega, nadavam no rio. Ou só ficavam estiradas no jardim, descansando. “Mas elas não sabem da verdade”, eu pensava. Naquele dia de neve, se o avião para Tóquio não tivesse

decolado, eu poderia ter largado tudo e ido embora com Shimamoto. Naquele dia, eu teria sido capaz de abandonar tudo. O trabalho, a família, o dinheiro, tudo, sem pestanejar. E, mesmo agora, eu continuava pensando em Shimamoto, o tempo todo. Ainda me lembrava com clareza da sensação de abraçar seu ombro, de beijar seu rosto. E, quando transava com minha esposa, não conseguia impedir que a imagem de Shimamoto surgisse na minha mente. Ninguém sabia o que eu estava pensando. Assim como eu não sabia o que Shimamoto estava pensando.

Decidi usar as férias de verão para fazer a reforma no bar. Enquanto Yukiko e as meninas foram para Hakone, eu fiquei sozinho em Tóquio, dando instruções detalhadas durante as obras. Quando dava tempo, nadava e fazia musculação. Nos fins de semana ia para Hakone, levava minhas filhas para nadar na piscina do Hotel Fujiya e para comer fora. E, quando chegava a noite, me deitava com minha mulher.

Eu já estava chegando na meia-idade, mas não ganhara nenhum peso e não via sinais de calvície. Também não tinha nem um fio branco. Graças à atividade física, não me sentia menos disposto. Eu levava uma vida regrada, evitava excessos, cuidava da alimentação. Nunca ficava doente. Pela aparência, poderia ter acabado de entrar nos trinta.

Minha esposa gostava de tocar meu corpo nu. De sentir os músculos do meu peito, alisar minha barriga reta como uma tábua, brincar com meu pênis e meus testículos. Ela também frequentava a academia e se exercitava com afinco, mas tinha cada vez mais dificuldade em evitar que a gordura se acumulasse no corpo.

— Infelizmente, é a idade — disse ela, com um suspiro. — Posso até perder peso, mas essa gordura aqui do lado não vai embora!

— Mas eu gosto do seu corpo como ele é agora. Não precisa ficar se matando com exercícios e dieta, você tá bem desse jeito. E nem está gorda — eu dizia.

E não era mentira. Eu gostava do seu corpo macio, com um pouco mais de carne. Gostava de acariciar suas costas nuas.

— Você não entende nada! — disse Yukiko, balançando a cabeça. — Não fala que eu estou bem “desse jeito”. Eu já estou me matando pra me manter assim!

Para quem via de fora, devíamos parecer uma família perfeita. Às vezes, até eu pensava isso. Eu tinha um trabalho do qual gostava e que me dava uma renda considerável. Tinha um belo apartamento de quatro dormitórios em Aoyama, uma casinha de veraneio nas montanhas de Hakone, uma BMW e um Jeep Cherokee. E tinha uma família da qual não poderia me queixar. Eu amava minha esposa e minhas duas filhas. O que mais eu poderia querer da vida? Mesmo que, hipoteticamente, as três viessem até mim, dissessem que queriam ser uma esposa e filhas melhores e mais amadas e me perguntassem humildemente o que eu gostaria que elas mudassem, eu não saberia o que dizer. Eu realmente não tinha nenhuma insatisfação em relação a elas. Também não tinha nenhuma queixa a respeito da minha vida em casa. Eu não conseguia imaginar uma vida mais agradável do que aquela.

Mas, depois do sumiço de Shimamoto, às vezes eu me sentia na superfície da lua, sem oxigênio. Agora que ela não estava mais lá, não existia um lugar no mundo onde eu pudesse abrir meu coração. Nas noites em que não conseguia dormir, eu ficava deitado na cama, lembrando de novo e de novo e de novo daquele dia de neve no aeroporto de Komatsu. A minha vontade era que essa memória fosse se desgastando de tanto ser lembrada, mas isso não acontecia. Pelo contrário, quanto mais eu pensava nela, mais vívida ficava. O painel de avisos de embarque informando que o voo para Tóquio da ANA estava atrasado. Do lado de fora da janela, a neve cobrindo tudo. Não se enxergava nem cinquenta metros adiante. Shimamoto imóvel, sentada no banco e abraçada a si mesma, segurando com força os cotovelos. O grosso casaco azul-marinho, o cachecol no pescoço. O cheiro de tristeza e lágrimas que emanava do seu corpo. Eu ainda conseguia senti-lo perfeitamente. Ao meu lado,

minha esposa ressonava discretamente. Ela não sabe de nada. Eu fechava os olhos e sacudia a cabeça. “Ela não sabe de nada.”

Eu pensava em como dera de beber a Shimamoto, da minha boca, a água da neve derretida. Lembrava da sensação de tê-la em meus braços, no avião. De seus olhos fechados e sua boca entreaberta, como a de quem suspira. Seu corpo macio pesava contra o meu. Naquele momento, ela me desejava. Seu coração estava aberto para mim. Mas eu me segurei. Eu me detive, e fazendo isso fiquei neste mundo deserto e sem vida como a superfície lunar. Até que ela foi embora novamente e minha vida desapareceu mais uma vez.

Essas memórias vívidas me davam noites em claro. Às vezes eu despertava às duas ou três horas da manhã e não conseguia voltar a dormir. Quando isso acontecia eu levantava da cama, ia até a cozinha e me servia de um uísque. Via o cemitério escuro e os faróis dos carros que passavam pela rua abaixo dele. Ficava lá olhando a paisagem, com o copo na mão. Essas horas, que conectam o meio da noite à alvorada, eram longas e escuras. Às vezes eu pensava que me sentiria melhor se conseguisse chorar, mas não sabia pelo que chorar. Por quem chorar. Eu era egoísta demais para chorar por outra pessoa, e velho demais para chorar por mim mesmo.

E então chegou o outono. Quando isso aconteceu, eu já havia tomado uma decisão. Eu não podia continuar vivendo daquele jeito. Essa foi minha conclusão final.



Depois de levar minhas filhas na escola, de manhã, fui para a piscina nadar meus dois mil metros, como sempre. Nadei imaginando que eu era um peixe. Eu era apenas um peixe e não precisava pensar em nada. Não precisava sequer pensar em nadar. Bastava estar ali e ser eu mesmo. Era isso o que significava ser um peixe. Saí da piscina, tomei uma ducha, vesti uma camiseta e uma bermuda e fiz musculação.

Depois fui para a quitinete que eu alugava perto de casa como escritório, organizei a contabilidade dos dois bares, calculei os pagamentos dos funcionários, mexi um pouco no projeto de reforma do Robin's Nest, prevista para fevereiro do ano seguinte. Quando deu uma hora, voltei para casa para almoçar com minha esposa.

— Ah, é, meu pai ligou hoje de manhã — disse Yukiko. — Ele estava correndo, como sempre, mas queria falar sobre umas ações. Disse que com certeza dariam lucro e que era pra gente comprar. Que a informação vem da mesma fonte confidencial de costume, mas que essas eram especiais mesmo, fora da curva, diferentes das outras. Disse que não era só uma dica, era um fato.

— Se vão dar tanto lucro assim, ele não precisava contar pra gente, podia comprar ele mesmo. Por que não fez isso?

— Ele falou que é um agradecimento por uma coisa que você fez. Não sei o quê, mas ele disse que você ia entender. Por isso ele fez questão de passar pra gente a parte que seria dele. Disse que era pra gente juntar todo o dinheiro que conseguisse mexer e investir lá. Que podemos ficar tranquilos porque com certeza vai dar lucro. E, se por acaso não der, ele vai cobrir nossas perdas.

Pousei o garfo no prato de macarrão e ergui o rosto.

— E aí?

— Ele falou pra comprar o mais rápido possível, então eu já liguei para o banco, desfiz duas aplicações e enviei o dinheiro para o senhor Yamanaka da agência de apólices. Pedi para ele garantir os títulos que meu pai indicou. Só consegui juntar uns oito milhões de ienes. Você acha que eu devia ter comprado mais?

Tomei um gole de água e procurei as palavras certas para dizer aquilo.

— Por que você não me consultou antes de fazer tudo isso?

— Te consultar? Mas você sempre compra todas as ações que meu pai manda — respondeu ela, confusa. — Você inclusive já me pediu pra fazer isso várias vezes, disse que era só seguir as instruções dele. Então foi o que eu fiz. Meu pai falou pra gente comprar o mais rápido possível, e eu fiz isso. Além do mais, você estava nadando, eu não tinha como falar com você. Qual o problema?

— Bom, tudo bem. Mas você pode vender tudo o que comprou? — falei.

— Vender? — disse Yukiko, e me encarou com os olhos apertados, como se olhasse para uma luz forte.

— É, vende o que você comprou hoje e devolve o dinheiro pras aplicações.

— Mas se eu fizer isso, só com as taxas de compra e venda das ações e as taxas do banco, a gente vai perder um monte de dinheiro!

— Não tem problema — falei. — Não me importo com o prejuízo, nem com as taxas. Só vende tudo o que comprou hoje, por favor.

Yukiko respirou fundo.

— Querido, o que foi que aconteceu com meu pai, no outro dia? Ele te envolveu em algum esquema?

Eu não respondi.

— Aconteceu alguma coisa, não foi?

— Olha, Yukiko, a verdade é que eu tenho gostado cada vez menos desse tipo de coisa — falei. — É só isso. Eu não quero ganhar dinheiro com ações. Quero trabalhar e ganhar dinheiro

com o meu próprio trabalho. Foi o que eu sempre fiz, e tem dado certo, não tem? Até hoje você não sofreu por falta de dinheiro, sofreu?

— Eu sei de tudo isso. Seus negócios vão muito bem, eu nunca reclamei de nada. Sou grata a você e te admiro, também. Mas uma coisa não tem a ver com a outra. Meu pai deu essa dica pra gente por boa vontade. Ele só quis ajudar.

— Eu sei. Mas de onde você acha que vêm essas informações confidenciais que ele consegue? O que acha que significa essa história de que as ações com certeza vão dar lucro?

— Sei lá.

— Isso é manipulação de ações — falei. — Sabe? As pessoas manipulam as ações dentro das empresas para garantir que vão ter um lucro artificialmente alto, e aí dividem o lucro com os amigos. Depois esse dinheiro acaba indo parar nas mãos de políticos, em esquemas de caixa dois... É diferente das ações que seu pai recomendou outras vezes. As outras eram títulos que *provavelmente* dariam lucro. Eram apenas dicas que ele tinha ficado sabendo. A maioria delas deu lucro, mas também teve uma ou outra que não deu. Este caso é diferente, e não me cheira bem. Prefiro não me envolver com isso.

Yukiko ficou pensativa por um momento, com o garfo na mão.

— Mas será que é mesmo um caso de manipulação de ações?

— Se você quiser mesmo saber, o único jeito é perguntar direto para o seu pai — falei. — Mas uma coisa eu posso dizer com certeza: não existem ações com zero risco de prejuízo. Se alguém garante que uma ação certamente vai dar lucro é porque ela vem de alguma negociação ilegal. O meu pai trabalhou em uma empresa de corretagem por quase quarenta anos, até se aposentar. Trabalhava duro, de manhã até a noite. E tudo o que ele deixou foi sua pequena casa própria. Ele não devia levar muito jeito pros negócios. Todas as noites eu via minha mãe de cenho franzido diante do caderno de contas da casa, quebrando a cabeça, dizendo que as contas não fechavam por cem, duzentos ienes. Entende? Foi nesse ambiente em que cresci. Aí você me diz que só conseguiu juntar oito milhões de ienes... Isso

é muito dinheiro, Yukiko. Não são notas de Banco Imobiliário. A maioria das pessoas não ganha oito milhões de ienes nem trabalhando um ano inteiro, sacudindo em trens lotados todos os dias, fazendo todas as horas extras que conseguem. Eu vivi assim por oito anos. E nunca ganhei oito milhões por ano, imagina. Mesmo depois de oito anos na empresa, uma quantia dessas era um sonho muito distante. Acho que você não compreende como é viver assim, compreende?

Yukiko não disse nada. Ficou olhando o prato na mesa, com os lábios apertados. Eu percebi que estava falando mais alto do que de costume e baixei a voz.

— Você diz que em quinze dias o dinheiro que investi vai ter dobrado, os oito milhões vão virar dezesseis. Fala como se não fosse nada de mais. Mas tem alguma coisa errada com essa percepção das coisas. E, pouco a pouco, sem perceber, eu estou sendo engolido por ela. Acho que sou cúmplice dela, também. E isso me faz sentir cada vez mais vazio.

Yukiko me encarou do outro lado da mesa. Eu me calei e voltei a comer. Sentia algo vibrar dentro de mim. Eu não sabia bem o que era, se era irritação ou raiva. O que quer que fosse, era um tremor que eu não conseguia conter.

— Desculpa. Eu não devia ter me metido nesse assunto — disse Yukiko, em voz baixa, depois de muito tempo.

— Tudo bem. Não estou te recriminando. Não estou culpando ninguém — falei.

— Vou ligar agora mesmo e vender tudo o que comprei, todas elas. Então não precisa ficar tão bravo.

— Eu não estou bravo.

Continuamos comendo em silêncio.

— Escuta, tem alguma coisa que você queira me falar? — disse Yukiko. E me olhou nos olhos. — Se você anda com algo na cabeça, não quer me contar, sinceramente? Não tem problema se for uma coisa difícil de dizer. Eu faço o que puder pra ajudar, é só você falar. Sei que não sou ninguém muito especial e não entendo muito das coisas do mundo, ou de administração, mas eu não quero que você fique infeliz. Não

quero te ver assim, sofrendo sozinho. Tem alguma coisa te incomodando na nossa vida hoje em dia?

Eu balancei a cabeça.

— Não tem nada me incomodando. Gosto do meu trabalho e sinto que ele vale a pena. Também gosto de você, é claro. É só que às vezes eu não consigo acompanhar a forma como seu pai faz as coisas. Não tenho nada contra ele. Reconheço a gentileza que ele fez hoje e sou grato por isso. Não estou bravo nem nada assim. É só que, às vezes, não sei bem quem eu sou. Não consigo ter certeza de que estou agindo certo. Então fico confuso. Mas não estou bravo.

— Bom, você parece zangado...

Soltei um suspiro.

— E suspira desse jeito toda hora — disse Yukiko. — Enfim, eu sinto que você anda irritado. E fica toda hora parado, pensando sozinho sobre alguma coisa.

— Não sei bem.

Yukiko não desviou os olhos do meu rosto.

— Você tem quebrado a cabeça com algum assunto — disse ela. — E eu não sei o que é. Queria poder ajudar de algum jeito.

Eu fui tomado por um impulso feroz de contar tudo para Yukiko. Como seria bom abrir o peito com ela e confessar tudo o que sentia... Aí não precisaria esconder mais nada. Não precisaria fingir nem mentir. “Olha, Yukiko, a verdade é que estou apaixonado por outra mulher e não consigo parar de pensar nela. Eu me segurei muitas vezes. Me segurei para proteger este mundo, onde vivem você e as meninas. Mas não consigo mais. Não vou mais conseguir me conter. Se ela reaparecer, pretendo dormir com ela de qualquer maneira. Não aguento mais. Às vezes penso nela quando transo com você. Até me masturbo pensando nela.”

Mas eu não disse nada. Confessar tudo isso para Yukiko naquele momento não ajudaria em nada. Só deixaria todos nós infelizes.

Depois de comer, voltei para o escritório e tentei retomar o trabalho. Mas já não conseguia me concentrar. Sentia-me muito mal por ter dado um sermão como aquele em Yukiko sem necessidade. Não achava que tinha falado algo errado, mas aquilo deveria ser dito por uma pessoa melhor do que eu. Eu estava mentindo para Yukiko, me encontrando com Shimamoto às escondidas. Não tinha o menor direito de falar essas coisas com ar de superioridade. Yukiko estava preocupada comigo, pensando em mim. Isso era claro e coerente com quem ela era. E eu, será que havia na minha vida algum tipo de coerência ou convicção? Pensando sobre essas questões, fui perdendo a vontade de fazer qualquer coisa.

Apoiei os pés na mesa e passei muito tempo olhando, distraído, a paisagem da janela, com um lápis na mão. Da janela do escritório dava para ver um parque. O dia estava bonito, então havia algumas mães com os filhos. As crianças brincavam na caixa de areia ou no escorregador e as mães conversavam, de olho nos filhos. Aquelas crianças me fizeram pensar em minhas filhas. Fiquei com saudade delas. Queria andar na rua carregando uma em cada braço, como costumava fazer. Sentir o calor dos seus corpos. Mas, enquanto pensava sobre minhas filhas, lembrei também de Shimamoto. De seus lábios entreabertos. Sua imagem era muito mais forte do que a das meninas. Quando eu começava a pensar nela, não conseguia pensar em mais nada.

Saí do escritório, caminhei pela avenida Aoyama, depois fui até o café onde costumava me encontrar com Shimamoto e pedi um café. Fiquei lá lendo e, quando cansava de ler, pensando sobre Shimamoto. Lembrei de trechos das nossas conversas naquele café. Lembrei dela tirando um Salem da bolsa e o acendendo com o isqueiro. Lembrei da maneira como ela afastava distraída a franja da testa ou inclinava um pouco a cabeça para o lado ao sorrir. Uma hora cansei de ficar ali sentado sozinho e decidi dar uma volta até Shibuya. Eu gostava de andar pela cidade, observar os prédios, as lojas, as várias atividades humanas. Gostava da simples sensação de me mover pelas ruas com

meus pés. Naquele dia, no entanto, tudo ao redor parecia deprimente e vazio. Os prédios pareciam prestes a ruir, as ruas não tinham cor, as pessoas aparentavam ter perdido toda a sensibilidade e abandonado seus sonhos.

Entrei no cinema mais vazio que encontrei e fiquei encarando a tela. Quando o filme acabou, saí para a rua, onde já anoitecia, entrei no primeiro restaurante que vi e comi qualquer coisa rápida. As ruas diante da estação transbordavam de funcionários de empresas voltando para casa. Como num filme acelerado, os trens se aproximavam e engoliam as pessoas da plataforma, um após o outro. “Foi justamente nessas ruas que eu vi Shimamoto aquela vez”, pensei. Aquilo foi há quase dez anos. Eu tinha vinte e oito anos e ainda era solteiro. E Shimamoto ainda mancava. Ela vestia um sobretudo vermelho e usava grandes óculos escuros. Caminhamos daqui até Aoyama. Isso parecia parte de um passado muito distante.

Fui relembrando, na ordem, todas as imagens que vi naquele dia. A multidão do fim de ano, o seu jeito de andar, cada esquina que dobramos, o céu nublado, a sacola de uma loja que ela carregava, as xícaras de café intocadas, as canções natalinas. Me arrependi, novamente, por não ter tomado coragem e falado com ela naquele dia. Eu era uma pessoa desimpedida, não tinha nada para abandonar. Poderia tê-la abraçado com força ali mesmo, nós dois poderíamos ter até seguido juntos para algum lugar. Quaisquer que fossem as circunstâncias em que ela se encontrava, no mínimo eu poderia me esforçar para tentar resolvê-las. Mas deixei escapar definitivamente essa oportunidade. Aquele homem de meia-idade peculiar me agarrou, e Shimamoto entrou em um táxi e desapareceu.

Peguei o trem lotado do fim da tarde e voltei para Aoyama. Enquanto eu estava no cinema o clima havia mudado, e agora nuvens densas e carregadas encobriam o céu. Poderia chover a qualquer momento. Eu não tinha um guarda-chuva e ainda estava com a mesma roupa com que saíra para ir à piscina de

manhã — um blusão impermeável, calça jeans e tênis. Normalmente, nesse horário eu voltaria para casa para vestir um terno. Mas eu não queria ir para casa. “Bom, tudo bem”, pensei. Não vai ser tão grave se, uma vez na vida, eu aparecer no bar sem gravata.

Às sete horas já estava começando a chover. Uma chuva discreta. Mas uma chuva de outono que parecia preparada para cair por muito tempo. Como sempre, passei primeiro no bar e observei o movimento por um tempo. Graças ao projeto minuciosamente elaborado e por eu ter acompanhado de perto toda a obra, o resultado da reforma havia ficado exatamente como eu queria, nos mínimos detalhes. O bar estava muito mais funcional e convidativo. A nova iluminação era mais suave e combinava com a música. Fiz uma pequena cozinha separada nos fundos, contratei um chef profissional e elaborei um cardápio simples porém refinado. Meu foco foram pratos simples, sem firulas, mas que um amador jamais conseguiria replicar. Também precisavam ser pratos fáceis de manusear e comer, pois sua função era apenas acompanhar as bebidas. E, todo mês, o cardápio inteiro mudava. Não foi fácil encontrar um chef que conseguisse cumprir todas essas exigências. Quando finalmente achei um, precisei pagar a ele um salário bastante alto. Muito mais alto do que eu esperava. Mas o trabalho dele valia cada centavo, e eu estava satisfeito com os resultados. Os clientes também pareciam contentes.

Depois das nove, peguei o guarda-chuva do bar e fui para o Robin's Nest. E, às nove e meia, Shimamoto apareceu. Estranhamente, ela sempre aparecia em noites de chuva silenciosa.

Shimamoto usava um vestido branco e um blazer azul-marinho largo. Na gola do blazer havia um pequeno broche de prata em forma de peixe. O vestido era muito simples, sem nenhum adorno, mas nela parecia um artigo luxuoso e elaborado. Achei que ela estava um pouco mais bronzeada do que da última vez em que eu a vira.

— Achei que você não vinha mais — falei.

— Você fala isso sempre que me vê — disse ela, rindo.

Estava sentada no banco ao meu lado, como sempre, com as duas mãos sobre o balcão.

— Eu não deixei um bilhete avisando que não poderia vir por algum tempo?

— Para quem espera, Shimamoto, é impossível calcular a duração de “algum tempo”.

— Mas há situações em que é preciso usar esse tipo de expressão. Situações em que é só isso que dá para dizer — disse ela.

— Também é impossível calcular o peso de “talvez”.

— Verdade — disse ela, e o sorriso de sempre surgiu no seu rosto. Foi como uma brisa soprando de algum lugar distante. — É, você tem razão. Desculpa. Não digo isso para me justificar, mas eu não pude evitar. Tive que usar essas palavras.

— Você não precisa se desculpar comigo. Eu já te disse, isso aqui é um estabelecimento comercial e você é uma cliente. Venha quando quiser, estou acostumado. Estou só pensando alto. Não liga pra isso.

Ela chamou o barman e pediu um coquetel. Depois me olhou de cima a baixo, como se me inspecionasse.

— Hoje você está bem à vontade, né?

— Estou com a mesma roupa desde que saí de manhã pra ir à piscina. Não tive nem tempo de me trocar — falei. — Mas acho

que é até bom fazer isso de vez em quando. Sinto que voltei a ser eu mesmo.

— Assim você fica com cara de jovem. Não parece ter trinta e sete anos.

— Você também não parece ter trinta e sete.

— Mas também não pareço ter doze.

— Não, não parece — falei.

O coquetel foi servido e ela tomou um gole. Depois fechou os olhos de leve, como quem tenta escutar um som bem baixinho. Sempre que ela fechava os olhos eu via as pequenas linhas em suas pálpebras.

— Sabe, eu pensei muito nos coquetéis daqui. Estava morrendo de vontade de beber um deles. Não encontro um coquetel assim em nenhum outro lugar.

— Você foi para muito longe?

— Por que você acha isso? — Shimamoto respondeu com outra pergunta.

— Não sei, tive essa impressão — falei. — Você está com cheiro de quem passou muito tempo em algum lugar distante.

Ela ergueu a cabeça e me olhou. Depois assentiu.

— Hajime, eu passei muito tempo... — começou ela, mas de repente se calou, como se tivesse se lembrado de algo. Fiquei vendo-a buscar as palavras dentro de si. Mas no fim acho que não as encontrou. Ela mordeu o lábio e sorriu mais uma vez. — Enfim, desculpa. Eu devia ter falado com você. É que algumas coisas eu queria manter intocadas. Queria preservá-las inteiras. Ou eu venho aqui, ou não venho. Quando venho, estou aqui. Quando não venho... estou em outro lugar.

— Não tem meio-termo?

— Não tem — disse ela. — Porque não existem coisas intermediárias.

— Onde não há coisas intermediárias não há meio-termo? — falei.

— É, onde não há coisas intermediárias não há meio-termo.

— Assim como onde não há cachorro não há casinha de cachorro.

— Isso. Onde não há cachorro não há casinha de cachorro — confirmou Shimamoto, e me olhou achando graça. — Você tem um senso de humor curioso!

O trio de jazz começou a tocar “Star-crossed Lovers”. Eu e Shimamoto passamos um tempo em silêncio, ouvindo a música.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro — respondi.

— Você tem alguma relação com essa música? — perguntou ela. — Tenho a impressão de que ela toca sempre que você está aqui. É uma regra da casa?

— Não, não é uma regra. É só gentileza dos músicos. Eles sabem que eu gosto dessa música, então, quando veem que estou aqui, tocam para eu ouvir.

— É uma bela composição.

Eu concordei.

— Sim, é linda. Mas não só isso. É bem complexa, também. Escutando várias vezes você vai percebendo. Não é qualquer um que consegue tocar — falei. — Chama “Star-crossed Lovers”, uma composição antiga de Duke Ellington e Billy Strayhorn. Acho que é de 1957.

— “Star-crossed Lovers” — repetiu Shimamoto. — O que quer dizer isso?

— É uma expressão em inglês para um casal que nasceu sob uma estrela ruim, um casal desafortunado. Nesta música, estão falando de Romeu e Julieta. Ellington e Strayhorn compuseram uma suíte para apresentar no Festival de Shakespeare de Ontário, e essa canção era parte dessas obras. Na apresentação original, o sax alto de Johnny Hodges fez o papel de Julieta, e o sax tenor de Paul Gonçalves, o papel de Romeu.

— Um casal que nasceu sob uma estrela ruim — disse Shimamoto. — Parece uma música feita pra gente, não parece?

— Somos um casal?

— Você acha que não?

Eu olhei para ela. Ela não estava mais sorrindo. Havia apenas um leve brilho em suas pupilas.

— Shimamoto, eu não sei nada sobre você agora — falei. — Sempre que vejo seus olhos, penso que não sei nada sobre você. No máximo, posso dizer que conheço a Shimamoto de doze anos. A Shimamoto que morava na minha rua e era da mesma classe que eu. Isso já faz mais de vinte anos. O twist estava na moda e tinha bondes andando nas ruas! Ainda não existia fita cassete, absorventes internos nem trem-bala. É um passado distante. Mas fora o que eu sabia naquela época, não sei quase nada sobre você.

— Isso está escrito nos meus olhos? Que você não sabe nada sobre mim?

— Não está escrito nos seus olhos — falei —, está escrito nos meus. Que eu não sei nada sobre você. Seus olhos apenas refletem isso. Não se preocupe.

— Escuta, Hajime — disse ela. — Eu me sinto muito mal por não poder te contar nada. Mas não tem jeito. Não tem o que eu possa fazer. Então não diga mais nada, por favor.

— Eu estou só pensando alto, já disse. Não liga pro que eu digo.

Ela levou a mão à gola do blazer e ficou um bom tempo acariciando o broche de peixe e escutando o trio de músicos, sem dizer nada. Quando pararam de tocar, ela aplaudiu e tomou um gole do seu coquetel. Então soltou um longo suspiro e se voltou para mim.

— Seis meses foi um período muito longo mesmo — disse ela.

— Mas agora, por algum tempo, talvez eu consiga vir.

— As palavras mágicas — falei.

— Palavras mágicas? — perguntou ela.

— “Talvez” e “por algum tempo”.

Shimamoto ficou me olhando, com um sorriso. Depois pegou um cigarro em sua pequena bolsa e o acendeu com o isqueiro.

— Quando olho pra você, às vezes me sinto olhando para uma estrela distante — falei. — É uma luz muito nítida, mas foi emitida há dezenas de milhares de anos. Pode ser o brilho de um corpo celeste que já nem existe mais. E mesmo assim às vezes é mais real do que qualquer outra coisa.

Shimamoto continuou em silêncio.

— Você está aí — falei. — Parece estar aí, mas pode ser que não esteja. Pode ser que isto seja apenas sua sombra. Que você de verdade esteja em outro lugar, ou já tenha desaparecido há muito tempo. Fica cada vez mais difícil, para mim, saber o que é real. Mesmo quando eu estendo a mão e tento tocar, você se esconde atrás de palavras como “talvez” e “algum tempo”. Até quando as coisas vão continuar assim?

— É possível que por certo tempo.

— Você tem um senso de humor curioso — falei. E sorri.

Shimamoto também sorriu. Um sorriso como quando, depois da chuva, as nuvens se partem em silêncio e os primeiros raios de sol caem sobre a terra. As linhas afetuosas se formaram no canto de seus olhos, me prometendo coisas incríveis.

— Hajime, tenho um presente pra você.

Dizendo isso, ela me entregou um presente embrulhado e com um laço de fita vermelha.

— Um disco? — comentei, avaliando o peso do pacote.

— É o LP do Nat King Cole. Aquele que a gente costumava ouvir juntos. Você lembra, né? Pode ficar com ele.

— Obrigado. Mas é uma recordação do seu pai, não é? Você não quer ficar com ele?

— Tudo bem, eu tenho todos os outros discos. Este eu quero dar para você.

Fiquei olhando o disco, ainda envolto pelo papel de embrulho e amarrado com a fita. Aos poucos, as vozes das pessoas ao redor e a música do trio foram se afastando, como uma maré que baixa. Restamos apenas eu e Shimamoto. Todo o resto não passava de uma ilusão, sem consistência nem necessidade. Um cenário de papel machê. As únicas coisas reais ali éramos nós dois.

— Shimamoto — falei. — Não quer ir comigo para algum lugar, ouvir este disco?

— Seria ótimo se a gente pudesse fazer isso — disse ela.

— Eu tenho uma casinha em Hakone. Está vazia e tem um toca-discos. Se formos de carro agora, chegamos em uma hora e

meia.

Shimamoto checkou o relógio. Depois me olhou.

— Você quer ir agora?

— Isso — falei.

Ela me olhou estreitando os olhos, como quem tenta enxergar algo distante.

— Já são mais de dez horas. Se a gente for até Hakone e voltar, vai ficar muito tarde. Você não se importa?

— Eu, não. E você?

Ela olhou mais uma vez o relógio. Depois cerrou os olhos por uns dez segundos. Quando os abriu novamente, seu rosto tinha um novo tipo de expressão. Parecia que, enquanto estivera de olhos fechados, ela tinha ido a algum lugar distante e lá abandonado alguma coisa.

— Tá bom. Vamos lá — disse ela.

Chamei o funcionário do bar que trabalhava como gerente, disse que sairia mais cedo e pedi que ele fechasse a casa. Ele só precisava fechar o caixa, organizar os recibos e depositar em um banco noturno o dinheiro recebido naquele dia. Fui a pé até a garagem do meu prédio e peguei a BMW. Depois parei em um telefone público, liguei para minha esposa e disse que estava indo para Hakone.

— Agora?! — exclamou ela. — O que você vai fazer em Hakone a uma hora dessas?

— Quero pensar um pouco — respondi.

— Então você não volta mais pra casa hoje, é isso?

— Acho que não.

— Escuta — disse ela. — Desculpa pelo que aconteceu hoje. Eu pensei bastante e acho que eu estava errada. Você tem razão. Eu já vendi todas as ações como você pediu. Então vem logo pra casa.

— Eu não estou bravo com você, Yukiko. Nem um pouco. Não se preocupe com a conversa de hoje. É só que eu preciso pensar sobre várias coisas. Me deixa pensar, só por uma noite.

Minha esposa passou algum tempo calada.

— Entendi — disse ela. Sua voz soava exausta. — Tudo bem, vai pra Hakone. Só toma cuidado na estrada a essa hora. Na chuva, ainda por cima.

— Vou tomar.

— Tem várias coisas que eu não entendo, sabe? — disse ela.
— Eu estou te atrapalhando?

— Não, imagina — falei. — Não tem nada errado com você, você não tem culpa nenhuma. Se tiver algo errado, é comigo. Então não se preocupa mais com isso. Eu só quero pensar.

Desliguei o telefone e voltei de carro até o bar. Yukiko devia ter passado o dia todo refletindo sobre a conversa que tivemos na hora do almoço. Pensando sobre tudo o que eu dissera e tudo o que ela dissera. Dava para ver pela sua voz, que soava cansada e desorientada. Essa ideia me entristeceu. A chuva continuava forte. Levei Shimamoto até o carro.

— Você não precisa ligar pra ninguém? — perguntei a ela.

Ela balançou a cabeça, em silêncio. E ficou olhando pela janela, com a cara grudada ao vidro, como quando voltamos do aeroporto de Haneda.

As estradas estavam vazias até Hakone. Em Atsugi, saí da estrada Tomei e segui pela Odawara-Atsugi até Odawara. O velocímetro oscilava entre cento e trinta e cento e quarenta quilômetros por hora. De vez em quando a chuva apertava, mas eu já dirigira muitas vezes por aquela estrada. Conhecia cada curva e cada ladeira. Depois de entrar na rodovia, eu e Shimamoto praticamente não conversamos. Eu escutava, baixinho, um quarteto de Mozart no toca-fitas e me concentrava na direção. Ela parecia perdida em pensamentos, olhando pela janela. Às vezes, se voltava em minha direção e encarava meu perfil. Minha boca secava quando ela me olhava assim. Eu precisava engolir em seco várias vezes para me acalmar.

— Hajime — disse ela. Estávamos passando por Kouzu. — Fora dos seus bares você não costuma ouvir jazz?

— É, não ouço muito. Geralmente escuto música clássica.

— Por quê?

— Acho que o jazz acabou se tornando parte do meu trabalho. Quando estou fora do bar, quero ouvir outra coisa. Também ouço rock às vezes, além de música clássica. Mas é raro eu ouvir jazz.

— E sua esposa ouve o quê?

— Ela não costuma ouvir música por iniciativa própria... Se eu estiver ouvindo algo ela me acompanha, mas não costuma colocar nada para tocar. Talvez ela nem saiba usar o toca-discos.

Shimamoto pegou umas fitas-cassete na caixa onde eu as guardava e examinou suas capas. Algumas eram de músicas infantis, que eu ouvia com minhas filhas. Tinham canções como “O policial Au-au” e “Tulipa”. Shimamoto passou um tempo olhando, intrigada, uma dessas fitas com uma ilustração do Snoopy.

Depois disso, virou para olhar meu perfil.

— Hajime — disse ela, um pouco depois. — Quando olho você assim, dirigindo, às vezes eu tenho vontade de esticar o braço e virar o volante com força. Se eu fizesse isso acho que a gente morreria, né?

— Com certeza. Estamos a cento e trinta quilômetros por hora.

— Você acharia ruim morrer aqui comigo?

— Não é o melhor jeito de morrer — respondi, rindo. — A gente ainda nem ouviu o disco. Não foi pra isso que a gente veio?

— Não se preocupa, não vou fazer isso — disse ela. — Eu só penso esse tipo de coisa, às vezes.

Ainda era começo de outubro, mas em Hakone a noite estava gelada. Entramos em casa, eu acendi a luz e o aquecedor a gás da sala. Depois peguei no armário uma garrafa de brandy e dois copos. O cômodo logo se aqueceu, e então colocamos o disco de Nat King Cole na vitrola e nos sentamos lado a lado no sofá, como antigamente. Os copos de brandy refletiam a luz avermelhada do aquecedor. Shimamoto sentou sobre os dois pés no assento do sofá. Apoiou uma das mãos no joelho e a outra no encosto do sofá, como costumava fazer. Naquele tempo, acho

que ela fazia isso porque não queria que vissem sua perna. E esse hábito permanecia, mesmo depois da cirurgia. Nat King Cole cantava “South of the Border”. Fazia realmente muito tempo que eu não ouvia essa música.

— Pra falar a verdade, sempre que eu ouvia essa música quando era criança, ficava intrigado, pensando o que é que tinha ao sul da fronteira — falei.

— Eu também — disse Shimamoto. — Depois de adulta li a letra em inglês e fiquei muito desapontada. Era só uma música sobre o México! Eu imaginava que tinha uma coisa mais incrível ao sul da fronteira.

— Que tipo de coisa?

Shimamoto juntou o cabelo atrás da cabeça.

— Não sei bem. Alguma coisa bonita, grande, macia.

— Uma coisa bonita, grande, macia — repeti. — É de comer?

Shimamoto riu. Vi por um instante seus dentes brancos.

— Talvez não.

— E será que dá pra tocar?

— Talvez dê.

— Estou achando que tem muito talvez nessa história — falei.

— É uma terra cheia de “talvez” — disse ela.

Estendi a mão e toquei seus dedos sobre o encosto do sofá. Fazia muito tempo que eu não tocava em Shimamoto. Desde o avião do aeroporto de Komatsu para Haneda. Quando toquei seus dedos, ela ergueu um pouco a cabeça e me olhou. Depois baixou os olhos novamente.

— Sul da fronteira, oeste do sol — disse ela.

— Que é isso, “oeste do sol”?

— Tem esse lugar — disse ela. — Já ouviu falar em uma doença chamada histeria siberiana?

— Não, nunca ouvi.

— Li sobre isso em algum lugar, faz tempo. Acho que eu devia ter uns catorze anos. Não consigo lembrar sobre o que era o livro... Enfim, é uma doença que dá em camponeses que moram na Sibéria. Imagina só. Você é um camponês, vivendo sozinho numa planície da Sibéria. Todo dia, você trabalha no campo. Até

onde sua vista alcança, não tem nada ao redor. Ao norte tem a linha do horizonte norte, ao leste, a linha do horizonte leste, ao sul, a linha do horizonte sul e a oeste, a linha do horizonte oeste. Só isso, mais nada. Todo dia, quando o sol se levanta no horizonte leste você vai para o campo trabalhar. Quando ele está sobre a sua cabeça você interrompe o trabalho e almoça. Quando ele desaparece no horizonte oeste, você volta para casa e dorme.

— Pelo jeito é uma vida muito diferente da de um dono de bares em Aoyama.

— Pois é... — Ela sorriu. Depois inclinou a cabeça para o lado levemente. — Bem diferente mesmo. E segue assim, todos os dias, por anos e anos.

— Mas na Sibéria não dá pra trabalhar durante o inverno.

— No inverno você para, é claro — disse ela. — No inverno você faz o que dá pra fazer dentro de casa. E aí, quando chega a primavera, sai de casa e volta a cultivar a terra. Imagina que você seja esse agricultor.

— Estou imaginando.

— Aí, um dia, alguma coisa morre dentro de você.

— Morre? Que coisa?

Ela balançou a cabeça.

— Não sei. Alguma coisa. Você fica lá, entra dia e sai dia, vendo o sol surgir ao leste, atravessar o céu, desaparecer no oeste... até que, de repente, alguma coisa arrebenta e morre dentro de você, *puff*. E aí você larga o arado no chão e sai andando rumo a oeste, sem pensar em nada. Vai em direção a oeste do sol. E continua andando, sem parar, sem comer nem beber, como se estivesse enfeitiçado, até cair morto no chão. Isso é a histeria siberiana.

Imaginei a cena. Um camponês da Sibéria prostrado no solo, morrendo.

— O que é que tem a oeste do sol? — perguntei.

Ela balançou a cabeça novamente.

— Eu não sei. Talvez não tenha nada. Talvez tenha alguma coisa. De qualquer jeito, é diferente do sul da fronteira.

Quando Nat King Cole começou a cantar “Pretend”, Shimamoto o acompanhou baixinho, como ela costumava fazer.

Pretend you're happy when you're blue
It isn't very hard to do...

— Shimamoto — falei. — Desde que você foi embora eu pensei em você o tempo inteiro. Por quase meio ano. Durante seis meses, pensei em você todos os dias, de manhã até de noite. Eu quis parar de pensar. Mas não conseguia, de jeito nenhum. E, no fim, o que eu concluí foi: eu não quero que você vá embora de novo. Sem você eu não consigo seguir em frente. Não quero mais te perder de vista. Nunca mais quero ouvir esse “por algum tempo”. Também odeio o “talvez”. Você disse que talvez não pudesse mais me ver por algum tempo, e desapareceu. Só que eu não tinha como saber se você ia mesmo voltar algum dia. Não tinha garantia nenhuma. Você poderia nunca mais voltar. Eu poderia viver o resto dos meus dias sem nunca mais te ver. Esse pensamento era insuportável. Tudo ao meu redor perdeu o sentido.

Shimamoto ficou me olhando, sem dizer nada. O mesmo sorriso discreto continuava no seu rosto. Era um sorriso sereno, imperturbável. Eu não conseguia identificar nele nenhum tipo de sentimento. Seu sorriso não me contava nada sobre o que deveria existir do lado de lá. Olhando para ele, por um instante achei que ia perder de vista até os meus próprios sentimentos. Fiquei sem saber onde eu estava e para onde ia. Ainda assim, escolhi sem pressa as palavras que queria falar, usando todo o tempo necessário.

— Eu te amo. Não tenho dúvida disso. O que sinto por você não se compara a mais nada — falei. — É algo especial que não posso perder novamente. Eu já te perdi muitas vezes até hoje. Não devia ter feito isso. Foi um erro. Eu nunca devia ter te deixado escapar. Isso ficou muito claro pra mim durante esses meses. Eu te amo de verdade, e não suporto viver sem você. Não quero mais que você vá embora.

Quando terminei de falar ela não disse nada e fechou os olhos por um tempo. O fogo do aquecedor ardia, Nat King Cole continuava a cantar suas velhas canções. Eu gostaria de acrescentar alguma coisa, mas não tinha mais nada para dizer.

— Hajime, escuta o que eu vou te dizer — disse ela, depois de muito tempo. — É uma coisa muito importante, então presta atenção. Como já te falei, para mim não existe meio-termo. Dentro de mim não existe nada intermediário, e onde não há coisas intermediárias também não há meio-termo. Então, ou você me leva por inteiro, ou não leva nada. Um dos dois. Esse é o princípio fundamental. Se você não se importar de continuar na situação em que estamos agora, podemos continuar, eu acho. Não sei dizer até quando, mas eu farei o que estiver ao meu alcance para continuar assim. Quando eu puder vir te ver, eu venho. Tenho me esforçado à minha maneira para isso, sabe? Mas, quando não puder vir, eu não venho. Não dá para eu vir sempre que eu quiser. Isso está muito claro. Só que, se você não gostar dessa ideia, se não quiser que eu vá embora de novo, aí você precisa me levar por inteiro. Toda, dos pés à cabeça. Com tudo o que eu arrasto comigo, tudo o que carrego. E então talvez eu te leve por inteiro, também. Você entende? Entende o que isso significa?

— Entendo muito bem — falei.

— E mesmo assim você quer estar comigo?

— Eu já me decidi, Shimamoto — falei. — Pensei sobre tudo isso muitas e muitas vezes, enquanto você não estava. E já tomei minha decisão.

— Mas e sua esposa, suas filhas, Hajime? Você ama as três, não ama? Elas são muito importantes pra você.

— Sim, eu as amo. São muito importantes pra mim, você tem razão. Mas eu sei... Sei que isso não é suficiente. Tenho minha família, meu trabalho. Não tenho nada a reclamar sobre os dois, até hoje as coisas vinham funcionando bastante bem. Acho que posso dizer que eu era feliz. Mas isso não basta. Eu sei que não. Desde que comecei a te encontrar, há quase um ano, isso ficou claro pra mim. O problema de verdade, Shimamoto, é que falta

alguma coisa em mim. Na minha pessoa, na minha vida, tem um buraco, uma parte faltando. Algo que eu perdi. Uma ausência que está sempre faminta, sedenta. Nem minha esposa nem minhas filhas conseguem preencher esse vazio. A única pessoa no mundo capaz disso é você. Quando estou com você, sinto essa falta sendo saciada. E foi só assim que eu percebi quanta fome e sede eu senti até hoje. Agora não consigo mais voltar para aquele mundo.

Shimamoto passou os braços ao meu redor e apoiou a cabeça no meu ombro. Senti o calor do seu corpo macio contra o meu.

— Eu também te amo, Hajime. Nunca amei mais ninguém na vida fora você. Acho que você nem compreenderia o quanto eu te amo. Te amei sem parar, desde os doze anos. Sempre pensei em você enquanto estava nos braços de outras pessoas. Justamente por isso eu não queria te reencontrar. Eu sentia que, se te visse uma vez, não conseguiria mais voltar atrás. Mas eu não pude evitar. Eu realmente pretendia só te ver de longe e ir embora. Mas, quando fiz isso, não aguentei e tive que falar com você — Shimamoto falava com a cabeça pousada no meu ombro. — Desde os doze anos eu pensava como seria bom ser abraçada por você. Você não sabia, não é?

— Não — falei.

— Desde os doze anos eu queria tirar a roupa e te abraçar. Imagino que você não fazia ideia disso também.

Eu a abracei e beijei. Ela fechou os olhos e ficou imóvel nos meus braços. Minha língua se enroscou na sua, senti seu coração batendo sob os seios. Batidas agitadas e quentes. Fechei os olhos e pensei no vermelho do seu sangue. Toquei seu cabelo macio, senti seu perfume. Suas mãos iam e vinham pelas minhas costas como se buscassem algo. O disco acabou, o prato parou de rodar e o braço da agulha voltou para a posição inicial. Mais uma vez, apenas o som da chuva nos envolvia. Pouco depois, Shimamoto abriu os olhos e me fitou.

— Hajime — sussurrou ela. — Você tem certeza? Você quer mesmo me levar por inteiro? Tem certeza de que quer abandonar tudo por mim?

Eu concordei com a cabeça.

— Tenho certeza. Já tomei minha decisão.

— Se você não tivesse me encontrado, talvez estivesse vivendo tranquilamente como sempre viveu, sem nenhuma queixa ou questionamento. Você não acha?

— Pode ser que sim. Mas a realidade é que eu te encontrei. Não dá mais para voltar atrás — falei. — Como você falou outro dia, tem coisas que não voltam mais atrás. Que só seguem adiante. Vamos juntos até onde a gente puder, Shimamoto, onde quer que seja. Vamos recomeçar juntos.

— Hajime — disse Shimamoto. — Você pode tirar a roupa pra eu ver seu corpo?

— Tirar a roupa?

— É. Primeiro você tira toda a roupa. E eu vou olhar o seu corpo nu. Você acha ruim?

— Não, tudo bem. Se é o que você quer — falei.

Me despi diante do aquecedor. Tirei a jaqueta de náilon, a camisa polo, a calça jeans, as meias, a camiseta, a cueca. Quando fiquei nu, Shimamoto me fez ajoelhar no chão. Meu pênis ereto e rígido me deixou constrangido. Ela ficou olhando meu corpo, um pouco afastada. Não havia despido nem o blazer.

— Acho meio esquisito só eu ficar pelado desse jeito — falei, rindo.

— Você é lindo, Hajime — disse ela. Ela se aproximou de mim, envolveu meu pênis delicadamente com os dedos e beijou minha boca. Depois, tocou meu peito. Dedicou muito tempo a lamber meus mamilos, tocar meus pelos pubianos. Encostou a orelha no meu umbigo, colocou meus testículos na boca. Beijou todo o meu corpo. Até a sola dos meus pés. Era como se ela estivesse acariciando o próprio tempo. Como se fosse o tempo aquilo que ela tocava, sugava, lambia.

— Você não vai tirar a roupa? — perguntei.

— Depois — disse ela. — Quero ficar mais um pouco assim, vendo seu corpo, te acariciando, beijando, o quanto eu quiser. Se eu tirar a roupa você vai querer tocar em mim, não vai? Mesmo

se eu disser que ainda não é hora, não acho que você vai aguentar...

— Acho que não.

— Não quero que isso aconteça. Não quero ter pressa. Já demorou tanto pra gente chegar até aqui. Primeiro eu quero ver todo o seu corpo com estes olhos, tocá-lo inteiro com estas mãos, lambê-lo inteiro com esta língua. Quero me certificar de que é tudo real. Não vou conseguir continuar se não fizer isso antes. Se eu fizer alguma coisa esquisita, não liga, tá, Hajime? Eu estou fazendo assim porque eu preciso. Então não fala nada.

— Eu não me incomodo. Pode fazer o que você quiser, o quanto quiser. Só é um pouco esquisito ser observado assim, tão intensamente.

— Bom, você não é meu?

— Sou.

— Então não precisa ficar com vergonha.

— É verdade — falei. — Acho que eu ainda não estou acostumado, só isso.

— Tenha só mais um pouco de paciência. Faz muito tempo que eu sonho em fazer isso — disse Shimamoto.

— Você sonha em olhar meu corpo deste jeito? Ficar de roupa me olhando e tocando assim, nu?

— É — respondeu Shimamoto. — Eu sempre imaginei o seu corpo. Ficava pensando como ele era. Como será que era seu pinto, quão grande e duro ficaria...

— Por que você pensava nessas coisas?

— Por quê? — disse ela. — Por que você pergunta isso? Eu não disse que te amo? Qual o problema de imaginar o homem que eu gosto nu? Você nunca pensou em mim nua?

— Acho que sim.

— Nunca se masturbou imaginando meu corpo nu?

— Acho que sim. Quando era adolescente — falei. Em seguida me corrigi. — Quer dizer, não só na adolescência. Fiz isso outro dia.

— Eu fazia a mesma coisa. Imaginando você nu. As mulheres também fazem essas coisas, sabia? — disse ela.

Eu a abracei novamente e a beijei devagar. Sua língua se esgueirou para dentro da minha boca.

— Te amo, Shimamoto.

— Te amo, Hajime — disse Shimamoto. — Eu nunca ameie ninguém além de você. Posso ficar te olhando mais um pouco?

— Pode — falei.

Ela envolveu meu pênis e meus testículos delicadamente com as mãos.

— Que maravilha — disse ela. — Eu podia comer tudinho.

— Se você comesse seria meio chato — falei.

— Mas eu queria — disse ela. Ficou com meus testículos apoiados na palma da mão por muito tempo, como se quisesse verificar seu peso, e chupou meu pênis devagar, cuidadosamente. Depois ergueu os olhos para o meu rosto. — Da primeira vez, posso fazer do jeito que eu quiser?

— Pode. Faz tudo o que você quiser — falei. — Desde que você não coma de verdade, fique à vontade.

— Vai ser um pouco estranho, não liga, tá? Não fala nada.

— Não vou falar.

Eu ainda estava ajoelhado no chão. Ela envolveu minha cintura com o braço esquerdo e, com a outra mão, tirou a meia-calça e a calcinha, sem tirar o vestido. Segurou meu pênis e meus testículos com a mão direita e correu a língua sobre eles. Depois colocou a mão por baixo do próprio vestido. E, enquanto me chupava, foi movendo devagar essa mão.

Eu não falei nada. Cada um tem seu jeito de fazer as coisas. Fiquei vendo seus lábios, sua língua, e os movimentos lentos de sua mão sob a saia. E então lembrei, de repente, de Shimamoto rígida e pálida dentro do carro, no estacionamento daquele boliche. Eu lembrava com muita nitidez do que vira nos seus olhos naquele dia. Um espaço negro e congelado, como uma geleira nas profundezas da terra, com um silêncio profundo que tragava qualquer ruído. Esse silêncio e nada mais. O ar congelado não ecoava som algum.

Essa foi a primeira vez que eu vi a morte. Nunca passara pela experiência de perder alguém próximo de mim. Também nunca

assistira, pessoalmente, à morte de alguém. Até então eu não conseguia imaginar, concretamente, como era a morte. Mas, naquele dia, ela se mostrou por inteiro diante dos meus olhos. Aquilo se desenrolava a poucos centímetros do meu rosto. É esta a imagem da morte, pensei. Uma hora você também virá para o lado de cá, diziam eles. Cedo ou tarde todas as pessoas cairão nestes primórdios da escuridão, no silêncio sem ressonâncias, eternamente sós. Senti um pavor sufocante diante daquele mundo. Aquele poço escuro não tinha fundo.

Chamei seu nome para dentro dessa escuridão congelada. Chamei várias vezes, gritando, *Shimamoto!*, mas minha voz era tragada pelo nada. Por mais que eu chamasse, tudo permanecia imóvel no interior de seus olhos. Ela continuava a respirar com aquele barulho estranho, como um vento sibilante. Esse ritmo regular me dizia que ela ainda estava no mundo do lado de cá. Mas dentro dos seus olhos já se via o outro mundo, onde tudo estava extinto.

Enquanto eu chamava o nome de Shimamoto, olhando no fundo de seus olhos, senti que meu corpo estava sendo arrastado para lá. Aquele mundo atraía meu corpo para si como o vácuo suga o ar ao seu redor. Eu ainda lembrava dessa força palpável. Eles queriam me levar também.

Fechei os olhos com força e expulsei da cabeça essas memórias.

Estendi a mão e afaguei o cabelo de Shimamoto. Toquei sua orelha, pousei a mão sobre sua testa. Seu corpo estava quente e macio. Ela continuava chupando meu pênis, como se quisesse sugar a vida em si. Sua mão acariciava seu sexo, sob a saia, como se quisesse transmitir alguma mensagem. Pouco depois, eu gozei dentro de sua boca e ela parou de mover a mão e fechou os olhos. Sugou até a última gota do meu sêmen.

— Desculpa — disse ela.

— Você não tem por que se desculpar.

— Eu queria fazer assim, da primeira vez — disse ela. — Fico com vergonha, mas não ia me acalmar enquanto não fizesse isso. Era como um ritual pra nós dois. Entende?

Eu a abracei e encostei meu rosto no seu. O calor de sua pele era inquestionável. Ergui seu cabelo e beijei sua orelha. E então olhei dentro de seus olhos. Pude ver o reflexo do meu rosto. E, no fundo deles, a mesma fonte de água profunda de sempre, onde brilhava uma pequena luz. Parecia a chama da vida. Um dia talvez ela se apagasse, mas por enquanto estava lá, não havia dúvida. Ela sorriu para mim. Ao sorrir as linhas de sempre se formaram no canto de seus olhos. Eu as beijei.

— Agora você tira a minha roupa? E, dessa vez, faz do jeito que você quiser. Eu fiz do jeito que eu queria, agora você pode fazer o que tiver vontade.

— O que eu quero é bem normal, pode ser? Talvez me falte imaginação... — falei.

— Tudo bem — disse Shimamoto. — Eu gosto do normal, também.

Tirei seu vestido e sua roupa de baixo. Então a deitei no chão e beijei todo o seu corpo. Olhei todo ele, dos pés à cabeça, toquei-o com as mãos e com a boca. Conferi e guardei na memória cada parte dele. Dediquei muito tempo a isso, sem pressa. Nós havíamos demorado tantos anos para chegar até ali. Assim como ela, eu não queria correr. Aguentei o máximo que pude e, quando não pude mais me segurar, a penetrei devagar.



Já estava perto da alvorada quando nós adormecemos. Transamos muitas vezes ali, no chão. Com ternura, depois intensamente. Uma das vezes, quando eu estava dentro dela, Shimamoto começou a chorar violentamente, como se o fio de seus sentimentos tivesse se rompido. Bateu com força contra meus ombros e minhas costas. Eu a abracei com força. Parecia que, se não o fizesse, ela iria se desfazer em pedaços. Fiquei afagando suas costas como se tentasse apaziguar alguma coisa. Beije seu pescoço e corri os dedos pelos seus cabelos. Ela já não era mais a Shimamoto tranquila e cheia de autocontrole. Era como se algo, que estivera congelado no fundo de seu coração durante muitos anos, estivesse começando a degelar e despontar na superfície. Eu podia sentir a respiração e os primeiros movimentos dessa coisa. Abracei-a com força, recebendo o seu tremor no meu corpo. Daquela maneira, ela se tornava minha, pouco a pouco. Eu não podia mais me afastar dali.

— Eu quero saber mais sobre você — falei para ela. — Quero saber tudo. Como foi sua vida até hoje, onde você mora. Se você é casada ou não. Quero saber tudo o que há para saber. Acho que não vou suportar se você guardar qualquer segredo de mim.

— Amanhã, tá bom? — disse ela. — Amanhã eu te conto tudo. Então, até lá, não me pergunta mais nada. Hoje quero que você continue assim, sem saber de nada. Se eu te contar tudo agora, não vai ter mais volta.

— De qualquer jeito não tem mais volta, Shimamoto. Além disso, pode ser que amanhã nem chegue. E, se não chegar, nunca vou saber o que você guarda no peito — falei.

— Como seria bom se amanhã não chegasse — disse ela. — Aí você poderia continuar sem saber de nada.

Tentei falar e ela me impediu com um beijo.

— Bem que um urubu careca podia comer o amanhã — disse Shimamoto. — Será que são os carecas que comem o amanhã?

— São, sim, acertou. Além de comer a arte, os urubus carecas também comem o amanhã.

— E os urubus comuns comem o quê, mesmo?

— Cadáveres de pessoas desconhecidas — falei. — São totalmente diferentes.

— Que comem a arte e o amanhã.

— Isso.

— Uma combinação excelente.

— De sobremesa, comem os catálogos da Editora Iwanami Shinsho.

Shimamoto riu.

— Então amanhã, tá bom? — disse ela.

O amanhã chegou, é claro. Mas, quando acordei, estava sozinho. Não chovia mais e a luz clara da manhã entrava pela janela do quarto. Olhei o relógio, passava um pouco das nove. Shimamoto não estava na cama. O travesseiro ao meu lado estava levemente afundado, como se ela tivesse apoiado a cabeça ali. Ela não estava por perto. Saí da cama e a busquei na sala. Procurei na cozinha, espiei o quarto das crianças e o banheiro. Mas não a encontrei. Suas roupas também haviam desaparecido, e os sapatos não estavam na entrada da casa. Respirei fundo e tentei me trazer de volta à realidade, mas havia algo estranho e desconhecido naquela realidade. Era diferente da que eu esperava. Era uma realidade que não podia existir.

Eu me vesti e saí de casa. A BMW estava estacionada no mesmo lugar onde eu a deixara no dia anterior. Shimamoto poderia ter acordado cedo e saído para caminhar. Andei pelos arredores procurando-a. Entrei no carro e rodei pelas ruas próximas. Peguei a via principal e fui até Miyanoshita. Mas Shimamoto não estava em lugar nenhum. Voltei para casa e ela não estava lá, também. Revirei toda a casa, pensando que talvez tivesse deixado algum bilhete, mas não encontrei nada. Não havia nenhum vestígio de que ela estivera ali.

Sem Shimamoto, a casa estava deserta e sufocante. Parecia haver partículas suspensas no ar, que se enganchavam na minha garganta quando eu respirava. Então me lembrei do disco. O velho LP de Nat King Cole que ela tinha me dado de presente na noite anterior. Mas, por mais que eu procurasse, não o encontrei. Ela o levara consigo.

Shimamoto tinha desaparecido novamente. Desta vez, sem *talvez* nem *algum tempo*.



Voltei para Tóquio às quatro da tarde daquele dia. Continuei na casa em Hakone esperando até o começo da tarde, pensando que Shimamoto poderia voltar. Era difícil ficar parado, então me ocupei limpando a cozinha, organizando as roupas nos armários. O silêncio era denso. O canto dos pássaros e o som do escapamento de carros, que eu ouvia vez ou outra, soavam desarmônicos e forçados. Todos os sons ao redor pareciam ter sido deformados, esmagados à força. Em meio a eles, eu esperava algo acontecer. Algo tinha que acontecer. As coisas não podiam terminar assim.

Mas nada aconteceu. Shimamoto não era o tipo de pessoa que decide alguma coisa e depois, com o passar do tempo, muda de ideia. Pensei que eu precisava voltar para Tóquio. Se por acaso ela tentasse falar comigo — apesar de eu saber que isso era quase impossível — provavelmente telefonaria para o clube. De qualquer maneira, não fazia sentido continuar ali.

Enquanto dirigia, tive que me forçar a prestar atenção na rua à minha frente, várias vezes. Errei saídas, errei de faixa, quase ultrapassei o sinal de trânsito várias vezes. Cheguei ao estacionamento do clube e liguei para casa de um telefone público. Conteí a Yukiko que havia voltado e que iria direto para o trabalho. Ela não fez nenhum comentário a respeito.

— Fiquei a noite toda preocupada, você foi tão tarde... Não podia pelo menos ter telefonado? — disse, com a voz dura e seca.

— Tá tudo bem. Não precisa se preocupar — falei. Não consegui imaginar como minha voz soava aos seus ouvidos. — Não tenho muito tempo, então já vou para o escritório dar uma organizada nos livros contábeis, e depois para o bar.

Fui para o escritório, sentei diante da mesa e passei o tempo ali até a noite, sozinho, sem fazer nada. Fiquei pensando sobre

os acontecimentos da noite anterior. Provavelmente, depois que eu dormi Shimamoto nem sequer fechou os olhos, e saiu de casa quando o dia clareou. Eu não conseguia imaginar como ela tinha ido embora. A casa fica bem longe da estrada principal e, mesmo que ela caminhasse até lá, àquela hora seria quase impossível conseguir um ônibus ou táxi. Para completar, ela estava de salto.

Por que ela precisava desaparecer daquele jeito? Foi essa a pergunta que me fiz durante todo o caminho de volta de Hakone. Eu disse que ficaria com ela, ela disse que ficaria comigo. Fizemos amor sem reservas. E apesar disso ela me deixou para trás, sem dar nenhuma explicação. Levou consigo até o disco que tinha dito que era um presente para mim. Tentei decifrar o significado de suas ações. Precisava haver algum sentido e uma razão para elas. Shimamoto não agia por qualquer impulso que lhe desse na telha. Mas eu não estava em condições de pensar de forma lógica. Era como se todas as linhas de pensamento tivessem perdido o rumo na minha cabeça. Se eu tentava me forçar a pensar em algo, sentia pontadas surdas na cabeça. Ali me dei conta de que estava exausto. Sentei no chão, recostei o corpo na parede e fechei os olhos. Uma vez fechados, não consegui mais abri-los. Tudo o que tinha me restado eram recordações. Abandonar qualquer raciocínio e repassar minhas memórias, de novo e de novo, como uma fita contínua. Lembrei-me do corpo de Shimamoto. De olhos fechados, fui revendo seu corpo nu deitado diante do aquecedor, cada um de seus detalhes. Seu pescoço, seus seios, sua cintura, seus pelos, seu sexo, suas costas, seus quadris, suas pernas. Essas imagens eram nítidas e extremamente próximas. Por vezes, muito mais nítidas e próximas do que a própria realidade.

Em dado momento não suportei mais ficar naquele cômodo apertado, cercado por ilusões tão vívidas. Saí do prédio onde ficava o escritório e caminhei a esmo pelas redondezas. Depois fui para o bar e fiz a barba no banheiro. Percebi que não havia sequer lavado o rosto desde que acordara. Também estava com a mesma jaqueta do dia anterior. Os funcionários não disseram nada, só me lançaram olhares confusos. Mas eu não queria

voltar para casa. Se voltasse agora e encontrasse Yukiko, eu acabaria confessando tudo. Que estava apaixonado por Shimamoto e que passara a noite com ela, disposto a abandonar minha casa, minhas filhas, meu trabalho.

Pensei que talvez eu devesse, mesmo, contar tudo a ela. Mas eu não era capaz. Não tinha forças para avaliar o que era certo ou não. Então, não voltei para casa. Fui para o clube e fiquei esperando Shimamoto aparecer. Sabia muito bem que ela não apareceria, mas eu precisava esperar. Depois de ver que ela não estava no bar, sentei no balcão do Robin's Nest e esperei em vão, até o clube fechar. Conversei com alguns clientes antigos, como sempre, mas quase não escutava o que eles diziam. Enquanto reagia às suas histórias com pequenos comentários e exclamações, pensava no corpo de Shimamoto. Lembrando como sua vagina me recebera tão delicadamente. Como ela chamara meu nome. Cada vez que o telefone tocava, meu coração disparava.

Depois que o clube fechou e todos foram embora, eu continuei diante do balcão, bebendo. Por mais que bebesse, não me embriagava. Pelo contrário, minha mente parecia cada vez mais desperta. “Não tem jeito, mesmo”, pensei. Quando voltei para casa, já eram duas horas da manhã, mas Yukiko estava acordada, me esperando. Sentei à mesa da cozinha para beber um uísque, pois não conseguiria dormir, e ela pegou um copo e se serviu também.

— Coloca uma música — disse ela.

Coloquei no aparelho a primeira fita cassete que alcancei e abaixei o volume para não acordar as meninas. Por algum tempo ficamos bebendo, cada um do seu copo, sentados frente a frente na mesa, sem dizer nada.

— Tem outra mulher na sua vida, não tem? — perguntou Yukiko, sem tirar os olhos do meu rosto.

Fiz que sim com a cabeça. Pensei que ela devia ter repetido mentalmente essas palavras muitas e muitas vezes. Dava para sentir no tom da sua voz. As palavras dela tinham um contorno e um peso muito definido.

— E você gosta mesmo dela. Não é só um passatempo.

— Gosto — falei. — Não é um passatempo. Mas é um pouco diferente do que você está pensando.

— Você sabe o que eu estou pensando? — perguntou ela. — Acha mesmo que sabe o que eu estou pensando?

Eu me calei. Não conseguia falar nada. Yukiko também ficou calada. A música tocava baixinho. Era Vivaldi ou Telemann, algo assim. Eu não conseguia me lembrar da melodia.

— Não. Você não deve saber o que eu estou pensando — disse Yukiko. Pronunciava cada palavra devagar e com clareza, como quando explicava algo para as meninas. — Tenho certeza de que não sabe.

Ela me olhou. Depois de ver que eu não ia dizer nada, tomou mais um gole do uísque. Então balançou a cabeça devagar.

— Eu não sou tão idiota assim, viu? Moro com você, durmo com você. Ficou óbvio faz tempo que tinha outra mulher.

Eu continuei olhando para ela, sem dizer nada.

— Mas eu não estou brigando com você. Se você se apaixonou por alguém, não tem jeito. Quem se apaixona, se apaixona. Eu não basto pra você. Compreendo isso, também. Nossa convivência foi boa até hoje e você sempre me tratou muito bem. Fui muito feliz vivendo com você. E acho que, mesmo agora, você gosta de mim. Mas, no fim das contas, não fui suficiente para você. Eu percebia isso vagamente, sabia que, cedo ou tarde, algo iria acontecer. Não tem jeito. Então eu não estou brigando com você por ter arranjado outra mulher. Para falar a verdade, eu nem estou brava. É estranho, mas não sinto muita raiva. Só estou triste. Muito triste. Eu tinha uma ideia do quanto ia doer se algo assim acontecesse, mas dói muito mais do que eu poderia imaginar.

— Eu sinto muito — falei.

— Você não precisa se desculpar — disse ela. — Se quiser se separar de mim, podemos nos separar. Eu não vou me opor. Você quer?

— Não sei — falei. — Olha, posso explicar o que aconteceu?

— Me explicar? Sobre você e a outra mulher?

— É — respondi.

Yukiko balançou a cabeça.

— Eu não quero saber nada sobre ela. Não me faça sofrer ainda mais. Não me interessa qual a relação entre vocês, o que fazem ou deixam de fazer. Não quero saber nada disso. Só quero saber se você quer se separar de mim ou não. Não preciso da casa nem do dinheiro, nada disso. Se você quiser as crianças, pode ficar com elas também. De verdade, estou falando sério. Então, se quiser se separar, é só me dizer. O que eu quero saber é só isso, o resto não me interessa. Só quero que você me diga sim ou não.

— Eu não sei — falei.

— Você não sabe se quer se separar de mim?

— Não. Eu não sei nem se sou capaz de responder a essa pergunta.

— E quando você vai saber?

Fiz que não com a cabeça.

— Tá, então pensa com calma. — Yukiko suspirou. — Eu espero, tudo bem. Pensa bem e decide.

A partir daquela noite, passei a dormir no sofá da sala. Às vezes as meninas acordavam de noite e me perguntavam por que eu estava dormindo ali. Eu dizia que o papai andava roncando muito alto e por isso dormia longe da mamãe, para não acordá-la. Também acontecia de uma das minhas filhas se acomodar comigo embaixo das cobertas. Eu a abraçava com força. De vez em quando, ouvia Yukiko chorando no quarto.

Nas duas semanas seguintes, repassei sem parar as memórias na minha mente. Relembrava cada uma das coisas que aconteceram na minha última noite com Shimamoto e tentava encontrar algum sentido nelas. Decifrar alguma mensagem. Pensava em Shimamoto nos meus braços. Em sua mão entrando por baixo da barra do vestido branco. Lembrava-

me da música de Nat King Cole e do fogo do aquecedor. Repassava cada palavra que ela dissera.

“Como eu já te falei, para mim não existe meio-termo”, dizia ela. “Dentro de mim não existe nada intermediário, e onde não há coisas intermediárias também não há meio-termo.”

“Eu já me decidi, Shimamoto”, eu respondi. “Pensei sobre tudo isso muitas e muitas vezes enquanto você não estava. E já tomei minha decisão.”

Lembrei-me da forma como ela me tinha me olhado no carro, do banco do passageiro. Seu olhar tinha algo de violento e deixara uma marca que permanecia na minha face. Devia ser mais do que um mero olhar. Agora eu conseguia sentir claramente a presença da morte que pairava ao seu redor naquele momento. Ela realmente pretendia morrer. Era provável que tivesse ido a Hakone para morrer junto comigo.

— E então talvez eu te leve por inteiro, também. Você entende? *Entende o que isso significa?*

Era minha vida o que Shimamoto queria, ao dizer isso. Agora eu tinha entendido. Assim como eu havia chegado a uma decisão definitiva, ela também havia chegado à sua. Por que eu não tinha percebido? Ela provavelmente pretendia, depois de passarmos uma noite juntos, virar o volante da BMW na estrada no trajeto de volta e morrer comigo. Acho que, para ela, não existia outra opção. Mas algo a fez desistir. E então ela desapareceu, guardando tudo para si.

Perguntei a mim mesmo em que situação, afinal, Shimamoto poderia estar? Que tipo de beco sem saída era aquele? Como chegara lá, por que motivo, com que objetivo e, acima de tudo, *quem* a empurrara para tal lugar? Por que fugir dali precisava significar a morte? Pensei muito sobre essas questões. Organizei todas as pistas à minha frente. Fiz todas as deduções possíveis. Mas não cheguei a lugar algum. Ela tinha desaparecido levando consigo esses segredos. Simplesmente desapareceu, calada, sem *talvez* nem *algum tempo*. Era insuportável pensar nisso. No fim, ela se recusou a compartilhar seus segredos comigo. Mesmo depois de nossos corpos terem se fundido daquela maneira.

“Certas coisas, depois que seguem adiante, não dá mais para voltar, Hajime”, diria Shimamoto. Deitado no sofá, de madrugada, eu ouvia sua voz. Podia ouvir claramente as palavras que ela ia tecendo. “Seria maravilhoso se a gente pudesse ir pra algum lugar, só nós dois, e começar uma vida nova. Mas, infelizmente, eu não tenho como escapar daqui. É fisicamente impossível.”

Agora Shimamoto era uma menina de dezesseis anos, parada diante dos girassóis no jardim, rindo sem jeito.

“A verdade é que eu não devia mesmo ter ido te ver... Eu sabia disso, desde o começo. Já imaginava que ia ser assim. Mas eu não consegui me controlar. Queria te ver de qualquer jeito e, quando te vi, não pude deixar de falar com você. Bom, Hajime, eu sou assim. Sempre acabo estragando tudo, apesar de não ser essa a minha intenção.”

Pensei que eu provavelmente nunca mais veria Shimamoto. Agora ela só existia dentro da minha memória. Ela sumira da minha frente. Estivera ali por um momento, mas agora não estava mais. Não havia meio-termo. Onde não há nada intermediário, não pode haver meio-termo. Ao sul da fronteira, pode ser que o talvez exista. Mas, a oeste do sol, não há talvez.

Todos os dias eu lia o jornal inteiro, procurando notícias sobre mulheres que tivessem se suicidado. Mas não vi nenhuma matéria que parecesse tratar dela. Muita gente no mundo se suicidava, todos os dias, mas eram sempre outras pessoas. Até onde eu sabia, aquela linda mulher de trinta e sete anos, dona de um sorriso muito encantador, não havia se matado. Ela só tinha ido embora.

Na aparência, eu continuava vivendo a mesma vida de sempre. Levava e buscava minhas filhas na escola quase todos os dias. Cantava músicas infantis no carro. Às vezes me encontrava com a jovem mulher da Mercedes 260E na escola e conversava com ela. Durante essas conversas, conseguia me esquecer de várias coisas, por alguns momentos. Falávamos apenas sobre comida e roupas. Em todos os encontros tínhamos

alguma informação nova sobre comidas saudáveis ou sobre o bairro de Aoyama, que compartilhávamos com entusiasmo.

No trabalho eu também continuava cumprindo meu papel sem deixar a desejar. Passava todas as noites no bar e no clube, de gravata. Conversava com os clientes conhecidos, ouvia as opiniões e insatisfações dos meus funcionários, comprava uma lembrança de aniversário para as jovens funcionárias. Provava os coquetéis e oferecia garrafas como cortesia para os músicos. Conferia se o piano estava afinado e se nenhum cliente bêbado estava incomodando os demais. Se surgia qualquer problema, resolvia-o rapidamente. A administração dos bares fluía quase bem demais. Tudo ao meu redor seguia sem nenhum percalço. No entanto, eu já não trabalhava com tanto gosto. Não sentia o entusiasmo de antes pelos meus bares. É provável que ninguém mais percebesse isso. Externamente, eu continuava igual. Na verdade, talvez estivesse até mais caloroso, gentil, mais falante. Porém, para mim, era evidente. Quando eu sentava diante do balcão e olhava ao redor, tudo me parecia terrivelmente monótono e desbotado. Aqueles já não eram mais jardins de fantasia, coloridos e cuidadosamente elaborados. Eram só uns botequins como quaisquer outros. Tudo neles era artificial, raso, decadente. Um cenário, construído para arrancar dinheiro de gente bêbada. As fantasias que habitavam minha mente haviam desaparecido. Pois Shimamoto nunca mais entraria ali. Nunca mais se sentaria em frente ao balcão e pediria, sorrindo, um coquetel.

Em casa eu também vivia como sempre. Fazia as refeições com toda a família, aos domingos saía para caminhar com as meninas, ia ao zoológico ou coisa assim. Yukiko também me tratava da mesma maneira de antes, pelo menos na aparência. Continuávamos conversando sobre várias coisas. Em suma, vivíamos como dois velhos conhecidos que, por acaso, dividiam o mesmo teto. Havia palavras que não podíamos dizer, fatos sobre os quais não conseguíamos falar. Mas o ar entre nós não era áspero. Só não nos tocávamos mais. De noite, dormíamos

separados. Eu no sofá da sala e Yukiko no quarto. Talvez essa fosse a única mudança perceptível na nossa casa.

Às vezes eu me perguntava se tudo aquilo não passava de um teatro. Se a gente não havia vivido, até então, apenas desempenhando os papéis que nos foram atribuídos. Não seria por isso que, mesmo tendo perdido algo fundamental, conseguíamos seguir em frente, dependendo apenas da técnica, e viver nosso dia a dia sem cometer nenhuma falha grave? Era muito triste pensar assim. Esse cotidiano artificial e vazio certamente causava muito sofrimento a Yukiko. Mas eu ainda não era capaz de responder à sua pergunta. É claro que eu não queria me separar dela. Tinha certeza. Mas eu não tinha o direito de dizer isso. Eu estivera a ponto de abandoná-las, ela e minhas filhas. Não podia simplesmente retomar minha vida de sempre como se nada tivesse acontecido, apenas porque Shimamoto havia desaparecido e não iria mais voltar. As coisas não eram tão simples. Não podiam ser tão simples. Além disso, eu ainda não conseguia afastar a miragem de Shimamoto da minha mente. Era uma miragem vívida e real demais. Se eu fechasse os olhos, me lembrava em detalhes de cada parte do seu corpo. Minhas mãos sentiam o toque da sua pele. Escutava sua voz ao pé do ouvido. Eu não poderia me deitar com Yukiko enquanto vivia acompanhado dessa miragem.

Eu ia para a piscina todas as manhãs, sem falta, pois queria ficar sozinho o máximo de tempo possível, e também porque não sabia o que mais fazer. Depois de nadar, ia para o escritório e ficava lá olhando o teto, imerso todo o tempo na fantasia de Shimamoto. Eu queria dar um jeito nessa vida. Estava vivendo numa espécie de vazio, mantendo meu casamento com Yukiko naquela situação indefinida, com minha resposta em suspenso. Não podia continuar daquele jeito para sempre. Aquilo obviamente não era certo. Precisava assumir minhas responsabilidades como ser humano, como marido, como pai. Mas, na prática, eu não conseguia fazer nada. As visões me dominavam por completo. Em dias de chuva, a situação era ainda pior. Quando chovia eu era tomado pela ilusão de que

Shimamoto apareceria a qualquer momento. Abriria a porta delicadamente, trazendo consigo o cheiro da chuva. Eu podia imaginar o sorriso que ela teria no rosto. Se eu dissesse algo errado, ela balançaria a cabeça, sem deixar de sorrir. E então todas as minhas palavras perderiam a força e escorreriam devagar para fora do mundo real, como as gotas numa janela. As noites de chuva eram sufocantes. Distorciam a realidade, desarranjavam as horas.

Quando eu ficava exausto de tanto ver essas miragens, parava diante da janela e ficava olhando a paisagem. Às vezes, sentia que estava abandonado, sozinho, em uma terra seca e sem sinal de vida. As miragens sugavam toda e qualquer cor do mundo ao meu redor. Todas as coisas e cenas que eu via eram insípidas e ocas, como algo construído às pressas. Tudo tinha uma tonalidade sépia e empoeirada. Lembrei-me daquele colega de ensino médio que me contara sobre o paradeiro de Izumi. “Cada um vive do seu jeito, morre do seu jeito. Mas isso não importa muito. No fim, sobra apenas o deserto.”

Na semana seguinte, várias coisas estranhas aconteceram, uma seguida da outra, como se estivessem esperando por mim. Na manhã de segunda-feira, lembrei de repente do envelope com os cem mil ienes e fui procurá-lo. Ele me veio à mente sem nenhum motivo particular. Eu o guardara em uma gaveta da minha escrivaninha no escritório, muitos anos antes. A segunda gaveta de cima para baixo, que trancava à chave. Quando me mudei para lá, guardei o envelope ali junto com alguns itens de valor, e só mexia nele raramente, para checar que ainda estava ali. Mas ao abrir a gaveta vi que não estava lá. Isso era muito estranho. Eu não tinha nenhuma lembrança de tê-lo mudado de lugar. Tinha certeza absoluta. Por via das dúvidas, abri todas as outras gavetas e as revirei. Mas não o encontrei em lugar nenhum.

Tentei pensar quando o vi pela última vez. Não conseguia lembrar o dia exato. Não fazia muito tempo, mas também não

fora tão recentemente. Um mês, ou dois. Ou quem sabe três. De qualquer maneira, não muito tempo antes eu havia tocado esse envelope e verificado definitivamente que ele existia.

Sentei na cadeira, sem entender nada, e fiquei olhando para a gaveta. Alguém poderia ter entrado no apartamento, a destrancado e roubado apenas o envelope. Era muito improvável (inclusive porque também havia mais dinheiro e outras coisas de valor ali), mas não dava para negar por completo essa possibilidade. Eu também podia ter feito alguma confusão muito grande. Quem sabe, eu mesmo havia tirado o envelope de lá e não me lembrava. Poderia acontecer. “Bom, tanto faz”, tentei dizer a mim mesmo. “Eu teria que jogar esse envelope fora cedo ou tarde. Um trabalho a menos.”

Mas, quando tomei consciência do seu desaparecimento, quando sua falta substituiu sua presença na minha mente, a noção de realidade que acompanhava essa presença também foi desaparecendo. Isso me causou uma sensação estranha, como uma vertigem. Não importava o que eu dissesse a mim mesmo, a falta foi se avolumando dentro de mim e corroendo violentamente minha consciência. Esmagando e engolindo a presença que existia ali até então.

Para provar que certo acontecimento é real, precisamos nos basear em alguma realidade. Nossas memórias e sensações são incertas e parciais demais. Em muitos casos é impossível distinguir se um fato que acreditamos perceber é mesmo um fato ou apenas algo que nós percebemos como fato. Então, para fixar uma realidade como tal, precisamos de mais uma realidade — uma realidade adjacente — a partir da qual podemos relativizá-la. Porém, essa realidade adjacente também demanda alguma base para se confirmar como realidade. Ou seja, há outra realidade adjacente, que prova que a anterior é real. Essa cadeia se estende a perder de vista em nossa mente, e não seria exagero dizer que em certo sentido é justamente essa continuidade, a manutenção dessa cadeia, que forma a existência de cada um de nós. Mas se, por algum motivo, um elo dessa corrente se parte,

você fica desorientado. Qual é a verdadeira realidade? Aquilo que há para além da ruptura, ou o que há do lado de cá?

Foi essa sensação de interrupção que eu tive naquele momento. Fechei a gaveta e tentei esquecer o assunto. Convencer a mim mesmo de que eu devia ter jogado aquele dinheiro fora desde o começo. Que eu não devia tê-lo sequer guardado.

Na tarde de quarta-feira da mesma semana, eu estava passando de carro pela avenida Gaien-Higashi quando vi uma mulher, de costas, muito parecida com Shimamoto. Ela vestia calças azuis de algodão, uma capa de chuva bege e mocassins brancos. E mancava de uma perna. Quando a vi, foi como se toda a cena ao meu redor congelasse por um segundo. Uma massa de ar subiu de repente do meu peito até a garganta. “É ela!”, pensei. Ultrapassei a mulher e busquei sua imagem no retrovisor, mas outros transeuntes a encobriram e não pude ver seu rosto claramente. Pisei no freio e o motorista do carro de trás buzinou, furioso. As costas e o comprimento do cabelo da mulher eram iguaizinhos aos de Shimamoto. Minha vontade era parar o carro e descer imediatamente, mas a rua estava lotada de carros estacionados. Uns duzentos metros adiante consegui enfim encontrar uma vaga minúscula para enfiar o carro, então voltei correndo até onde a vira. Mas ela não estava mais lá. Andei desesperado pelas calçadas próximas. Ela mancava, não poderia ter ido muito longe, disse a mim mesmo. Abri caminho à força entre as pessoas, atravessei a rua por entre os carros, subi correndo em uma passarela e busquei, do alto, o rosto dos transeuntes. A minha camisa ficou encharcada de suor. Então me dei conta: aquela mulher não poderia ser Shimamoto. Ela arrastava a perna oposta. Além disso, *Shimamoto não mancava mais*.

Balancei a cabeça e soltei um suspiro. Tinha alguma coisa muito errada comigo. Meu corpo perdeu a força, como se eu tivesse me levantado rápido demais. Apoiei-me em um poste do

sinal de trânsito e fiquei encarando meus pés por um tempo. O sinal ficou vermelho, depois verde novamente. As pessoas atravessaram a rua, esperaram o sinal abrir, atravessaram novamente. Enquanto isso continuei com o peso do corpo apoiado na coluna do sinal de trânsito, recobrando o fôlego.

E então, quando ergui os olhos, me deparei com o rosto de Izumi. Ela estava dentro de um táxi parado à minha frente. Da janela do banco traseiro, fitava diretamente meu rosto. O táxi estava esperando o sinal abrir e o rosto de Izumi estava a apenas um metro de mim. Ela já não era uma menina de dezesseis anos, mas soube que aquela mulher era Izumi assim que pousei os olhos nela. Não poderia ser mais ninguém. Era a mulher que eu tivera em meus braços vinte anos antes. A primeira mulher que beijei na vida. Que despi em uma tarde de outono, aos dezessete anos, quando ela perdeu um dos prendedores da cinta. Vinte anos podem mudar muito uma pessoa, mas eu não deixaria de reconhecer seu rosto. Tinham me dito que Izumi causava medo às crianças. Quando ouvi isso, não consegui entender o que queriam dizer, o que estavam tentando me comunicar com essas palavras. Mas agora, diante dela, compreendia claramente o que meu colega tinha falado. *O rosto dela não tinha expressão alguma.* Quer dizer, não era exatamente isso. O correto seria dizer que *toda e qualquer coisa que pudesse ser chamada de expressão havia sido arrancada de seu rosto.* Olhar para ele me fez pensar em uma casa da qual tivessem sido levados absolutamente todos os móveis. Seu rosto não tinha nem uma migalha de emoção. Tudo nele era inerte e mudo, como o fundo abissal do mar. Ela me encarava com aquele rosto desprovido de emoção. Pelo menos, acho que estava me olhando. Seus olhos estavam voltados diretamente para mim. Mas sua face não me dizia nada. Se havia em seu rosto alguma mensagem, era um vazio sem fim.

As palavras me abandonaram e fiquei ali, aturdido. Tudo o que eu conseguia fazer era me manter em pé, com esforço, e respirar devagar. Naquele momento eu havia perdido de vista, literalmente, a minha própria existência. Por algum tempo, não

soube sequer quem eu era. Sentia como se o contorno da pessoa que eu era tivesse se desfeito e eu estivesse me dissolvendo em um lodo. Sem conseguir pensar em nada, de forma quase inconsciente, estendi o braço e toquei o vidro da janela. Meus dedos o acariciaram de leve. Não sei qual foi o propósito dessa ação. Alguns transeuntes pararam para me olhar, surpresos. Mas não pude conter esse gesto. Acariciei devagar, pela janela, a face sem rosto de Izumi. Mesmo assim, ela não moveu um músculo. Sequer piscou. Será que estava morta? Não, não estava. Estava viva, e não piscava. Naquele mundo silencioso, do outro lado do vidro, ela estava viva. E seus lábios imóveis narravam um nada infinito.

Eventualmente, o sinal ficou verde e o táxi foi embora. O rosto de Izumi permaneceu inexpressivo até o fim. Fiquei parado ali, vendo o táxi ser tragado pelo mar de automóveis até desaparecer.

Voltei para onde havia estacionado o carro e larguei o corpo no banco. “Preciso sair daqui”, pensei. Ao virar a chave no contato, comecei a me sentir terrivelmente mal. Senti uma ânsia violenta, mas não consegui vomitar. Apenas sentia ânsia. Apoiei as mãos no volante e passei uns quinze minutos assim, imóvel. O suor molhava minhas axilas. Senti que todo o meu corpo exalava um odor desagradável. Aquele não era mais o meu corpo, que Shimamoto beijara com tanto carinho. Era apenas o corpo malcheiroso de um homem de meia-idade.

Depois de algum tempo, um guarda de trânsito se aproximou e bateu no vidro. Eu abri a janela.

— Ei, não pode estacionar aqui, não! — disse ele, espiando o interior do meu carro. — Tira logo o carro.

Assenti e dei partida.

— Você tá com uma cara péssima. Tá passando mal? — perguntou o guarda.

Fiz que não com a cabeça e, sem dizer nada, saí com o carro.

Por algumas horas depois disso, não consegui voltar a ser eu mesmo. Era apenas uma casca abandonada, dentro da qual ecoavam sons ocos. Percebi que eu estava completamente vazio. Tudo o que, até pouco antes, ainda devia haver dentro do meu corpo tinha saído, absolutamente tudo. Estacionei dentro do cemitério de Aoyama e fiquei olhando, distraído, o céu para além do para-brisa. Izumi estava me esperando lá, pensei. Pode ser que, todo esse tempo, ela estivesse me esperando em algum lugar. Em alguma esquina, por trás do vidro de alguma janela, sempre esperando que eu aparecesse. Com os olhos cravados em mim. E eu nunca tinha percebido.

Nos dias que se passaram, eu praticamente não consegui conversar com ninguém. Abria a boca para falar e as palavras desapareciam. Era como se eu tivesse sido invadido pelo vazio que Izumi me mostrara.

Mas, depois desse estranho encontro com Izumi, as miragens e ecos de Shimamoto que me envolviam foram se dissipando, lentamente. As coisas que eu via foram recobrando a cor, e a sensação de que eu caminhava com passos incertos pela superfície da lua começou a passar. A gravidade foi mudando sutilmente e tudo aquilo que estava agarrado ao meu corpo começou a se soltar, pouco a pouco. Eu observava essas transformações como alguém que assiste através de uma janela, desatento, ao que se passa com outra pessoa.

Acho que, nesse mesmo período, alguma coisa se apagou dentro de mim, se extinguiu. Silenciosa e definitivamente.

Uma hora, quando o trio fez uma pausa na apresentação, fui até o pianista e disse que ele não precisava mais tocar “Star-crossed Lovers”. Falei isso sorrindo, com simpatia.

— Foi um prazer ouvir essa música tantas vezes, mas agora acho que estou satisfeito. Já matei a vontade.

Ele ficou me olhando como quem mede alguma coisa. Tínhamos uma relação que podia ser classificada como amizade.

De vez em quando bebíamos juntos e conversávamos sobre assuntos pessoais.

— Não tenho certeza se entendi. Você não faz questão que eu toque essa música, ou não quer que eu toque mais? Gostaria que explicasse melhor, porque as duas coisas são bem diferentes.

— Não quero que toque mais — falei.

— O problema não é minha interpretação, é?

— Não, sua interpretação é ótima. Excelente. E olha que não tem muita gente que saiba tocar isso direito.

— Então é porque você não quer mais ouvir essa música, mesmo?

— É, não quero.

— Isso aí tá parecendo coisa do *Casablanca*, hein, patrão.

— Tá mesmo — falei.

Depois disso, quando me via no clube às vezes ele tocava “As Time Goes By”, de brincadeira.

A razão pela qual eu não queria mais ouvir “Star-crossed Lovers” não era porque essa melodia me lembrasse de Shimamoto ou coisa assim. A verdade é que essa música *já não me comovia como antes*. Não sei por quê. Mas o que eu costumava perceber de especial nela havia desaparecido. Os sentimentos que, por tanto tempo, eu confiara àquela composição já não existiam mais. Continuava sendo uma bela obra. Mas só isso. E eu não queria continuar ouvindo, de novo e de novo, uma bela melodia que soava como restos mortais.

— O que você tá pensando? — perguntou Yukiko, se aproximando.

Eram duas e meia de manhã e eu estava deitado no sofá, encarando o teto sem conseguir dormir.

— Estava pensando sobre um deserto — respondi.

— Um deserto? — disse Yukiko. Ela se sentou ao lado dos meus pés e me olhou. — Que tipo de deserto?

— Um deserto comum. Com dunas de areia, uns cactos aqui e ali. E muitas coisas que vivem nele.

— Eu também vivo aí, nesse deserto? — perguntou ela.

— Você também, claro — respondi. — Todo mundo vive. Mas, na verdade, a única coisa viva é o deserto. Que nem no filme.

— Que filme?

— *O drama do deserto*, da Disney. Aquele documentário, você não viu quando era criança?

— Não — disse ela.

Essa resposta me surpreendeu, pois quando esse filme saiu todas as escolas levaram os alunos para assisti-lo. Mas, pensando bem, Yukiko era cinco anos mais nova que eu. Provavelmente era muito nova para ir ao cinema quando o filme estava em cartaz.

— Depois eu pego na locadora. Podemos ver todos juntos num domingo, é um filme legal. As paisagens são bonitas, tem vários animais e flores, e crianças pequenas conseguem acompanhar também.

Yukiko me olhava sorrindo. Fazia muito tempo que eu não a via sorrir.

— Você quer se separar de mim? — perguntou ela.

— Yukiko, eu te amo — falei.

— Pode ser que ame, mas o que eu perguntei foi: “Você quer se separar de mim?”. As únicas respostas possíveis são sim ou não. Não aceito nenhuma outra.

— Não, eu não quero — falei. E balancei a cabeça. — Talvez eu não tenha o direito de dizer isso, mas não quero me separar de você. Não sei o que eu faria se a gente se separasse. Nunca mais quero viver sozinho daquele jeito. Prefiro morrer a voltar para aquela solidão.

Yukiko estendeu a mão e tocou meu peito. E olhou bem nos meus olhos.

— Esquece essa história de direito. Ninguém tem direito a coisa nenhuma — disse ela.

Sentindo o calor da mão dela sobre o meu peito, pensei sobre a morte. Eu poderia ter morrido naquele dia com Shimamoto, na

estrada. Se isso tivesse acontecido, meu corpo já não estaria mais ali. Eu teria sumido, desaparecido. Assim como muitas outras coisas. Mas eu ainda existia, eu estava ali. E a mão de Yukiko também existia, quente, sobre o meu peito.

— Escuta, Yukiko — falei. — Eu gosto muito de você. Me apaixonei no dia em que te conheci e gosto de você do mesmo jeito até hoje. Minha vida seria muito pior se eu não tivesse te conhecido, muito mais infeliz. Eu jamais conseguiria expressar em palavras como sou grato a você por isso. E, mesmo assim, estou te magoando desse jeito. Deve ser porque eu sou uma pessoa egoísta, inútil, desprezível. Magoo as pessoas próximas a mim, sem motivos, e fazendo isso me machuco também. Faço mal aos outros e a mim. Eu não faço isso de propósito. Mas não consigo evitar.

— Isso é verdade — disse Yukiko, com a voz baixa. Senti que ainda havia um resquício de sorriso em sua boca. — Você é realmente uma pessoa egoísta, um inútil, e sem dúvida me magoou muito.

Fiquei olhando seu rosto. Suas palavras não tinham um tom de acusação. Ela não estava brava, nem triste. Estava apenas afirmando os fatos.

Busquei as palavras certas, sem pressa.

— Tenho a impressão de que, durante toda a minha vida, estive sempre tentando me tornar outra pessoa. Sempre busquei ir para um lugar novo, começar uma vida nova, adotar uma personalidade nova. Fiz isso várias vezes. Em certo sentido eu estava amadurecendo, em outro, estava tentando trocar de persona. Seja como for, eu queria virar uma pessoa diferente e, assim, me libertar de algo que carregava comigo. Eu desejava isso de verdade, sinceramente. Acreditava que, se me esforçasse, conseguiria fazê-lo. Mas, no fim das contas, nunca cheguei a lugar nenhum. Aonde quer que eu vá, sigo sendo eu mesmo. Aquilo que me falta não muda, em qualquer lugar. A paisagem ao meu redor ou as vozes que falam comigo podem mudar, mas continuo sendo apenas um ser humano incompleto. Sempre com uma insuficiência fatal, que me deixa faminto e

sedento. Essa fome e essa sede me torturaram a vida inteira, e provavelmente continuarão me torturando. Porque, de certa forma, essa falta é quem eu sou. Sei disso. Neste momento, eu gostaria de me tornar uma nova pessoa pra você, se pudesse. Acho que eu conseguiria. Não é fácil, mas se eu me esforçar acho que conseguiria virar outra pessoa. Só que, para ser sincero, se a mesma coisa voltar a acontecer, é possível que eu aja da mesma maneira. Talvez eu te magoe mais uma vez. Eu não posso fazer nenhuma promessa. É isso que eu quero dizer com não ter direito. É que eu não tenho convicção de ser capaz de vencer essa força.

— E você passou toda a vida tentando escapar dela.

— Acho que sim — falei.

Yukiko ainda estava com a mão pousada sobre meu peito.

— Coitado — disse ela, com a inflexão de quem lê algo escrito na parede, em letras garrafais. Quem sabe aquilo estivesse mesmo escrito na parede, pensei.

— Eu realmente não sei — falei. — Não quero me separar de você. Tenho certeza disso. Mas não sei se essa é a escolha certa. Não sei nem mesmo se essa é uma escolha que eu posso fazer. Você está aí, Yukiko. E está sofrendo. Eu percebo. Sinto sua mão aqui. Mas há outras coisas, coisas que não podemos ver nem sentir. Pode chamar isso de emoções, por exemplo, ou de possibilidades. Coisas que brotam de algum lugar e vão se entrelaçando. E que habitam em mim. Não são coisas que eu posso escolher ou responder.

Yukiko passou muito tempo calada. Às vezes um caminhão de carga noturno passava pela rua abaixo da nossa janela. Olhei para fora, mas não dava para ver nada. Somente se espalhavam lá fora o espaço e o tempo sem nome que conectam a noite e a alvorada.

— Enquanto tudo isso estava acontecendo, pensei muitas vezes em me matar — disse ela. — Não estou dizendo isso pra te assustar. É a verdade. Pensei muitas vezes em me matar, de tão sozinha e triste que eu me sentia. Acho que morrer, em si, não teria sido muito difícil. Você entende o que eu quero dizer? A

vontade de viver foi ficando rarefeita dentro de mim, como o oxigênio em um quarto. Quando isso acontece, morrer vira uma coisa fácil. Eu não pensei nem nas meninas. Mal me ocorreu o que aconteceria com elas se eu morresse. Eu estava sozinha e triste demais. Você não sabia, né? Você nunca parou para pensar sobre isso, não foi? Sobre o que eu estava sentindo, o que estava pensando, o que eu pretendia fazer.

Fiquei em silêncio. Yukiko tirou a mão do meu peito e a pousou no próprio joelho.

— Se no fim eu não morri, se estou aqui viva, é porque eu sabia que, se por acaso você resolvesse voltar pra mim, eu acabaria te aceitando. Por isso não morri. Não é uma questão de direito, nem de certo ou errado. Pode ser que você seja um homem inútil, desprezível. Pode ser que você me magoe de novo. Mas a questão não é essa. Você não entendeu nada.

— Acho que não entendi mesmo — falei.

— E você não me pergunta nada — disse ela.

Eu abri a boca para dizer algo, mas nenhuma palavra saiu. Realmente, eu nunca tinha perguntado nada a Yukiko. Perguntei-me por quê. Por que será que eu nunca quis perguntar nada a ela?

— O direito é uma coisa que você vai construir daqui pra frente — disse ela. — Ou que a gente vai construir junto. Talvez falte isso pra nós dois. Pode parecer que criamos várias coisas juntos, mas na verdade não criamos nada. Acho que as coisas deram certo demais. Fomos felizes demais. Você não acha?

Eu assenti.

Yukiko cruzou os braços sobre o peito e me encarou por um tempo.

— Antigamente eu também tinha meus sonhos, minhas fantasias. Mas, em algum momento, eles desapareceram. Foi antes de eu te conhecer. Eu os matei. Acho que os matei e abandonei por vontade própria. Como um órgão que não tem mais utilidade. Não sei se foi a decisão certa, mas não tinha mais nada que eu pudesse fazer. Às vezes eu sonho que alguém me traz isso de volta. Sonho a mesma coisa com frequência. Alguém

aparece carregando algo nas mãos, dizendo: “Com licença, a senhora deixou cair isto aqui!”. Eu fui muito feliz vivendo com você. Não tinha nenhuma insatisfação, não desejava mais nada. Mas, mesmo assim, tem sempre algo me perseguindo. Volta e meia acordo num sobressalto no meio da noite, encharcada de suor. Perseguida por essas coisas que eu achei que tinha abandonado. Não é só você que vive fugindo. Não foi só você que abandonou algo, que perdeu algo. Entende o que estou dizendo?

— Acho que sim — falei.

— Talvez um dia você me magoe de novo. Se isso acontecer, não sei como vou ficar. Ou pode ser que, da próxima vez, eu acabe magoando você. Ninguém pode prometer coisa nenhuma. Nem eu, nem você. Mas eu ainda te amo. Só isso.

Eu a abracei e afaguei seu cabelo.

— Yukiko — falei. — Vamos recomeçar amanhã. Acho que a gente consegue recomeçar do zero. Mas hoje já está tarde demais. Quero começar direito, com um dia novo em folha.

Yukiko passou um bom tempo me olhando.

— O que eu acho é que você ainda não me perguntou nada — disse ela.

— Eu gostaria de começar uma vida nova a partir de amanhã. O que você acha? — perguntei.

— Acho uma boa ideia — disse ela, com um breve sorriso.

Depois que Yukiko voltou para o quarto, me deitei e fiquei muito tempo olhando para o teto. Era um teto comum de apartamento, sem nenhum enfeite. Não tinha nada interessante. Mas eu não tirei os olhos dele. Às vezes, por um jogo de ângulos, as luzes do farol de um carro o iluminavam. Já não havia nenhuma miragem ao meu redor. Eu não me lembrava mais tão claramente da maciez dos seios de Shimamoto, do som da sua voz, do cheiro da sua pele. De vez em quando me vinha à mente o rosto sem expressão de Izumi. A sensação do vidro do táxi entre nós dois. Quando isso acontecia, eu fechava os olhos e

pensava em Yukiko. Repassava o que ela acabara de me dizer. De olhos fechados, escutava com atenção tudo o que se movia dentro de mim. Era provável que eu estivesse mudando. E eu precisava mudar.

Ainda não tinha certeza de que havia, dentro de mim, força suficiente para proteger Yukiko e as crianças dali em diante. As fantasias já não me ajudavam mais. Já não teciam mais sonhos. O vazio continuava sendo apenas um vazio. Passei muito tempo imerso nele. Tentando me habituar a ele. “No fim, foi aqui que cheguei”, pensei. Preciso me acostumar com este lugar. Talvez fosse minha vez de tecer fantasias para outra pessoa. Era isso o que esperavam de mim. Eu não sabia qual seria a força dessas fantasias. Mas, se eu quisesse encontrar algum sentido na minha existência naquele momento, só me restava empenhar todos os meus esforços nisso. *Talvez.*

Quando a alvorada se aproximou, desisti de dormir. Coloquei um cardigã sobre o pijama, fui até a cozinha e fiz um café. Fiquei sentado à mesa da cozinha, vendo o céu clarear pouco a pouco. Um contorno azul surgiu no horizonte e foi se espalhando devagar, como tinta penetrando no papel. Era uma tonalidade como se tivessem reunido todos os azuis do mundo e selecionado apenas aqueles que qualquer pessoa concordaria em ser azul. Fiquei parado com os cotovelos fincados na mesa, olhando essa cena, sem pensar em nada. Quando o sol surgiu no horizonte, o azul foi absorvido pela claridade comum do dia. Uma única nuvem pairava sobre o cemitério. Uma nuvem branquíssima, de contornos bem delineados. Tão branca que daria para escrever em cima dela. Um novo dia havia começado. Eu não tinha ideia do que ele me traria.

Agora eu provavelmente levaria minhas filhas para a escola e depois iria para a piscina. Como sempre. Lembrei-me da piscina onde eu costumava nadar no começo da adolescência. O cheiro, as vozes que ecoavam no teto. Naquela época eu estava me transformando. Parava diante do espelho e podia ver meu corpo mudar. Nas noites silenciosas, eu chegava a escutar o som que

ele fazia, crescendo. Eu estava vestindo um novo eu, como uma roupa, e entrando em um mundo novo.

Fiquei sentado à mesa da cozinha, com os olhos cravados naquela nuvem sobre o cemitério. Ela não se movia. Estava fixa ali, como se tivesse sido pregada. Pensei que em breve eu teria que acordar minhas filhas. Já fazia tempo que o dia clareara, elas tinham que levantar. Precisavam desse novo dia muito mais do que eu. Eu tinha que ir até o quarto delas, puxar seus cobertores, pousar a mão sobre seus corpos macios e quentes e avisá-las que um novo dia havia chegado. Era isso que eu devia fazer agora. Mas eu não conseguia de jeito nenhum me levantar da mesa da cozinha. Era como se todas as forças tivessem me abandonado. Como se alguém tivesse se aproximado pelas minhas costas e, sem fazer ruído, me desligado do meu corpo. Apoiei os cotovelos sobre a mesa e cobri o rosto com a palma das mãos.

Nessa escuridão, pensei na chuva caindo sobre o mar. Uma chuva discreta, que caía sobre o mar vasto sem que ninguém se desse conta. As gotas se chocavam sem ruído contra a superfície da água e nem mesmo os peixes percebiam.

Fiquei pensando nesse mar até que alguém se aproximou e pousou de leve a mão nas minhas costas.





Posfácio

Rita Kohl

Quando fui convidada para traduzir *Sul da fronteira, oeste do sol*, eu tinha acabado de terminar a tradução de outra obra do mesmo autor, *O assassinato do comendador*, um romance longuíssimo com o qual convivi durante dois anos. Foi um período intenso, que incluiu o nascimento do meu primeiro filho, e em alguns momentos, senti que nunca chegaria ao fim. Quando finalmente acabei e logo recebi um convite para traduzir outro livro do Haruki Murakami, o meu primeiro impulso foi o de recusar. Apesar de conhecer a obra e gostar muito dela, achei que não conseguiria emendar em outra tradução do mesmo autor. Eu estava determinada a tirar férias dele.

Traduzir faz com que você olhe o texto no microscópio e acabe percebendo coisas que, arrisco dizer, talvez nem o próprio autor tenha percebido. Isso cria uma rede de referências e familiaridade que torna a leitura mais prazerosa, além de conferir mais segurança para traduzir, com a oportunidade de retomar, repensar e aprimorar suas escolhas ao longo das obras. Às vezes, no entanto, sinto que gera uma proximidade tão grande que pode levar a certa impaciência, como a que pode existir entre casais de longa data ou pessoas da mesma família, em que nos tornamos mais sensíveis aos pequenos hábitos e manias uns dos outros. É evidente que traduzir uma língua tão distante como o japonês dá trabalho, e sempre há momentos no meio de um projeto em que me pergunto por que me meti nessa. Jogos de palavras, frases complexas e tortuosas, humor — aspectos do texto que são um prazer para o leitor podem se tornar um desafio quando você precisa solucioná-los na tradução. Por isso acho importante variar o tipo de enrosco em que me meto, já que a

variedade ajuda a manter o bom humor e a garantir uma postura generosa em relação ao autor e à obra.

Desnecessário dizer que meus planos de tirar férias do Murakami não duraram muito, vencidos pelo meu afeto por este livro e pela curiosidade de saber como seria traduzi-lo. Queria enfrentar essa segunda leitura tão diferente: em outra língua, em outra década, e não mais como leitora, mas como tradutora.

Meu primeiro contato com este romance foi há quase quinze anos, durante minha primeira estadia no Japão, como bolsista de graduação. Lá, eu li *South of the Border, West of the Sun*, a tradução para a língua inglesa feita por Philip Gabriel. Gostei tanto que quando, anos depois, comecei a traduzir literatura japonesa até sugeri ao editor com quem estava trabalhando que traduzisse este romance para o português.

Mas a verdade é que minha memória para livros deixa bastante a desejar. Ela é excelente a curto prazo, enquanto estou lendo ou, principalmente, traduzindo. Só que depois de alguns meses eu já não sei descrever o enredo muito bem e, passados anos, guardo apenas lembranças vagas dos temas que me marcaram e de algumas cenas ou detalhes muito pontuais. Muitas vezes, sei apenas que gostei de um livro, e o recomendo para todo mundo, sem conseguir explicar por quê. (Naturalmente, não é uma característica da qual posso me orgulhar, como alguém que trabalha neste ramo. Mas me consolo um pouco por saber, pelas suas entrevistas, que Murakami também se lembra muito pouco dos seus próprios livros. Se até um autor pode se esquecer do que escreveu, talvez meu caso não seja tão grave.) Com *Sul da fronteira, oeste do sol*, também foi assim. Eu me lembrava das sensações que a leitura tinha me causado e de várias imagens que não conseguia transformar em uma narrativa: a margem de um rio, um LP, uma tristeza muito intensa, um mistério não solucionado. A ideia de voltar a este livro, reencontrar esses elementos e reorganizá-los em um todo coerente, com a atenção minuciosa de quem traduz, era muito atraente. Eu me perguntava se iria reencontrar a mesma atmosfera escura, o som da chuva, os silêncios e as conversas

carregadas. A sensação agonizante de um amor que poderia ter acontecido. E também me perguntava, com certa apreensão, se eu ia continuar gostando do livro tanto quanto havia gostado antes.

Esta é uma obra realista, caso relativamente raro entre as obras de Murakami. Há leitores que especulam sobre a existência de Shimamoto: será que ela reapareceu na vida de Hajime, ou foi apenas um fantasma, uma ilusão? Essa possibilidade aproximaria a obra de outros romances do autor em que a realidade é, digamos, menos estável. É uma leitura válida, mas não me atrai. Para mim, a ausência de elementos fantásticos é justamente um dos atrativos aqui. O que sustenta a narrativa é o mundo interior do narrador, a forma como ele se relaciona com as pessoas, se questiona, tenta compreender seu lugar na época em que vive. E, neste caso, não vai surgir nenhum homem-carneiro, gêmeas misteriosas ou um minicomendador para lhe dar nenhuma pista. Nenhum poço que o leve para outros mundos. Ele está preso no único mundo que conhece, sozinho diante de suas questões, sentindo que a única pessoa que poderia compreendê-lo está sempre um pouco além do seu alcance. Não tenho nada contra elementos fantásticos. Pessoalmente, gosto muito dos homens-carneiro e minicomendadores. Mas também gosto de livros mais contidos, como este, nos quais vemos que a força narrativa de Murakami não depende de peripécias surreais. E essa variação no estilo também contribuiu para evitar o cansaço que eu temia que pudesse me atrapalhar, depois da longa tradução de *O assassinato do comendador*.

Na verdade, nos últimos meses tive mais uma oportunidade de ver outro estilo do autor, pois também traduzi mais um texto seu (evidenciando quão fraca era minha resolução de tirar férias do autor). Foi o longo relato “Abandonar um gato”, publicado na revista *Quatro Cinco Um*. Um texto bastante pessoal, em que ele discute as memórias que tem do pai. E assim, em meio a essa mistura de três traduções bastante diversas do mesmo autor, pude perceber alguns temas comuns.

A ideia de que há elementos que se repetem em várias obras de Murakami não é nenhuma novidade. Todos os autores têm temas, imagens, expressões e questões recorrentes, que aparecem de forma mais ou menos consciente em todas as suas obras e, no caso deste autor, isso já rendeu até mesmo uma cartela de bingo, assinada por Grant Snider, que circula pela internet entre os fãs. Música, mulheres que desaparecem (e suas orelhas), poços e buracos, mundos paralelos, gatos e receitas de espaguete. Alguns desses elementos podem ser encontrados aqui, apesar de esta obra não ser a melhor candidata para quem quiser ganhar o jogo. Contudo, nos últimos meses, vi outras continuidades, mais profundas, temas que correm por baixo de todas essas imagens. Questões que o autor parece estar sempre tentando responder, de maneiras diversas.

Sempre achei que Murakami retrata muito bem alguns sentimentos e aflições da adolescência e da juventude. Mas tenho reparado também (sinal da idade, talvez?) a forma como ele aborda o outro lado da moeda — a passagem dos anos, a percepção de que estamos envelhecendo, e os caminhos que acabamos trilhando nesse processo, muitas vezes tão acidental quanto irreversivelmente. A maneira como cada um de nós está preso ao seu tempo e, simultaneamente, carrega as marcas deixadas pelas outras épocas que viveu. A forma como a interação entre diferentes pessoas, principalmente entre diferentes gerações, evidencia essas bagagens.

Em *Sul da fronteira, oeste do sol*, acredito que o contexto histórico, social e, principalmente, econômico tem uma importância considerável na narrativa. Aqui não falamos de guerras distantes nem de experiências que ecoam por meio de outros personagens, mas do momento em que o próprio narrador vive, que é também muito próximo do momento em que a obra foi escrita. Vemos sua relação com os movimentos estudantis, cujos ecos já estão quase desaparecendo, e em particular a questão da bolha econômica japonesa no final da década de 1980, quando os preços de ações do mercado imobiliários foram às alturas. A figura do sogro está diretamente ligada a este contexto

econômico, como fica evidente em seu discurso sobre a cidade de Tóquio, e também na discussão entre Hajime e a esposa sobre a compra de ações.

E tudo isso se liga às questões mais íntimas do personagem. Ele se sente preso à sua vida cheia de confortos e a uma esposa com quem não consegue se abrir por completo, e essa situação se acirra conforme ele se enreda na trama de dinheiro e negócios criada por seu sogro. Por trás de tudo isso está ainda certa decepção consigo mesmo. Como conciliar a vivência dos anos turbulentos e esperançosos do movimento estudantil, uma tentativa de resistência ao capitalismo altamente desenvolvido que se instalava no Japão do pós-guerra, com o fato de estar agora explorando exatamente este capitalismo? Além disso, Hajime vem de uma família de classe média e percebe, mais claramente do que a esposa, o absurdo de jogar com fortunas que a maioria das pessoas sequer sonharia em possuir.

Nesta minha nova leitura do livro, essa relação com o contexto histórico ficou mais clara para mim, e fiquei pensando como isso contribui para o fascínio de Shimamoto. Ela é não apenas o grande amor de vida dele e a única pessoa que realmente o compreende, mas também uma forma de escapar dessa rede, algo que, sozinho, o narrador não conseguiria fazer. Abandonar tudo e ir embora com ela significaria perder muita coisa, mas também deixar essa vida, que o satisfaz e incomoda ao mesmo tempo. Seria uma forma de negar quem ele acabou se tornando.

E aqui é importante lembrar que eu, como leitora, também sou um produto dos caminhos por onde minha vida me levou e do momento em que vivo. Num aspecto mais pessoal, houve uma mudança muito importante entre as duas leituras — a maternidade. A consequência mais óbvia disso foi poder sentir muito mais intimamente a perda de Shimamoto e imaginar a dor de se desfazer das cinzas de um bebê. Quando li este romance pela primeira vez, essa era uma ideia abstrata. Guardei a lembrança de uma dor intensa, mas não muito compreensível. Hoje, com meu filho ao lado, este foi um trecho muito doloroso de reler, traduzir e revisar. E a relação do narrador com as filhas e a

sensação de ver um filho crescer também ficaram muito mais palpáveis.

Mas não foi só minha idade ou minha relação com a maternidade que mudou nessa última década. A forma como olhamos para as narrativas também mudou bastante nesses anos, de maneiras que impactam a forma como lemos, não só para mim mas, arrisco dizer, para muitos leitores. Com isso surgiram questões que me fizeram refletir bastante ao longo da tradução. Pois hoje o perfil de Hajime — de um homem que não pode resistir aos seus ímpetos sexuais, que não consegue deixar de trair e magoar as mulheres ao seu redor — não me inspira grande simpatia. Por mais bem construído que seja o personagem, por mais que esses comportamentos apareçam como parte de uma vontade desesperada de escapar de si mesmo e por mais que ele reconheça suas ações, sofra por elas e afirme estar sempre magoando também a si mesmo, o fato é que, em 2020, essas histórias já não me comovem da mesma maneira.

Além disso, não consigo mais ver a experiência de Hajime como, simplesmente, a história de uma pessoa enfrentando seus demônios. Aqui, volta a pesar meu novo lugar como mãe, que me fez enxergar mais claramente outras dinâmicas no mundo em que vivemos, e assim acho impossível não ver seu comportamento como parte de um cenário mais amplo. O desejo do narrador de abandonar a família em busca de um amor irresistível deixa de ser uma questão pessoal deste personagem para refletir um padrão incansavelmente repetido, em uma sociedade em que pais têm muito mais liberdade, tempo e espaço para encontrar amores irresistíveis e considerar largar tudo.

O resultado de tudo isso é que eu certamente reencontrei na obra as aflições da juventude, a melancolia, a música, as imagens e reflexões que me encantaram na primeira leitura. Mas vi tudo isso inserido em contextos mais amplos — seja o contexto econômico da época em que se passa a história, ao qual eu não havia dado muita atenção antes, ou o contexto social que informa

não apenas o personagem de Hajime, mas também minha relação com ele.

Esse tipo de expansão torna a leitura mais rica, é claro. Por exemplo, fez com que eu prestasse muito mais atenção na personagem de Yukiko, que numa leitura focada nos *star-crossed lovers* pode ficar em segundo plano como um simples empecilho. Vi com outros olhos — ou quem sabe apenas com os olhos mais abertos — o que ela diz na conversa com o marido no final do livro. Depois de ler todo o romance centrado nas ideias e sentimentos do narrador, foi um prazer ver Yukiko declarar, sem alarde, que ele não é o único que sente e sofre, o único que teve sonhos e os abandonou. A conversa entre Hajime e seu sogro sobre a tentativa frustrada de suicídio também aponta essa direção, de que ela tem uma vida interior mais complexa do que o narrador parece disposto a reconhecer. Assim, a própria narrativa sugere que ele experimente olhar o mundo pelos olhos de outras pessoas, não apenas pelos seus. Se Shimamoto insiste todo o tempo para que Hajime não lhe pergunte nada, e fica assim congelada na imagem daquele primeiro amor, transformado em uma mulher perfeitamente bela, Yukiko insiste: por que você não me pergunta nada?

Eu poderia me estender aqui em mais análises e reflexões sobre a obra, mas ainda falta falar sobre o que está no centro da minha relação com este livro: a tradução. Como é característico do autor, a linguagem é clara e quase sempre direta, e o desafio principal não é solucionar questões pontuais, mas recriar em português o ritmo das conversas, a poesia das descrições. Aproveito apenas para mencionar um aspecto que me doeu não poder passar para o português. Conforme leitores mais atentos podem ter percebido, o narrador chama Shimamoto pelo seu sobrenome, enquanto ela se refere a ele pelo seu primeiro nome, Hajime. Mas, no original, há mais uma camada neste desequilíbrio. Enquanto o narrador diz “Shimamoto-san”, usando o sufixo *san*, a forma de tratamento mais comum, neutra e relativamente polida, ela o chama de “Hajime-kun”, com um sufixo comum para se referir a pessoas mais jovens (geralmente

homens), e também para colegas meninos na escola. *Kun* aparece mais frequentemente em relações em que há certa intimidade ou uma diferença hierárquica e de idade entre os falantes. Essa diferença na forma como ambos se tratam, além de ecoar o ambiente escolar onde eles se conheceram, contribui para retratar o desequilíbrio na relação entre eles. É algo que eu não vi na obra em inglês, mas que me chamou a atenção ao ler o original e que, infelizmente, se perde na tradução para o português.

Quando estou trabalhando com uma obra que já tem traduções para outras línguas que eu domino em algum grau, gosto de consultar essas traduções como referência. Mas no caso de *Sul da fronteira, oeste do sol*, essa consulta foi também um retorno à primeira leitura. Ao abrir novamente meu exemplar da tradução de Phillip Gabriel, vi que eu havia grifado vários trechos por achá-los particularmente bonitos ou marcantes. E em alguns casos, comparando esses trechos com o original, percebi que eles eram mais distantes do que eu esperava. Isso não é um fenômeno particular deste livro. De maneira geral, as traduções para a língua inglesa costumam ter mais liberdade para simplificar ou adaptar o texto, e até mesmo suprimir pequenos trechos, visando uma leitura mais fluida. Cada tradutor (e cada editor, preparador e revisor, pois nenhum tradutor trabalha sozinho) traduz de acordo com as normas vigentes em sua língua naquele momento, e os resultados sempre terão aspectos positivos e negativos, sempre poderão ser julgados dependendo do ponto de vista. Então não digo isso para criticar a tradução alheia nem implicar que a minha seria mais “correta”, mas porque essa experiência me fez refletir.

Pessoalmente, tendo a me ater mais às estruturas de frase e busco não fazer grandes adaptações. Mas conforme ganho experiência, percebo que esse tipo de “fidelidade” nem sempre é a resposta óbvia. Há momentos em que priorizá-la significa perder outras coisas, como o ritmo, o humor ou a naturalidade de uma expressão. É preciso sempre buscar um equilíbrio, e as traduções do inglês, que geralmente pendem para decisões

diferentes das minhas, servem como um lembrete disso. Não posso negar que perceber essas diferenças fez com que eu me sentisse um pouco traída. Como leitora, por ter grifado aquelas palavras sem pensar na distância que me separava do original, mas também como tradutora, por me perguntar se, mantendo as minhas prioridades na tradução, eu conseguiria chegar a soluções tão bonitas, do tipo que um leitor grifaria. O fato é que essas decisões do tradutor criaram frases que ressoaram tanto em mim que eu cheguei a grifá-las, e seu texto fluido, bonito e com um toque de humor certamente influenciou meu gosto pela obra.

Também tenho plena consciência de que alguém pode um dia comparar minha tradução com o original e se sentir igualmente incomodado pelas diferenças que, inevitavelmente, encontrará. Pois na tradução é sempre mais fácil ver o que se afasta do original do que o que se aproxima. Não é à toa que a relação entre tradução e traição é das mais repetidas. Às vezes, me perco nas reflexões sobre tudo isso e acabo me esquecendo do básico: o fato de que antes este livro não podia ser lido em português, e agora ele pode. É importantíssimo pensar sobre os detalhes de minhas escolhas como tradutora e buscar as soluções que me pareçam mais adequadas, claro. Mas também preciso lembrar que minha participação é só uma etapa dentro de uma relação maior.

Quando voltei a este livro, além de me perguntar se eu reencontraria a atmosfera que me atraiu, eu também me perguntava se conseguiria recriá-la para os leitores brasileiros. Não sei responder a essa pergunta, é claro. Mais do que isso, desconfio que a própria pergunta esteja errada. Assim como a obra me trouxe coisas distintas em cada leitura, ela certamente será diferente para cada leitor. Meu papel aqui é apenas possibilitar que mais pessoas possam ter essa experiência, e torcer para que sejam tão boas quanto as minhas.

Copyright © 1992 by Haruki Murakami
Publicado originalmente por Kodansha Ltd.
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Kokkyo no Minami, Taiyo no Nishi

Projeto gráfico

TAG – Experiências Literárias

Bruno Miguell Mesquita

Gabriela Heberle

Paula Hentges

Ilustrações

Sabrina Gevaerd

Preparação

Rayana Faria

Revisão

Marise Leal

Renata Lopes Del Nero

ISBN 978-85-5451-778-6

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editora.alfaguara

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br



O assassinato do comendador - Vol. 2

Murakami, Haruki

9788554516321

376 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma obra tão monumental quanto *1Q84*, este livro perturbador e hipnotizante revela as obsessões mais íntimas do mestre Haruki Murakami.

Como um mágico no auge de seu poder, Murakami dá vida a um universo inteiro povoado por personagens, histórias e enigmas que têm o poder inesquecível dos sonhos mais vívidos.

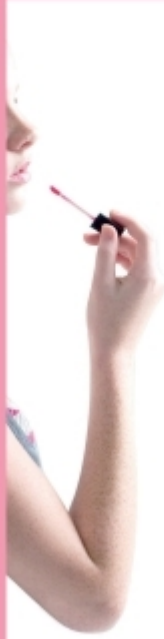
No primeiro volume desta história, deixamos o protagonista ansioso para saber o que está escondido atrás da pintura chamada de "O assassinato do comendador". Ele também aprendeu a conviver com os estranhos personagens e objetos que o cercam desde que se estabeleceu em uma casa nas montanhas. E, a pedido de seu vizinho, ele começou a esboçar o retrato de uma adolescente peculiar, Mariê Akikawa.

Contudo, Marie desaparece misteriosamente no caminho de volta da escola, e nosso protagonista se lança em uma busca frenética. Neste segundo livro, de ritmo acelerado e cheio de suspense, os desfechos são revelados e se encaixam como num quebra-cabeça, para que toda a pintura faça sentido.

[Compre agora e leia](#)

VLADIMIR
NABOKOV
LOLITA

ALFAGUARA



Lolita

Nabokov, Vladimir

9788579621857

392 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos mais importantes romances do século XX.

Polêmico, irônico e tocante, este romance narra o amor obsessivo de Humbert Humbert, um cínico intelectual de meia-idade, por Dolores Haze, Lolita, 12 anos, uma ninfeta que inflama suas loucuras e seus desejos mais agudos. Através da voz de Humbert Humbert, o leitor nunca sabe ao certo quem é a caça, quem é o caçador.

A obra-prima de Nabokov, agora em nova tradução, não é apenas uma assombrosa história de paixão e ruína. É também uma viagem de redescoberta pela América; é a exploração da linguagem e de seus matizes; é uma mostra da arte narrativa em seu auge. Na literatura contemporânea, não existe romance como *Lolita*.

[Compre agora e leia](#)

luisa geisler

luzes de emergência
se acenderão automaticamente

ALFAGUARA



Luzes de emergência se acenderão automaticamente

Geisler, Luisa
9788579623264
296 páginas

[Compre agora e leia](#)

De certa forma, um relacionamento são duas pessoas que se recusam a desistir uma da outra. Duas pessoas igualmente ferradas, claro. É o que escreve Henrique, ou Ike, em cadernos que carrega consigo para todos os lugares. São cadernos em que fala de seu dia a dia, dos amigos, e de sonhos difusos que ele guarda para o futuro.

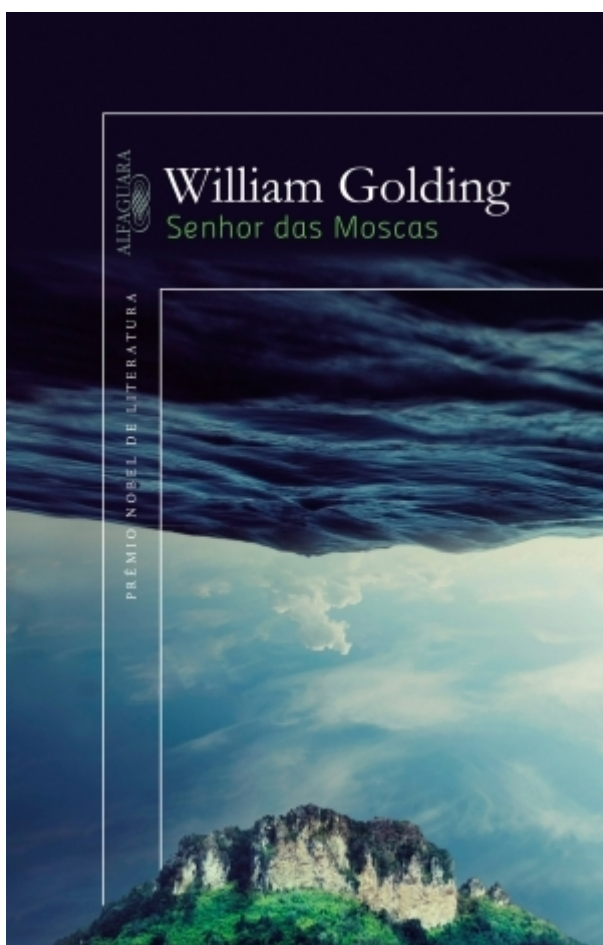
Henrique mora nos subúrbios de Porto Alegre com os pais, e é um garoto que se considera, em todos os aspectos, uma pessoa normal. Está na faculdade, trabalha num posto de gasolina em meio período, tem uma namorada. Fala pouco, é introspectivo, mas cultiva amizades sólidas. Tudo muda quando seu melhor amigo, Gabriel, bate a cabeça num acidente banal e, pouco tempo depois, é hospitalizado em coma. Após uma cirurgia de emergência, não há muito que fazer por ele, dizem os médicos. Apenas esperar. E Ike, os pais de Gabriel, o irmão mais velho e os amigos aguardam o menor sinal de melhora.

É então que, perto do Natal, Ike começa a escrever. São cartas em sequência ao amigo, como uma conversa, onde relata o que se passa na ausência do amigo. Para "quando tu acordar", diz ele. "Queria saber quando tu ia acordar, como tu tá, o que tem acontecido, se tem algo que dê pra fazer", escreve Henrique. As cartas são entremeadas por narrativas curtas, que dão a elas uma dimensão adicional: até que ponto Ike sabe realmente o que acontece à sua volta? O que pensam os outros?

Luisa Geisler constrói em "Luzes de emergência se acenderão

automaticamente" uma narrativa sutil, às vezes entremeada com um humor desconcertante, em outras com passagens cativantes. Ao compor esse mosaico, a autora desenvolve um romance surpreendente, emocional, sobre as incertezas do amadurecimento.

[Compre agora e leia](#)



Senhor das Moscas

Golding, William

9788579623202

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Publicado originalmente em 1954, *Senhor das Moscas* é um dos romances essenciais da literatura mundial. Adaptado duas vezes para o cinema e traduzido para 35 idiomas, o clássico de William Golding já foi visto como uma alegoria, uma parábola, um tratado político e mesmo uma visão do apocalipse.

Durante a Segunda Guerra Mundial, um avião cai numa ilha deserta, e seus únicos sobreviventes são um grupo de meninos. Liderados por Ralph, eles procuram se organizar enquanto esperam um possível resgate. Mas aos poucos esses garotos aparentemente inocentes transformam a ilha numa visceral disputa pelo poder, e sua selvageria rasga a fina superfície da civilidade.

Ao narrar a história de meninos perdidos numa ilha, aos poucos se deixando levar pela barbárie, Golding constrói uma reflexão sobre a natureza do mal e a tênue linha entre o poder e a violência desmedida.

A nova tradução para o português mostra como *Senhor das Moscas* mantém o mesmo impacto desde seu lançamento: um clássico moderno; um livro que retrata de maneira inigualável as áreas de sombra e escuridão da essência do ser humano.

[Compre agora e leia](#)

MICHEL HOUELLEBECQ



SEROTONINA

ALFAGUARA

Serotonina

Houellebecq, Michel

9788554513825

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nilista lúcido, Michel Houellebecq constrói um personagem obsessivo e autodestrutivo, que analisa a própria vida e o mundo que o rodeia com um humor ácido e virulento.

***Serotonina* mostra que o autor continua sendo um dos mais perspicazes analistas do século XXI.**

Florent-Claude Labrouste tem 46 anos, detesta seu nome e toma antidepressivos que liberam serotonina e causam três efeitos colaterais: náusea, falta de libido e impotência.

Seu périplo começa em Almeria (Espanha), segue por Paris e depois pela Normandia, onde os agricultores estão em luta. A França está afundando, a União Europeia está afundando, a vida de Florent-Claude está afundando. O sexo é uma catástrofe. A cultura não é mais uma tabua de salvação — nem mesmo Proust ou Thomas Mann são capazes de salvá-lo.

Nesse contexto, Florent-Claude descobre vídeos pornográficos assombrosos em que sua atual companheira aparece, e isso é a gota d'água para que ele deixe o trabalho e passe a viver em um hotel. Perambula pela cidade, visita bares, restaurantes e supermercados. Repassa suas relações amorosas, marcadas sempre pelo desastre, que transitam entre o cômico e o patético. Ao se reencontrar com um velho amigo aristocrata, que parecia ter uma vida perfeita, mas que foi abandonado pela esposa e se vê falido, Florent-Claude aprende a manejar uma arma de fogo — que vai mudar sua vida para sempre.

Em um espiral de problemas, Florent-Claude se torna um hábil

analista da contemporaneidade, de seus anseios, inseguranças e problemas. Sua vida, um reflexo do desinteresse pelo mundo, será o espelho das mais cruéis agruras da vida.

"Se há qualquer um hoje em dia, não só na literatura francesa, como na mundial, que reflita sobre a enorme mutação em curso que todos nós sentimos, e que não sabemos como analisar, esse escritor é Houellebecq." Emmanuel Carrère, *Le Monde*.

[Compre agora e leia](#)